

IMPRESSO

CPMTRATP M° 3956791
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

L • E • T **DF** R • A • S

Câmara Legislativa do Distrito Federal
Ano II - Nº 17 a 20

Suplemento Cultural
1995



CORA

Já faz dez anos...

Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas



Nascida no século passado, Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, em 20 de agosto de 1889, em Vila Boa de Goiás, Cora Coralina era uma mulher atual, inserida na realidade do seu tempo, como gostava de dizer. Dona de uma incrível vitalidade foi sempre uma mulher diferente, ousada para o seu tempo e a sociedade superconservadora da centenária Goiás. Escandalizou a cidade ao fugir com Cantídio Tolentino Figueiredo Bretas, com o qual se casaria em Andradina, São Paulo, onde viveu durante 16 anos, até voltar para sua cidade natal e morar na casa da Ponte da Lapa.

Aninha, mulher/mãe, mulher/poetisa, mulher/doceira ou simplesmente Cora Coralina, era a soma das várias mulheres que habitavam a sua alma. "Venho do século passado e trago comigo todas as idades", dizia.

Cora Coralina amava a vida, mas sabia da inevitabilidade da morte e ela veio em abril de 1985. Já no final de sua vida recebeu homenagens como o título de doutor Honoris Causa da Universidade Federal de Goiás, em agosto de 1983, o Troféu Juca Pato, como a intelectual do ano de 1984, dado pela União Brasileira dos Escritores e títulos de cidadania goiana e goianiense.

Dez anos da morte de Cora. *Dez anos sem*

Coralina... 1995 vai findando e com eleo esquecimento de uma obra. O tempo, esse implacável inimigo. Tardamente, Cora teve seu valor literário reconhecido pela crítica nacional, mas já foi esquecida pela "mídia da novidade". Os dez anos de sua morte passaram despercebidos pelos grandes jornais, revistas e meio literário. O DF-Letras registra o "esquecimento" da mídia com essa edição especial sobre Cora, Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, para sempre Coralina... Uma mulher que viveu...

Todas as vidas



*Vive dentro de mim
uma cabocla velha
de mau-olhado,
acocorada ao pé do borralho...
olhando pra o fogo.
Benze quebranto.
Bota feitiço...
Ogum, Orixá.
Macumba, terreiro,
Ogã, pai-de-santo...*

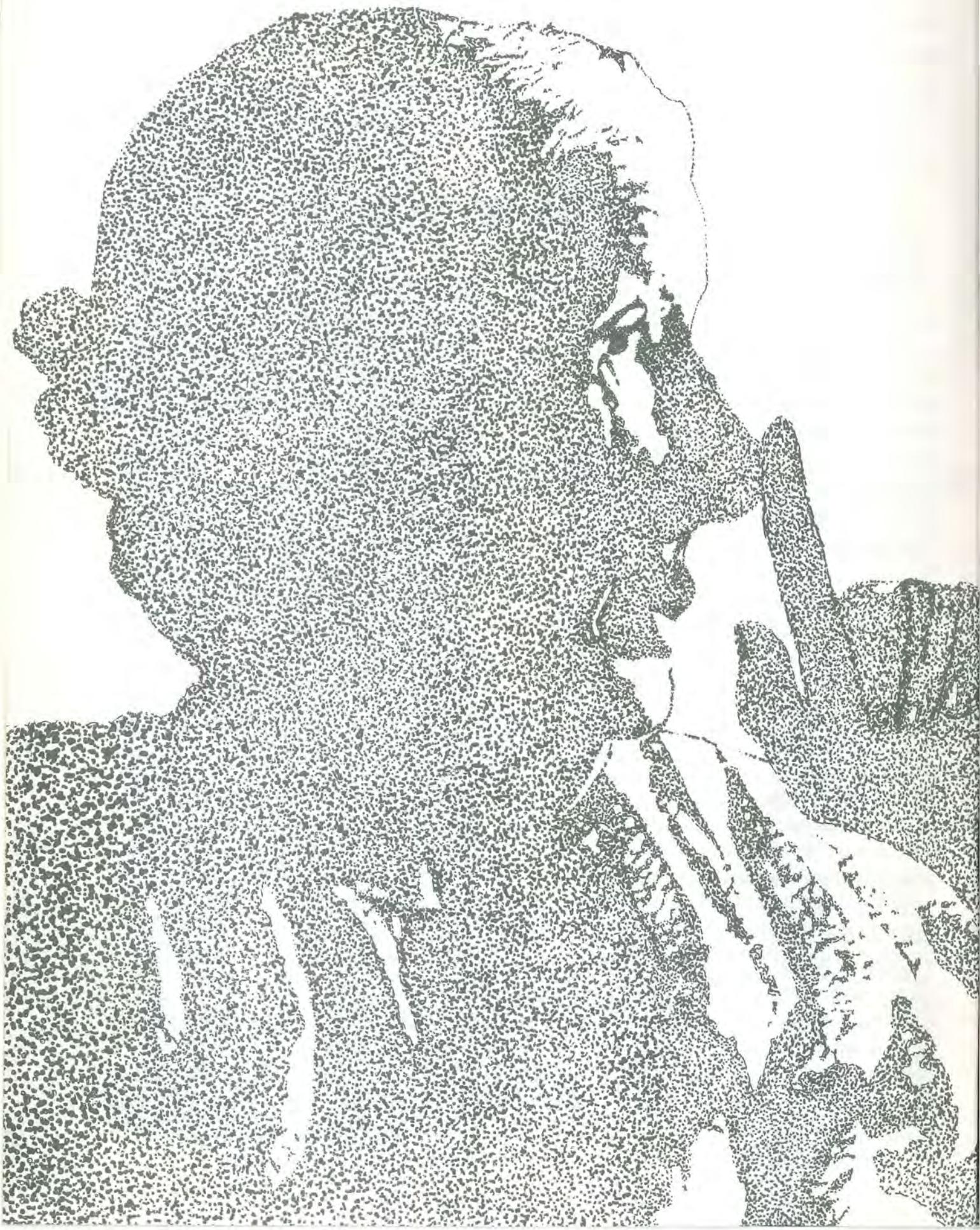
*Vive dentro de mim
a lavadeira do Rio Vermelho.
Seu cheiro gostoso
d'água e sabão.
Rodilha de pano.
Trouxa de roupa,
pedra de anil.
Sua coroa verde
de são-caetano.
Vive dentro de mim
a mulher cozinheira.
Pimenta e cebola.
Quitute bem feito.
Panela de barro.
Taipa de lenha.
Cozinha antiga
toda pretinha.
Bem cacheada de picumã.
Pedra pontuda.
Cumbuco de coco.
Pisando alho-sal.*

*Vive dentro de mim
a mulher do povo.
Bem proletária.
Bem linguaruda,
desabusada, sem preconceitos,
de casca-grossa,
de chinelinha,
e filharada.*

*Vive dentro de mim
a mulher roceira.
- Encerto da terra,
meio casmurra.
Trabalhadeira.
Madrugadeira.
Analfabeta.
De pé no chão.
Bem parideira.
Bem criadeira.
Seus doze filhos.
Seus vinte netos.*

*Vive dentro de mim
a mulher da vida.
Minha irmãzinha...
tão desprezada,
tão murmurada...
Fingindo alegre seu triste fado.*

*Todas as vidas dentro de mim:
Na minha vida -
a vida mera das obscuras.*



Coralina

■ Chico Nóbrega, Jornalista

Aos doze anos Cora Coralina, em razão de dificuldades financeiras da família, foi morar na fazenda de seu avô. Isso trouxe marcas para sempre em sua vida. Daí o seu apego à terra sedimentado nos 45 anos em que viveu no interior de São Paulo, num sítio, à beira de uma estrada de boiadeiros.

A poesia surgiu para Cora de maneira muito simples. Só fez o curso primário incompleto, mas leu muito e tinha os sentidos voltados para o seu tempo. Aos catorze anos escreveu os primeiros poemas, mas só conseguiu se exprimir plenamente quando se libertou da rigidez da Escola Parnasiana: a rima e a métrica. “Eu só me libertei das dificuldades poéticas depois do Movimento de 22, mas não acompanhei o Movimento”, dizia.

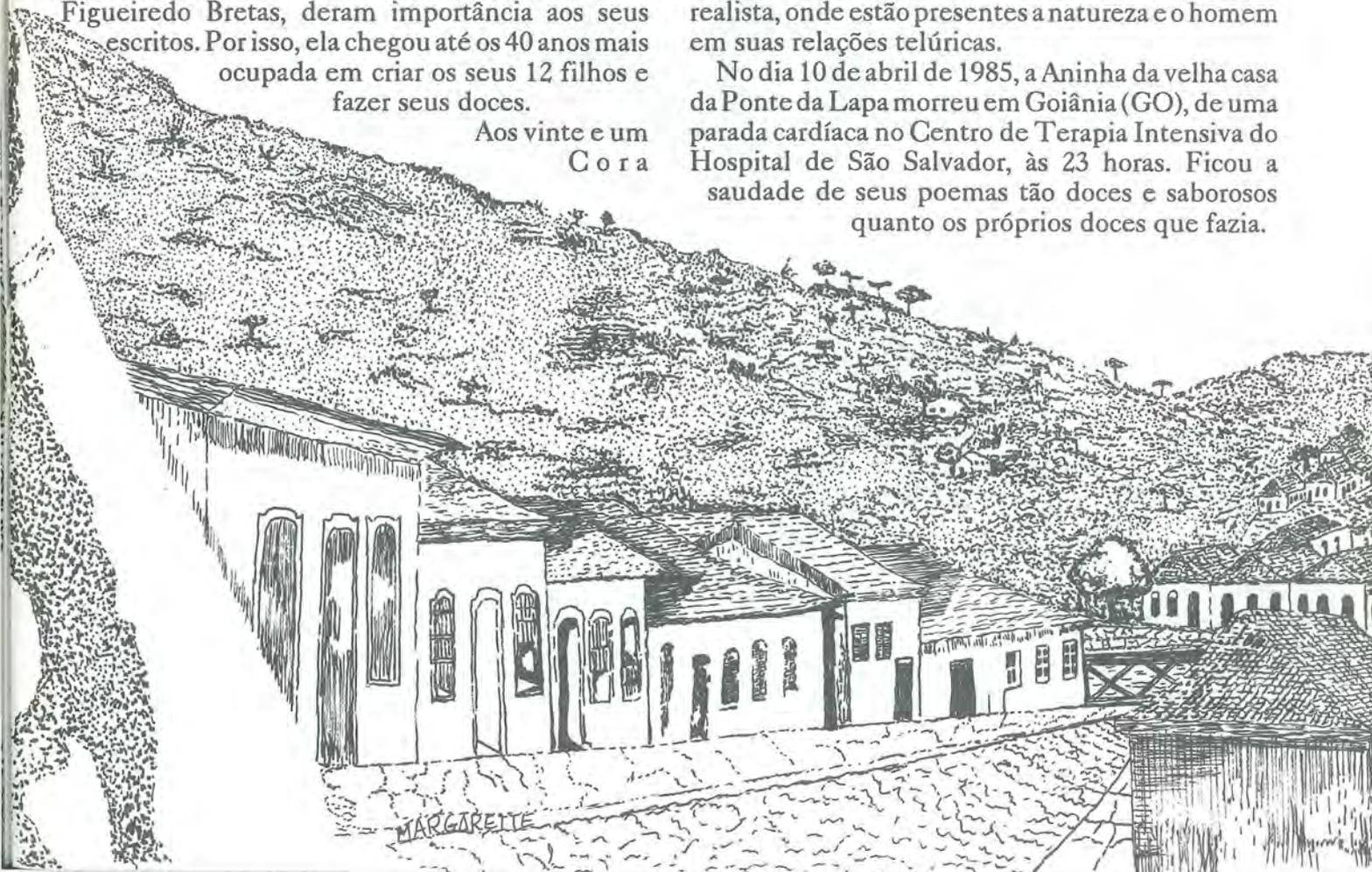
Nestes primeiros anos Cora era uma poetisa reclusa. Nem o pai, na Casa Velha da Ponte, em Goiás, nem o marido, Cantídio Tolentino de Figueiredo Bretas, deram importância aos seus escritos. Por isso, ela chegou até os 40 anos mais ocupada em criar os seus 12 filhos e fazer seus doces.

Aos vinte e um
C o r a

Coralina publicou o seu primeiro conto nas folhas do “Anuário Histórico e Geographico e Descriptivo do Estado de Goiyas”, sob o título: *Tragédia na Roça*. Aos 40 anos, Cora Coralina ficou viúva em Jaboticabal (SP) e retornou à casa onde nasceu, dando início à publicação de suas obras. Aos 65 anos, ela conseguiu editar o primeiro livro “Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais”, pela editora José Olympio; a seguir, vem “Meu Livro de Cordel”, publicado pela Universidade Federal de Goiás, contos da “Casa Velha da Ponte” e por último, em 1984, “Vintém de Cobre-Meias Confições de Aninha”.

Integrante da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás e da Academia Goiana de Letras, onde ocupou a cadeira 38, a partir de 1984, Cora Coralina passou a ter a sua obra reconhecida e reverenciada. Na linguagem de mulher simples, Cora funde o tom coloquial da fala interiorana de Goiás com a lucidez de sua visão universalista, realista, onde estão presentes a natureza e o homem em suas relações telúricas.

No dia 10 de abril de 1985, a Aninha da velha casa da Ponte da Lapa morreu em Goiânia (GO), de uma parada cardíaca no Centro de Terapia Intensiva do Hospital de São Salvador, às 23 horas. Ficou a saudade de seus poemas tão doces e saborosos quanto os próprios doces que fazia.



Os pensamentos de Cora

Já famosa e respeitada, Cora Coralina recebeu em sua casa, em Goiânia, o repórter Celso Araújo e falou abertamente sobre vários temas. Lembrando o poeta chileno Plabo Neruda, confessou que viveu e que a poesia "era uma necessidade interior". A entrevista foi publicada pelo "Jornal de Brasília" em 1977.

■ Como a senhora começou sua labuta literária?

– Comecei a escrever aos 14 anos de idade aquilo que eu chamava os meus escritinhos e com uma grande vaidade. Não comecei com a poesia, mas com a prosa e durante muito tempo fazendo prosa tentava a poesia, mas enquanto a poesia esteve determinada pela rima e pela métrica, eu não consegui escrever uma simples frase. Só comecei a escrever poesia depois que ela se libertou da rima e da métrica.

■ Quais as primeiras impressões de vida que acabariam por tornar-se tema para sua produção?

– O que eu podia falar como jovem? Fantasi-as! Apenas eu não sabia absolutamente o valor do que eu escrevia. Tinha uma vaidade de escrever no total, aparecer no jornalzinho da minha terra, onde havia um grupo literário bastante prestigiado pela cidade, pelos estudantes, pelos jovens. Não tive motivação maior senão a fantasia, pois não fiz o ginásio, não tinha estudos literários ou formação de Liceu. Estava sem estímulo nenhum da família e da sociedade em geral, senão aquilo que vinha do meu íntimo, do meu interior.

■ A senhora morou em Goiás Velho?

Nasci e me criei em Goiás Velho, até que me casei. Nasci no século passado, casei-me em 1910 e um ano depois deixei Goiás e fui para São Paulo com o meu marido, que não era goiano. No Estado de São Paulo eu vivi 45 anos da minha vida, encaixada e sem voltar à minha terra. Só voltei a Goiás em 1956. Em São Paulo tenho quatro filhos, quinze netos e quinze bisnetos e tem 21 anos que voltei à minha terra, que sempre esteve presente ao meu emocional. Nunca me *apaulistei*, nunca deixei de ser mulher goiana e mais que tudo, mulher sertaneja; com todas as marcas de uma mulher sertaneja – de que me orgulho. Depois de ter dado 45 anos de minha vida aos meus filhos, eu quis viver longe deles.

■ Durante o tempo em que a senhora esteve em São Paulo aconteceram alguns dos mais fortes movimentos culturais do país. Participou de algum deles?

– Não. Acompanhava de longe, pelos jornais. Por uma razão muito simples, e durante esse tempo muito pouca coisa eu escrevi, porque meu marido carregava com ele a *tara do ciúme*, aceitava que eu escrevesse mas não que publicasse. E eu nunca escrevi pra mim, nunca. Escrever

para o público, escrever para ser lida, criticada, elogiada e mais do que tudo isso, corrigida e ensinada.

■ Isso não lhe revolta?

– Não, meu marido me transformou numa criatura vedada, ele não admitia nenhum contato, nenhuma publicidade. E eu aceitava aquilo, sempre fui muito doméstica, muito mãe de família, sempre gostei da minha casa. Uma das fugas era o jardim. Tive plantas de roseiras e criação de plantas de sombra. Eu vivo as minhas ocupações. Coloco a poesia em tudo aquilo que faço, o meu sentido. Quero que seja o mais bonito, corrigir os erros, tanto o quanto eu possa alcançar ali. Na cidade onde morei, eu tinha as mais belas roseiras e meu marido se ufanava daquilo. E depois meus filhos me fizeram e me fazem extremamente feliz. Eu vivo da paz e da felicidade deles. É o reflexo que eu ainda recebo. Agora, sou independente.

■ A que a senhora atribui essa maneira de colocar o espírito em tudo o que faz? Porque hoje as pessoas são...

– Superficiais!

■ Justamente. A que a senhora atribui isso?

– Algumas restrições da minha vida, da minha infância. Eu era comprimida no meu ímpeto natural, o meio, a formação, mais tarde o marido. E acredito que isso fosse uma válvula de escape.

■ Um encontro com a liberdade?

– Justamente.

■ Hoje em Goiás Velho, diríamos que teria sido muito interessante conversar com a senhora em sua casa, pois sua poesia parece estar impregnada daquela paisagem, daquela casa, da cidade.

– Ali eu sinto que tenho as minhas raízes profundas, enleada àquelas pedras. Agora acredito que eu seja a mesma lá e aqui, em Goiânia.

■ Claro. Mas estou falando...

– Eu me identifico com a minha casa, com aquele rio, porque tenho as minhas raízes. Mas se você me perguntar: a senhora gosta daquela cidade? Eu lhe direi, não gosto nem desgosto, mas é a única cidade que me serve para morar. E depois se você pensar numa mulher que deixa os filhos para ir viver a vida dela, você tem que considerar que esta mulher tem qualquer marca um pouquinho diferente.

■ Sua produção tem mais intensidade com sua volta de São Paulo a Goiás?

– Sim. Foi naquele meio, afastada de tudo o que me prendia, sozinha, longe da vida de meus filhos (porque uma mãe quando mora com os filhos vive a vida de todo mundo, menos a dela). Quando eu senti uma necessidade imprecisa, obscura de me pôr de longe, eu tinha qualquer coisa que me forçava a isso. Em Goiás, vamos dizer assim, abriram-se as portas do pensamento e escre-



“Não, não quero dizer mais nada”

vi o primeiro livro publicado.

■ **Esse livro – Poemas dos Becos de Goiás – saiu primeiramente pela Editora José Olympio, não é?**

– Sim, e eu lembro que o Oswaldino Marques, sem me conhecer, escreveu um belo artigo sobre o livro, porque Goiânia recebeu o livro como um impacto. Sem compreender o livro. A crônica de Oswaldino Marques a meu respeito deixou-me bastante satisfeita, porque ele não me conhecia. Hoje em dia é muito comum um escritor pedir prefácio ou crítica para o seu livro.

Foi, então, uma grande satisfação poder ter publicado esse primeiro livro.

Como eu já disse, nunca escrevi só para mim. Sempre fui uma pessoa de comunicação. Vivia cercada pela dúvida a respeito do valor daquilo que eu estava escrevendo, mas afinal o impulso maior foi para publicar. Esse primeiro livro saiu pela José Olympio sem eu esperar, os originais estavam na Editora Nacional.

■ **A senhora hoje está com quantos anos?**

– Uma porção. Por que perguntas quantos anos tenho, se mostro nos meus cabelos brancos e na minha sofrida face a minha venerada idade?

Pergunta assim: Cora Coralina, como te sentes na tua maioridade?

E eu contarei uma estória muito mais interessante do que a conta certa dos meus anos.

Cheguei a escrever isso. É a constante em Goiás, 99% das pessoas que vão me visitar fazem essa pergunta. Eu não dou o gosto de dizer, senão acabariam me perguntando o dia, o mês e o signo. Respondo como estou dizendo; não pinto os cabelos, não faço maquiagem e nem ando desnudada como as jovens. A minha idade está na cara. Eu me sinto como uma criatura ainda em plena maturidade, uma criatura que não entrou ainda no pardo da sensibilidade. Ainda tenho controle dos meus pensamentos, ainda tenho uma mente criadora, ainda sou uma mulher que realiza, que trabalha e que produz. Não sou uma criatura de consumo, sou uma criatura de produção e isso me faz forte.

■ **O que representa a poesia para a senhora?**

– Para mim é uma necessidade interior de expressão, de recriação.

■ **O seu segundo título chama-se Livro de Cordel. Ele é trabalhado nos moldes da literatura de cordel?**

– Não. Então, eu digo: “Pelo amor que tenho a todas as estórias e poesias de cordel, que este livro assim o seja, assim o quero, numa profunda e obstinada identificação com os meus irmãos, menestréis nordestinos, povo da minha casta, meus irmãos do Nordeste rude, de onde um dia veio o meu pai”.

Eu tenho livros de estórias e um deles chama-se *Estórias da Casa Velha da Ponte*. Não publico por falta de editora e de dinheiro.

■ **A senhora sempre fala de Goiás com uma certa mágoa? Por quê?**

– O único estímulo que tenho lá, parte de mim. Ou você acha que a mocidade me estimula em alguma coisa? A frieza, a indiferença das pessoas, a falta de um jornal, de uma estação de rádio que havia mas foi fechada, não existe mais aquela cidade. Na minha mocidade, havia um grupo muito interessante e esse grupo sustentou a tocha olímpica da literatura goiana. Como hoje eu digo, eu sou a portadora autêntica da tocha da literatura goiana.

■ **Como a senhora sobrevive, hoje?**

– Através dos doces que faço. Por força da necessidade, tornei-me doceira. Gosto dos doces que faço, sou uma mulher operária e meus doces valem mais que um livro de poemas, vendidos a trinta cruzeiros. Olhe a diferença dos preços.

■ **As pessoas do sertão, as mulheres, as crianças têm alguma influência na sua vida?**

– Os velhos da minha família me deixaram uma marca profunda. O convívio com o homem do campo,

com o homem da cidade, o ignorante,

aprendi muito com eles. Não imponho a ninguém assuntos literários,

nem a estranhos nem a pessoas da minha família. Sempre me achei muito mais sozinha do

que acompanhada. No passado, uma moça que gostasse de ler e escrever era tida

como uma moça romântica. Se uma moça se desse à literatura e esquecesse as obrigações

da casa estaria arrasada. A moça tinha que ser prestimosa, uma palavra

que ainda hoje soa nos meus ouvidos.

dos.

■ **Já teve oportunidade de conhecer Brasília?**

– Já fui quatro vezes. É uma cidade da minha admiração, ligada à pessoa de Juscelino Kubitschek. É uma cidade para orgulho de todo brasileiro, principalmente do jeito que foi feita, por um homem que tinha tudo contra ele. O Rio de Janeiro em peso era contra a construção de Brasília. O Brasil não tinha recursos para fazer uma capital nova, mas quando a pessoa vem determinada para certos destinos, ela rompe todas as dificuldades e vai em frente. Os grandes realizadores nunca foram milionários, porque o milionário fica emparedado dentro dos seus haveres e obsecado apenas pelos números. E Juscelino teve tudo contra ele e no fim apenas no fim, ainda teve uma morte maravilhosa: foi despedaçado na frente de uma jamanta. É como se o destino quisesse com isso que cada pedaço do corpo dele fosse atirado em cada Estado do Brasil, a quem ele serviu e ajudou. Sinto-me feliz, tranquila, apaziguada e o desejo de publicar meus livros. Os que publiquei foram as duras penas, cheguei a vender uma casinha que tinha no interior.

■ **A senhora não quer dizer mais nada?**

– Não, não quero dizer mais nada.



Cora dos Goiases

Professora da existência

■ Osvaldino Marques

Antes mesmo de conhecê-la pessoalmente, o crítico literário Osvaldino Marques escreveu um artigo denso e consistente sobre o livro "Poemas dos Becos de Goiás". Cora, na simplicidade de sua vida interiorana, ficou surpresa e feliz com o estudo que leu sobre os "devaneios de seus sentimentos". Encorajada, foi em frente. Osvaldino, hoje recluso em seus próprios devaneios – há quem diga que ele vive sob o mais absoluto anonimato numa anônima casa de Taguatinga – é autor deste longo e profundo estudo sobre a obra da "Senhora da Casa Velha da Ponte". Frente aos modismos e a importação de modelos, tão comuns na poesia nacional, Cora Coralina não se mostrou subserviente. Para Osvaldino, Cora funcionou como uma antena captando a essência do espírito brasileiro. É obra de muitos extratos: humano, social, político, ideológico, com espírito crítico, demolidor.



Para a poetisa goiana, Cora Coralina, existir é uma maneira de resistir, coexistir, transistir. Sua vitalidade, ela suga-a de um profundo enraizamento tribal e telúrico, colorido por uma desafetação e verve de intenção que eu diria séria, tal a postura pedagógica que inconscientemente assume, de Mestre de todos nós, de propedeuta de vida. Livre, turbulenta, receptiva, cultivadamente rude, ergue-se das matrizes do seu belo livro **POEMAS - Dos Becos de Goiás e Estórias Mais** como matriarca provida de tenazes liames carnis e espirituais com as castas de sua gente. Assim como Juana de Ibarbourou foi cognominada Juana da América, assim a nação do planalto brasílico deveria, numa festa de consagração nativista, rebatizá-la *Cora dos Goiases*, o que, ou muito me engano, lhe caberia ao seu mais constelado galardão. Ela é, à sua maneira, da estirpe das Gabriela Mistral, das Rosália de Castro.

Às vezes parece um Whitman interiorano, de cabeça e saia (... I am the most venerable mother, / how clear is my mind - how all people draw nigh to me). Às vezes semelha um desses anônimos mestres de arte toreuta estoriando em painéis inavaliáveis a saga popular.

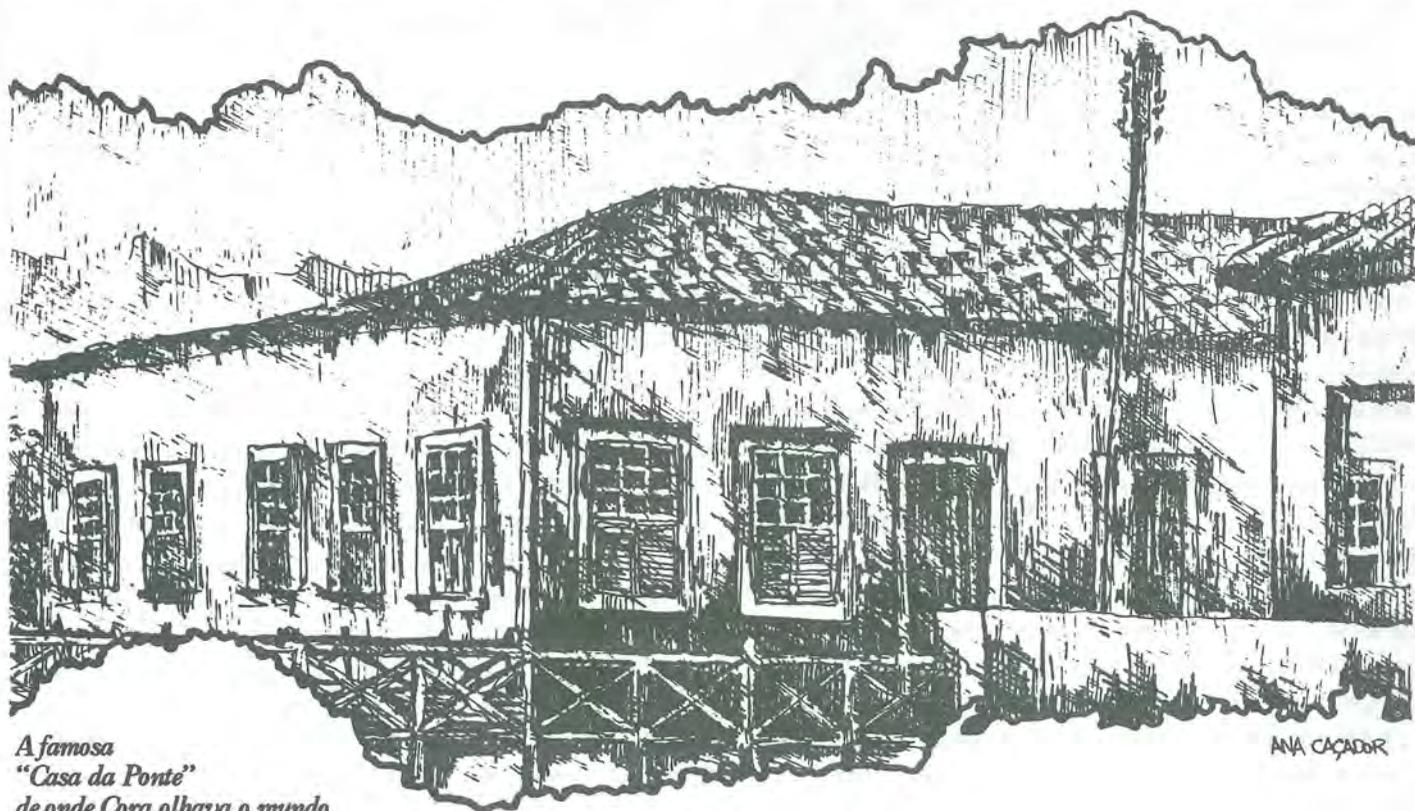
Não fora o providencial acaso de emprestar-me o POEMAS uma amiga, professora Dulce Mota Burlamaqui, provavelmente jamais viria a desfrutar do convívio artístico com a autora de "*Oração do Milho*", o que bem atesta a urgente necessidade de retirar a rapsoda do limbo em que sofre o seu outono exemplar. Até então, só conhecia de sua lavra o desabusado e tocante "*Todas as Vidas*", que a romancista Maria Ramos em boa hora fez publicar no "*Caderno Cultural*" do *Correio Brasileiro* de 17.5.69, com um retrato a bico-de-pena de Uragami. Essa mostra, seja dito, aguçou-me o desejo de familiarizar-me com outras produções de quem, sob a aparência de uma tosca e impertinente expressão, tão astutamente me ligava ao cerne da poesia por filamentos capilares muito bem embebidos na carnação do verso. Minha expectativa foi em cheio satisfeita com o saboreamento dos demais trabalhos enfeixados em POEMAS, obra que constitui, sem favor algum, das mais bem sucedidas invenções da sensibilidade feminina do nosso país.

Nestes tempos de experimentalismo, de vanguarda à outrance, é bom logo advertir que enver-

daria por descaminho quem saísse à cata, nas páginas coralinas, de malabarismos invencioneiros e pelotiquices outras. Beiradeando mais o lado da realidade do que o da linguagem, ela ensaia preferentemente a polpa de suas vivências, ou melhor dito, os dados da sua circunstância concreta. Se não inova, repoeiza - e com que convincentes poderes! - dilatados espaços brasileiros, sem deixar, por isso, de restabelecer o tráfego com a universalidade do humano.

Conquanto livres os seus ritmos, quase dissolutos os seus números, a valência do léxico presente a POEMAS pende mais para a densidade arcaizante, a sedimentação primitiva do idioma. O sabor, assim prevalecente, é nitidamente castiço, terso, de boa cepa vernácula. É sábio, todavia, o matizamento logrado mediante o uso de considerável cópia de regionalismos que, sobre responderem por esplêndidos efeitos sonoros, estilísticos, robustecem a confiança do leitor na consumada ciência ambiental, ecológica, de quem, como a poetisa, maneja com absoluta perícia o instrumental denotativo da região. Ao lê-la pensamos, não raro, num Guimarães Rosa transposto para a poesia de Goiás. É extraordinária a maneira como absorve, assimila o tempo e a geografia desse perdido paraíso dos trópicos, reofertado a nós em sua autenticidade inaugural.

Os tons elegíacos e ódicos alternam-se no instrumento de Cora Coralina, pois estamos em presença



A famosa
"Casa da Ponte"
de onde Cora olhava o mundo

não apenas de uma restauradora de crepúsculos, mas também de uma anunciadora, de uma celebradora de adventos, de fundações de urbes e de novas formas de convívio. É o que atesta, por exemplo, "*Cântico de Andradina*", com uma nítida abertura para a identificação grupal, a adesão aos júbilos coletivos. A poetisa sai do seu casulo, enleava-se com a polifonia da construção de uma cidade e entoava seu hino de certezas.

As produções reunidas em POEMAS podem ser classificadas, grosso modo, sob duas rubricas: documentos e criações líricas. Não pense, contudo, que mesmo as que se enquadram sem esforço no primeiro item se confundam com relatórios, com insípidas páginas cartorárias. A resina aromática da poesia neutraliza o mofo dos sarcófagos do passado e suscita a sua ressurreição graças ao sortilégio da palavra balsâmica.

São documentos na medida em que funcionam como traslado dos gestos e dos vínculos ritualizados do grupo social, no seu defrontar inter-subjetivo. "*Vintém de Cobre*", por exemplo, é um registro do estatuto familiar, das relações de classe, da fetichização da poupança doméstica, assim como o é, também, "*Beco da Vila Rica*", felicíssimo croquis urbano. "*Evém Boiada*" grava, em lavor de entalhe, a lida pecuária, as vicissitudes da vida rural. Dado o propósito dominante de fixação do comportamento coletivo, os poemas referidos se avizinham mais da crônica estoriada, com o descritivo, o factual, o denotativo a denunciarem os contornos da prosa. A tensa expressividade, toda-

via, da linguagem de Cora Coralina, o seu à vontade demiúrgico *in medias res*, a tomalização algo sacralizadora que emulsiona o seu verso, restabelecem os direitos da poesia.

Já desse equilíbrio precário não se ressentem poemas como "*O Prato Azul-Pombinho*", "*Estória do Aparelho Azul-Pombinho*", "*Pouso de Boiadas*",

onde a informação e o lirismo se enviscam com solda tão potente que, de pronto, espancamos as nossas desconfianças e nos rendemos jubilosos ao doce jugo da artista.

"*O Prato Azul-Pombinho*", uma das mais belas realizações da coletânea, exibe a singularidade de constituir um

poema dentro do poema, ambos desdobrados em dois enleantes motivos, com a aclimatação do exótico oriental ao exótico brasileiro (sim, esse sentimento também nos frequenta), tudo penetrado do saboroso tom conversacional da escritora.

Das criações eminentemente líricas, é justo salientar "*Rio Vermelho*", "*Velho Sobrado*", *transubstanciação* do tempo em matéria emocionada.

"*O Palácio dos Arcos*", túrgido

de vivências brasileiras, de agenciante poder descritivo sem prejuízo da expressividade, "*Caminho dos Morros*", reminescente de "*O Recado do Morro*", de Guimarães Rosa, e "*A Jaó do Rosário*".

Merece referência à parte o magnífico "*Poema do Milho*", precedido de "*Oração do Milho*", ambos de esplêndida concepção e fatura, a reter em sua unidade imagética alto teor de poesia. A "*Oração*" é como convém, devocional, repassada de um toque bíblico. Inscreve-se em sua textura um lapidar verso: "Não me pertence a hierarquia tradicional



“Ao lê-la, pensamos num Guimarães Rosa transposto para a poesia de Goiás”



ANA CRACADOR

“Procissão do Fogaréu”, uma das manifestações folclóricas de Goiás Velho

do trigo”. O “Poema do Milho” é antológico, indiscutivelmente a obra-prima de Cora Coralina. Nele se contém talvez a mais brilhante poetização da febre genésica vegetal que conheço. É de ver a arte consumada com que a autora goiana transmuta a sua ciência do cultivo da terra em superior, lídima poesia.

“E o milho realiza o milagre genético de nascer. / Germina. Vence os inimigos. / Aponta aos milhares. / Seis grãos na cova. / Quatro na regra, dois de quebra. / Um canudinho enrolado. Amarelado pálido, / frágil, dourado, se levanta. Cria substância. / Passa a verde. / Liberta-se. Enraíza. / Abre folhas espaldeiradas. / Encorpada. Encana. Disciplina, / com os poderes de Deus”.

Só uma mulher encharcada de labuta das roças, mas conservando intacta a sua feminilidade, poderia, num passe de mágica, descerrar a nossos olhos o desenvolvimento gestatório do milho como farândolas de *Jeunes Filles en Fleurs*, quase um desfile de manequins em passarelas sofisticadas... “Milho embandeirado / bonecando em gestação. / Senhor!... Como a roça cheira bem! / Flor de milho travessa e festiva. / Flor feminina, esvoaçante, faceira. / Flor masculina - líbrica, desgraciosa. / Bonecas de milho túrgidas, / negaceando, se mostrando vaidosas. / Tíni-

cas, sobretúnicas... / Saias, sobre-saias... / Anáguas... camisas verdes. / Cabelos verdes... / Cabelos soltos, lavadas, despenteadas... / O milharal é desfile de beleza vegetal.

“Cabelos vermelhas, bastas, onduladas. / Cabelos prateados, verde-gaio. / Cabelos roxos, lisos, encrespados. / Destrançados. / Cabelos compridos, curtos, / queimados, despenteados... / Xampu de chuvas... / Fragrâncias novas no milharal. / Senhor, como a roça cheira bem!... Boneca de milho, vestida de palha... / Sete cenários defendem o grão. / Gordas, esguias, delgadas, alongadas. / Cheias, fecundadas. / Cabelos soltos, excitantes. / Vestidas de palha. / Sete cenários defendem o grão. / Bonecas verdes, vestidas de noiva. / Afrodisíacas, nupciais... De permeio algumas virgens loucas... / Descuidadas. Desprovidas. / Espigas falhadas. Fanadas. Macheadas... Cabelos verdes. Cabelos brancos. / Vermelho-amarelo-roxo, requemado... / E o pólen dos pendões fertilizando... / Uma fragrância quente, sexual, invade num espasmo o milharal.

“A boneca fecundada vira espiga.

Amortece a grande exaltação.

Já não importam grandes cabeleiras rebeldas.

A espiga cheia salta da haste.

O pendão fálico vira ressecado, esmorecido, no sagrado rito da fecundação”.

SOU O MILHO

■ Introdução ao Poema

■ Dalva Gebrin

Oração do Milho

■ Cora Coralina



*Senhor, nada valho.
Sou a planta humilde dos quintais pequenos e das lavouras pobres.
Meu grão, perdido por acaso,
nasce e cresce na terra descuidada.
Ponho folhas e haste, e se me ajudardes, Senhor,
mesmo planta de acaso, solitária,
dou espigas e devolvo em muitos grãos
o grão perdido inicial, salvo por milagre,
que a terra fecundou.
Sou a planta primária da lavoura.
Não me pertence a hierarquia tradicional do trigo
e de mim não se faz o pão alvo universal.
O Justo não me consagrou Pão de Vida, nem lugar me foi dado nos altares.
Sou apenas o alimento forte e substancial dos que
trabalham a terra, onde não vinga o trigo nobre.
Sou de origem obscura e de ascendência pobre,
alimento de rústicos e animais do jugo.*

*Quando os deuses da Hélade corriam pelos bosques,
coroados de rosas e de espigas,
quando os hebreus iam em longas caravanas
buscar na terra do Egito o trigo dos faraós,
quando Rute respigava cantando nas searas de Booz
e Jesus abençoava os trigais maduros,
eu era apenas o bró nativo das tabas ameríndias.*

*Fui o angu pesado e constante do escravo na exaustão do eito.
Sou a broa grosseira e modesta do pequeno sítiante.
Sou a farinha econômica do proletário.
Sou a polenta do imigrante e a miga dos que começam a vida em terra estranha.
Alimento de porcos e do triste mu de carga.
O que me planta não levanta comércio, nem vantagem dinheiro.
Sou apenas a fartura generosa e despreocupada dos paióis.
Sou o cocho abastecido donde rumina o gado.
Sou o canto festivo dos galos na glória do dia que amanhece.
Sou o cacarejo alegre das poedeiras à volta dos seusinhos.
Sou a pobreza vegetal agradecida a Vós, Senhor,
que me fizestes necessário e humilde.
Sou o milho.*

Dalva Gebrin é professora de Literatura formada pela Universidade de Brasília. Estudiosa da obra de Cora Coralina desde 1983 a quem conheceu pessoalmente, Dalva vem reunindo um vasto material a respeito da poetisa de Goiás para apresentar, futuramente, como tese de mestrado junto ao Departamento de Letras da Universidade de Brasília.

A N Á L I S E L I T E R Á R I A

Desdobramento do Esquema

1.0. Apresentação

O texto "Oração do Milho" é composto de três estrofes, encerrando um total de 37 versos, sendo que o maior tem 22 sílabas métricas

v. 13:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22
/ O | Jus | to | não | me | con | sa | grou | Pão | de | Vi | da
/ nem | lu | gar | me | foi | da | do | nos | al | ta | res

e o menor tem 3 sílabas métricas

1 2 3

/ Sou | o | mi | lho |

O motivo do poema é o milho: cereal da família das gramíneas, originário da América, onde se cultiva nas terras de clima tropical e subtropical, assim como nos de clima temperado com verões quentes. Foi levado para a Europa pelos colonizadores... O milho, assim como o feijão e a mandioca, está extraordinariamente arraigado nos hábitos alimentares do brasileiro. Praticamente todo o território do País presta-se a essas culturas que dão safra de três em três meses, e por isso adaptam-se perfeitamente à economia de subsistência dos caboclos e dos índios. O Brasil é o terceiro produtor mundial de milho, e Patos-MG é o maior centro produtor de milho do Brasil. As estatísticas não espelham com fidelidade sua produção, pois uma

grande parte dela não entra na circulação comercial. O consumo interno é o fator estimulante dessa produção elevada. O milho é largamente utilizado no Brasil, seja para a alimentação dos animais, seja para a dos homens. Tanto o luso-brasileiro dele se nutre em diversos pratos, o angu, o fubá, a pamonha, a canjica, a brôa, o cuscuz, etc., como o colono italiano, com a polenta. O seu consumo hoje em dia expandiu-se excepcionalmente, sendo alimento básico na região Nordeste, bem como nas regiões interioranas de pobreza acentuada. O cultivo do milho é simples; não se usa arados nem adubos, o que confirma o seguinte verso:

*/ Meu grão, perdido por acaso, /
nasce e cresce na terra descuidada. /*

1.2. Visão global do poema

O poema se nos apresenta em forma de oração:

V.1: "Senhor, nada valho".

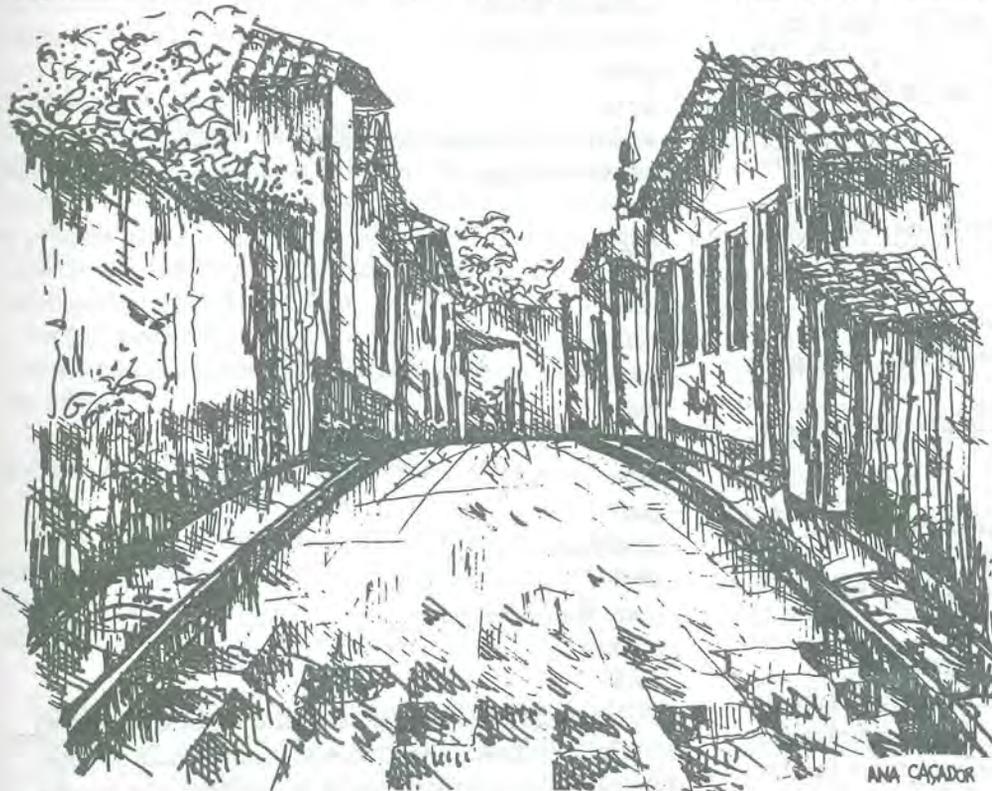
V.5: "...e se me ajudardes, Senhor",

V.35: "Sou a pobreza vegetal agradecida a Vós, Senhor".

Podemos afirmar que a autora valeu-se da apóstrofe, dirigindo-se ao Senhor, invocando-O e depois agradecendo-O.

A *Oração do Milho* apresenta-se na forma em que aparece a maioria dos poemas líricos: em primeira pessoa, no enunciado de um eu que se apresenta (*Senhor, nada valho / Sou a planta humilde dos quintais pequenos e das lavouras pobres*), pede ajuda (...*eseme ajudardes, Senhor, / mesmo planta do acaso, solitária, / dou espigas e devolvo em muitos grãos / o grão perdido inicial, salvo por milagre, / que a terra fecundou, /* expressão pessoal de sua necessidade e da promessa de recompensa (*dou espigas e devolvo em muitos grãos / o grão perdido inicial (...)*) / e, finalmente, num processo de profunda aceitação de sua condição de pobreza e humildade, agradece (*Sou a pobreza vegetal agradecida a Vós, Senhor, / que me fizestes necessário e humilde*).

Enquanto leitores, encontramos o poema no contexto em que a poetisa o colocou, ou seja, num livro de poesias, portanto não destinado ao emprego litúrgico, a um obje-



ANA CAÇADOR

Em vários poemas, Cora retrata a simplicidade das ruas de sua cidade

ANÁLISE LITERÁRIA

tivo prático, sendo, assim, o sujeito-de-enunciação não um *eu prático*, mas um *eu lírico*. O que se poderia dizer é que o eu-lírico assemelha-se ao eu-congregacional:

"(...) *O eu da oração é o eu da congregação e não se pode determinar até que ponto o orador individual participa pessoalmente deste "eu" congregacional, o que, entretanto, não tem nada a ver com a estrutura da oração e sua intenção. (...)*" (Käte Hamburger, *A lógica da criação literária*, in *Gênero lírico*, p. 172)

Nas duas primeiras estrofes podemos ver claramente o jogo antitético entre o milho e o trigo e entre as civilizações (trigo e milho); enquanto na terceira estrofe vê-se o aflorar da consciência do Ser - o que será desenvolvido oportunamente.

Os versos são heterométricos, com dois *enjambements* alongando os versos 7-8, 14-15 e, conseqüentemente, alterando a modulação rítmica:

Vs. 7-8: / *dou espigas e devolvo em muitos grãos /
o grão perdido inicial, salvo por milagre, /*

Vs. 14-15: / *Sou apenas o alimento forte e substancial dos
/que trabalham a terra, onde não vinga o trigo nobre, /*

O ritmo nos versos longos é fluído ou distendido e nos versos curtos é sincopado ou picado. A oscilação entre os versos fluídos e sincopados cria, em nível de ritmo, o jogo antitético:

V. 10: 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
/ Sou | a | plan | ta | pri | má | ria | da | la | vou | ra
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14
/ Não | me | per | ten | ce | a | hie | rar | qui | a | tra | di | cio
/ nal | do | tri | go

Milho = planta primária x trigo = hierarquia tradicional

A intertextualidade, encontramos-la nas referências bíblicas e históricas (civilizações):

V.12: / *e de mim não se faz o pão alvo universal. /*

V.13: / *O Justo não me consagrou Pão de Vida, nem lugar
me foi dado nos altares /*

V.18-24: *Quando os deuses da Hélade corriam pelos
bosques,*

coroados de rosas e de espigas,

quando os hebreus iam em longas caravanas

buscar na terra do Egito o trigo dos faraós,

quando Rute respigava cantando nas searas de Booz

e Jesus abençoava os trigais maduros,

eu era apenas o bró nativo das tabas ameríndias.

Como se pode constatar, além das referências bíblicas, há referências históricas das civilizações grega, hebraica, egípcia e americana (índios) - o que será mais amplamente explorado ao longo deste trabalho.

O vocábulo é acentuadamente rural:



Árvores retorcidas, típicas do cerrado

- quintais pequenos
- lavouras pobres
- terra descuidada
- grãos
- terra
- alimento de rústicos (lavouradores)
- animais do jugo
- bró
- angu
- broa
- eito
- sitiante
- porcos
- mu
- paióis
- cocho
- gado
- poedeiras
- ninhos
- canto festivo dos galos
- farinha
- milho

A linguagem é culta, a estrutura frasal está dentro dos cânones tradicionais, com predominância da coordenação sobre a subordinação, e também com predominância dos períodos curtos sobre os períodos longos,

ANÁLISE LITERÁRIA



ANA CAÇADOR

Por estas ruas coloniais, Cora passou e repassou a sua vida

característicos da poesia (bem como da prosa) modernista. Até mesmo no plano do vocabulário e da linguagem, pode-se perceber o jogo antitético, haja vista o vocabulário notadamente rural, levemente permeado com palavras eruditas (Hélade, jugo, respigava, miga, mu), além da linguagem culta.

Primeira estrofe

O poema *Oração do Milho* inicia-se com o milho apresentando-se humildemente ao Senhor, estabelecendo a relação milho/Senhor-poeta/musa: o Senhor é a própria musa inspiradora, por isso é invocado por duas vezes, tornando bem nítida a forma de oração e reforçando o tom devocional:

1 Senhor, nada valho.

2 Sou a planta humilde dos quintais pequenos e das lavouras pobres:

•••

5 Ponho folhas e haste, e se me ajudardes, Senhor,

•••

Esta mesma forma de oração e este mesmo tom devocional, encontramos-os ao final do poema, no verso 35 da 3ª estrofe:

35 Sou a pobreza vegetal agradecida a Vós, Senhor

•••

Observe-se, no entanto, que o termo Senhor no verso 35 tem uma função sintática diferente da dos versos 1 e 5: nestes é vocativo, invoca o Senhor na qualidade de musa inspiradora, e naquele é aposto.

Composta de 17 versos de ritmo oscilante em virtude da variação métrica: ritmo fluído ou distendido nos versos longos e sincopado ou pica-do nos versos curtos. Esta oscilação cria, em nível de ritmo, o jogo antitético tecido ao longo não só desta estrofe, mas do poema como um todo, o que é reforçado pela consciência de humildade que rastreia todo o texto.

A oscilação rítmica é intensificada pelas alterações constantes, notadamente, nos versos 4 e 5:

1	2	3	4	5																										
1	Se	/	nhor,	/	na	/	da	/	va	/	lho.																			
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14																	
2	Sou	/	a	/	plan	/	ta	/	hu	/	mil	/	de	/	dos	/	quin	/	tais	/	pe	/	que	/	no	/	se	/	das	/

15	16	17	18
----	----	----	----

la / vou / ras / po / bres.

1	2	3	4	5	6	7	8
---	---	---	---	---	---	---	---

3 Meu / grão / per / di / do / po / ra / ca / so /

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

4 nas / ce / e / cres / ce / na / ter / ra / des / cui / da / da

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	----	----	----

5 Po / nho / fo / lha / se has / te / e / se / me a / ju / dar / des / Se / nhor

O jogo antitético milho/trigo, conduz ao aspecto social pobreza/nobreza: o milho é “a planta humilde dos quintais pequenos e das lavouras pobres”, “nasce e cresce na terra descuidada”, é “a planta primária da lavoura”, é “o alimento forte e substancial dos que trabalham a terra”, é “de origem obscura e de ascendência pobre” (América), é “o alimento de rústicos (metáfora de lavradores) e de animais do jugo”, enquanto o trigo nobre não vinga em terra pobre (América), tem “hierarquia tradicional”, é a matéria-prima do “pão alvo universal” (metáfora da eucaristia), é consagrado no processo litúrgico como “Pão de Vida” e tem lugar reservado nos altares.

Segunda estrofe

Na segunda estrofe está condensada a intertextualidade, quer pelas referências bíblicas, quer pela referência às civilizações que se apresentam cronologicamente: “deuses da Hélade” - civilização grega, os hebreus, os egípcios e os ameríndios. As referências



O agreste, os bichos, paisagens e inspiração

bíblicas centram-se na figura de Rute respigando nas searas de Booz, seu marido, e de Jesus abençoando os trigais maduros.

Num período misto de subordinação e coordenação, com predominância do primeiro, com orações na ordem inversa - o que enriquece a estilística -, precisamente as orações subordinadas adverbiais temporais, vamos encontrar a oração principal no último verso:

Quando os deuses da Hélade corriam pelos *bosques*,
coroados de rosas e de *espigas*,
quando os hebreus iam em longas caravanas
buscar na terra do Egito o trigo dos *faraós*,
quando Rute respigava cantando nas searas de Booz,
e Jesus abençoava os trigais maduros,
eu era apenas o bró nativo das tabas ameríndias.

Esta relação temporal é exatamente a disposição cronológica da história das civilizações.

Os versos de ritmo fluído com 14 ou 16 sílabas métricas e os sincopados com 10 ou 12 sílabas métricas, apresentam discreta simetria, até mesmo com rimas *bos(ques)/(fara)ós, (bo)oz* entretanto não impedem a criação do jogo antitético, evidenciado na primeira estrofe, retomando-o de maneira mais ampla no que pertence ao aspecto social: deuses gregos, hebreus e egípcios são a metáfora do trigo nobre; as tabas ameríndias é a metáfora do milho (pobre). Os deuses da Hélade, *coroados de rosas e de espigas, o trigo dos faraós, as*

searas de Booz, os trigais maduros são a metáfora da nobreza e da fartura, enquanto o *bró nativo* é a metáfora da pobreza e da carência.

Terceira estrofe

É forçoso retomar o último verso da segunda estrofe para, a partir dele, explorarmos a evolução histórico-social-político-econômica do Brasil, do fim do séc. XIX e início do séc. XX (vs: 24-28):

"eu era apenas o bró nativo das tabas ameríndias.

Fui o angu pesado e constante do escravo na exaustão do eito.

Sou a broa grosseira e modesta do pequeno sitiante.

Sou a farinha econômica do proletário.

Sou a polenta do imigrante e a miga dos que começam a vida em terra estranha.

Eu era o bró dos índios: pretérito imperfeito, encerrando a idéia de continuidade... (os índios continuam a existir).

Fui o angu do escravo: pretérito perfeito, encerrando a idéia de um processo completamente concluído em relação ao momento presente: a escravidão.

Sou a broa do pequeno sitiante

Sou a farinha do proletário

Sou a polenta do imigrante

Eis que aqui o *presente do indicativo* remete para a realidade incontestada do pequeno sitiante, do proletário e do imigrante - principalmente os italianos:

A N Á L I S E L I T E R Á R I A

"No fim do século XIX e início do século XX, apesar da proclamação da República, a política esteve dominada pelos cafeicultores e pecuaristas, que exerciam o poder alternadamente (política do café-com-leite) e de acordo com interesses próprios. A estrutura política, mesmo com o advento da República, continuava a mesma, deixando marginalizados do processo os negros recém-libertados, os imigrantes que aqui haviam chegado para substituir a mão-de-obra escrava e um proletariado nascente". (o grifo é nosso).

(Língua e Literatura. In: O Pré-Modernismo no Brasil (I), Contexto histórico, FARACO & MOURA, p. 12).

É na terceira estrofe que vamos encontrar a densidade da consciência do Ser. A consciência da humildade que rastreia todo o poema, a consciência do valor de Ser (milho) para a vida dos homens e dos animais, a consciência de Ser necessário, enfatizada através da anáfora:

2 *Sou a planta humilde dos quintais pequenos e das lavouras pobres.*

10 *Sou a planta primária da lavoura.*

14 *Sou apenas o alimento forte e substancial dos que trabalham a terra, onde não vingam o trigo nobre.*

16 *Sou de origem obscura e de ascendência pobre,*

17 *(sou) alimento de rústicos e animais do jugo.*

26 *Sou a broa grosseira e modesta do pequeno sitiante.*

27 *Sou a farinha econômica do proletário.*

28 *Sou a polenta do imigrante e a miga dos que começam a vida em terra estranha,*

29 *(sou) Alimento de porcos e do triste mu de carga.*

31 *Sou apenas a fartura generosa e despreocupada dos paisiós.*

32 *Sou o cocho abastecido donde rumina o gado.*

33 *Sou o canto festivo dos galos na glória do dia que amanhece.*

34 *Sou o cacarejo alegre das poedeiras à volta dos seus ninhos.*

35 *Sou a pobreza vegetal agradecida a Vós, Senhor,*

37 *Sou o milho.*

Há de se notar que a repetição em 15 versos da

mesma construção sintática marca a obsessão pelo Ser, com aceitação calma e racional da sua essência, desejo de enfatizar na cabeça do leitor a realidade e o valor do milho. Há o extravasamento emotivo do eu (mundo) interior, mas sem derramamento de emoção, ao contrário, com plena aceitação da substância que, de acordo com Aristóteles, é o sentido primário do Ser.

O Ser de que tratamos, é o de uso predicativo e não o de uso existencial. O Ser de uso predicativo será explorado de acordo com a doutrina da inerência.

"Segundo a doutrina da inerência, Ser, na relação predicativa, significa pertencer ou inerir. (...) O fundamento desta doutrina é a teoria aristotélica da substância.

As relações de inerência exprimíveis com o verbo Ser são de fato esclarecidas e distintas por Aristóteles sobre o fundamento das relações entre a substância e a sua essência necessária, ou a substância e as outras suas determinações categoriais ou acidentais". (In: *Dicionário de Filosofia*, Ed. Mestre Jou, p. 847).

A título de ilustração do que acima transcrevemos acerca do Ser predicativo, podemos citar os seguintes versos:

2 *"Sou a planta primária da lavoura pobre" (sentido primário do Ser)*

14 *"Sou apenas o alimento forte e substancial dos que trabalham a terra".*

No verso 14 podemos identificar claramente a teoria filosófica da Essência: "A teoria da Essência como substância pode ser caracterizada como a

que restringe o uso da palavra Essência para indicar a Essência necessária ou substancial". (Idem, p. 342) E, ainda, nos versos abaixo:

35 *Sou a pobreza vegetal agradecida a Vós, Senhor,*

36 *que me fizestes necessário e humilde.*

37 *Sou o milho.*

"O Ser predicativo exprime segundo Aristóteles a inerência ao sujeito ou da sua essência necessária ou de determinações categoriais que, embora não pertencendo à essência, dependem dela, ou de determinações acidentais (...). (Idem, p. 847)

Assim, julgamos lícito poder afirmar que, apesar do



O Ipê amarelo

ANÁLISE LITERÁRIA

"pão alvo universal", "Pão de Vida" não pertencer à essência do milho, a vida depende dele. Demonstra sua vitalidade sendo alimento dos animais e dos homens, superando, neste aspecto, a vitalidade do trigo que alimenta tão-somente os homens, mas os homens dependem dos animais, considerando a cadeia da vida.

A consciência do Ser reflete-se nos versos mais fluídos do que sincopados e completamente fechados, sem alongamentos e conseqüentemente sem alteração da modulação rítmica, com exceção do verso 35 que é o reforço da forma de oração e do tom devocional - o que provoca o contraste contundente com o verso 37, de três sílabas métricas / Sou / o / mi / lho que é a própria consciência e essência do Ser ôntico.

3.0. Conclusão

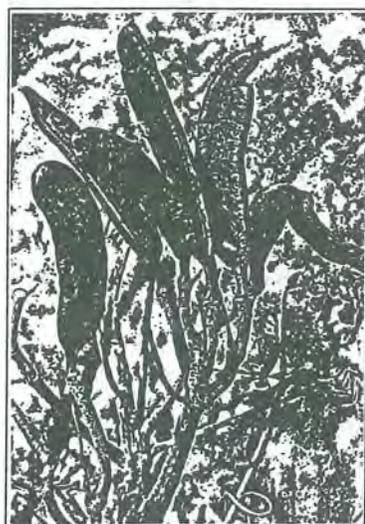
O poema nos mostra a trajetória de vida do milho, da sua gênese: "Meu grão perdido por acaso, / nasce e cresce na terra descuidada", crescimento: "Ponho folhas e haste, e se me ajudardes, Senhor, / mesmo planta de acaso, solitária, / dou espigas e devolvo em muitos grãos / o grão perdido inicial, salvo por milagre, / que a terra fecundou", e criação enquanto alimento (= Vida) dos homens e dos animais.

Mostra-nos, ainda, o relativismo do "nobre" e do "pobre" (até mesmo elemento vulgar): o nobre, de que é feito o pão alvo universal, consagrado Pão de Vida, com lugar reservado nos altares, de hierarquia tradicional, exige cuidados especiais para poder vingar; o trigo nobre é alimento restrito do binômio alma-corpo do homem; enquanto o pobre, embora não eleito Pão de Vida, é a própria vida dos homens e dos animais e, se alimenta o corpo, alimenta também a alma, anima o espírito. Se a justiça pesar o Pão de Vida (trigo) pela Vida (milho) o Ser deste excede o daquele.

Finalmente, talvez com ousadia, mas sem nenhum favor, afirmamos que o poema ORAÇÃO DO MILHO é a proposição e a invocação, as duas primeiras partes da epopéia do milho, desenvolvida no POEMA DO MILHO que a nosso ver é a última parte, ou seja a narração.

O milho se apresenta: "Senhor, nada valho / Sou a planta primária dos quintais pequenos e das lavouras pobres" o que constitui a proposição, o enunciado do tema. A seguir, ele invoca o Senhor, fazendo-Lhe o apelo para que o auxilie na empreitada da própria existência: "Ponho folhas e haste, e se me ajudardes, Senhor, / mesmo planta de acaso, solitária, / dou espigas e devolvo em muitos grãos / o grão perdido inicial, salvo por milagre, que a terra fecundou. A narração, parte central e mais extensa, é exatamente o POEMA DO MILHO, que contém o relato minucioso, obedecendo à ordem cronológica e seqüência lógica: a fecundação do grão pela mãe terra, o nascimento, crescimento, ataques sofridos pelos animais e ervas daninhas, a infância, a adolescência, a fase adulta, a velhice e a morte do herói que é o milho, elemento nacional por excelência, de superior força física e psíquica, embora de constituição simples, instintivo, natural.

Massaud Moisés diz-nos acerca da epopéia que "...não havendo epopéias modernas, os seus dois tipos igualmente se justificam em determinados estádios culturais: a epopéia natural, folclórica ou primitiva caracteriza-se por ser anônima e brotar "espontaneamente da alma dos povos jovens", espécie de criação coletiva, de que o poeta seria o rapsodo ou compilador (...) e a epopéia erudita ou artificial, "produto refletido de uma sociedade evoluída", criado por um único poeta, sem o concurso da imaginação popular (...)" (*Dicionário de Termos Literários*, p. 188).



As exóticas flores do agreste inspiravam a poetisa

BIBLIOGRAFIA

1. Bíblia Sagrada. O Livro de Rute.
2. Barsa Enciclopédia, v. 09, Encyclopaedia Britannica Editores Ltda, Rio de Janeiro, 1986.
3. Delta, Larousse Enciclopédia, v. 2, Ed. Delta S.A., Rio de Janeiro, 1967.
4. Koogan Larousse Pequeno Dicionário Enciclopédico. Ed. Larousse do Brasil, Rio de Janeiro, 1980.
5. Dicionário de Filosofia, Ed. Mestre Jou, trad. de Alfredo Bosi, S. Paulo, 1970.
6. Bosi, Alfredo. *O Ser e o Tempo da Poesia*. Ed. Cultrix Ltda, S.P., 1983.
7. Cohen, Jean. *Estrutura da Linguagem Poética*. Ed. Cultrix, 2. ed., SP, 1978.
8. Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Ed. Nova Fronteira, 1. Ed., 13. impressão, RJ.
9. Hamburger, Käte. *ALógica da Criação Literária*. Ed. Perspectivas, SP, 1975.
10. Moisés, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. Ed. Cultrix, SP, 1974.
11. Reis, Carlos. *Técnicas de Análise Textual*. Livraria Almedina, 3. ed. Coimbra-Portugal, 1981.
12. Revista de Teoria e Análise Literárias - *O Discurso da Poesia* - Trad. de Leocádia e Carlos Reis, Livraria Almedina, Coimbra-Portugal, 1982.
13. Staiger, Emil. *Conceitos Fundamentais da Poética*. Tempo brasileiro, RJ, 1975.
14. Todorov, Tzvetan. *Estruturalismo e Poética*. Editora Cultrix, 4. ed. SP, 1976.

POLÊMICA



DF-Letras muda e provoca discussões

■ Nelson Pantoja

Ainda bem que não foi diferente. Bastou uma simples mudança em seu visual gráfico e umas pinceladas de outras idéias em seu conteúdo editorial para que o até então tímido e ignorado "DF-Letras", de "repente não mais que repente", se transformasse involuntariamente em motivo de polêmica. Felizmente. A polêmica, na mais elementar de todas as concepções, é sempre necessária, especialmente quando serve para mostrar, através de cartas, telegramas, "faxes", telefonemas e, até mesmo de expedientes verbais, quem ficou espontaneamente "a favor" e quem ficou espontaneamente "contra" a mudança.

Pelos expedientes aludidos, o resultado da polêmica mostra um quadro incontestável: das mais de 200 mani-

festações feitas em torno do assunto, 91% são a favor; 9% ficaram contra (vide o gráfico). Importante: a consulta aos arquivos do "DF-Letras" é facultada a todos os interessados. O quantitativo é este. O aspecto qualitativo, da polêmica em si, claro, é outro.

Reação shakesperiana - Sob a ótica qualitativa há que se considerar, obviamente, que toda mudança é suscetível a conjecturas. Com todas as variantes possíveis. Algumas ácidas, desconexas, outras conseqüentes, diríamos até refinadas, contextuais. O certo é que o ato de mudar sempre gera questionamentos. Admitindo-se um certo exagero

conceitual, provoca uma reação tipicamente shakesperiana. É o eterno retorno da clássica questão: "Ser ou não ser".

Neste teatro de situações, a primeira ação efetiva contra a mudança operada no "DF-Letras" tem o mérito de ser subscrita por um punhado de abnegados das letras no Distrito Federal. A carta é encabeçada pelo simpático poeta Cassiano Nunes e endossada, entre outros, por Ronaldo Cagiano, Ézio Pires, Armagedon, que faz questão de deixar claro que pertence à Fundação Cultural - cunhou, portanto, o lado oficial do espetáculo - além de outros doze igualmente respeitáveis apóstolos das letras.

Datada do dia 28 de julho, a missiva com exatas 22 linhas, é até curta considerando-se o número de pessoas que a endossa. Da lavra de quinze cabeças, a cartinha ressalta o **empobrecimento** cultural do País com o término das revistas literárias. E vaticina, sem meios termos: "A crítica literária acabou!".

Após enumerar nomes de alguns "intelectuais autênticos" expulsos do "nosso jornalismo", entre outros, os de Osvaldino Marques, que por coincidência participa deste número do "DF-Letras", Cassiano e sua troupe em tom operístico detonam: "Em Brasília, o DF-Letras relampejou uma esperança... Lançou números com boa colaboração". Em suma, a troupe, ensandecida, num diatribe incandescente, golpeia:

"Padrões ou padrões intelectuais?"



Zé Ramalho (PDT)

Um povo sem cultura é um povo sem memória. Esse não é o caso de Brasília, cidade que conseguiu conviver com costumes e tradições de todas as regiões do País e ainda formar sua própria identidade cultural. A Câmara Legislativa tem a importante missão, juntamente com todos os brasilienses, de consolidar o Distrito Federal no roteiro cultural nacional, ao lado do Rio de Janeiro e São Paulo.

Precisamos incentivar e estimular as atividades culturais em Brasília!

Nossos artistas merecem mais respeito.



Lúcia Carvalho (PT)

No último dia 29 de agosto, apreciamos o veto do governador Cristovam Buarque ao projeto de lei que concedia aos policiais militares livre acesso a espetáculos artísticos, culturais e esportivos. A aprovação desta Lei colocaria em risco todo o segmento que trabalha com produção cultural no DF, além de dificultar o ingresso de Brasília no roteiro dos grandes eventos culturais. A manutenção do veto foi uma vitória do governo e de todos que lutam pelo fortalecimento do mercado cultural.



Adão
Xavier
(PFL)

Estamos viabilizando junto a uma emissora de rádio de Brasília, o apoio na produção do I Festival da Canção Cristã do DF. O Festival será aberto a participantes de outros Estados, visando a divulgação dos valores da região Centro-Oeste, ao mesmo tempo permitindo um intercâmbio cultural entre os cristãos. O evento tem por objetivo maior proporcionar um crescimento da qualidade da música evangélica. Para os dez primeiros colocados a premiação será uma gravação em conjunto de um disco. O primeiro colocado gravará um disco sozinho. O Festival acontecerá até o final de novembro.



Jorge
Cauhy
(PMDB)

Feliz coincidência a revista DF-Letras destacar a poetisa Cora Coralina no mês em que rendemos homenagens ao idoso. Cora Coralina, passados dez anos de sua morte, continua sendo um exemplo de vivacidade, talento e amor ao próximo. Que sua figura determinada e doce nos ajude a eliminar preconceitos que dificultam a participação plena do idoso na sociedade.

O idoso não é só um espectador das realizações dos mais jovens. Ele deve ser visto e lembrado como participante de lutas e conquistas, merecendo portanto nosso respeito e carinho, como Cora Coralina.

opiniões sobre o DF-LETRAS



SIM - 91%

**Aprovam a nova
imagem do Informativo**



NÃO - 9%

**Criticam quanto
à forma e conteúdo**

"Era uma tentativa séria".

Robusta de "razões", embora raquítica em argumentos, a peça prossegue: "Infelizmente, operou-se uma mudança lastimável". Neste ato, precisamente neste trecho, a interrogação: *que mudança?* Sem entrar no mérito, apenas resvalando na questão, lastimavelmente, omitindo-se ao direito legítimo de apresentar alguma idéia por mais inócua ou consistente que fosse, a carta prossegue, genérica, enfatizando que "também decidiu-se" popularizar a revista e, "nos últimos anos, no país,

popularização é sinal de rebaixamento, mediocridização". Inconscientemente shakesperianos, eis aí a qualidade subjetiva da carta, sugerindo que "existe algo de podre no reino de Brasília" - *ninguém com mais autoridade que o oficial Armagedon para subscrever tal assertiva* - os escritores atiram no alvo: "Pobre do nosso povo! Nunca lhe dão o ensejo de elevar-se".

Generosos, "os escritores de Brasília", proclamam os missivistas, "sem maldade, mas só com o desejo de colaborar, de cooperar para a elevação dos *nossos padrões intelectuais*, concitam o DF-Letras a retornar ao seu nível de qualidade anterior". Candidamente, sem maldade, no empenho apenas de compreender, uma pergunta se impõe: *padrões intelectuais ou padrões intelectuais?* Com a palavra Cassiano e sua simpática troupe. "Pobre do nosso povo! Nunca lhe dão o

ensejo de elevar-se", já respondiam os missivistas... Mudar ou não mudar? Eis a questão!

Ao contrário da simpática carta dos nossos missivistas, outras correspondências, igualmente estimulantes, fazem o contraponto. Danilo Gomes, presidente da Associação Nacional dos Escritores, envia cumprimentos e deixa claro sua opinião sobre a mudança: "Ficou excelente o formato - revista, revestindo boas e variadas matérias. Não esmoreçam!".

Entre as inúmeras cartas enviadas à redação do "DF-Letras", a de Onã Silva toca diretamente na mudança visual da revista. "O tratamento estético dado ao DF-Letras é primoroso. O casamento entre a arte plástica e a literária foi acertadíssimo - quem ganha somos nós, os leitores, ao apreciarmos a união do visual e das letras. A metamorfose, ousame lembrar de Geraldo Vandré: '...quem sabe faz a hora, não espera acontecer'".

São tantos os apoios que enumerá-los faria a polêmica perder a razão de ser. Não é esta a nossa intenção. Muito menos, com certeza, a do jornalista Paulo Speers da Rocha, de uma pequena comunidade perto de Sorocaba. Vejam o que ele diz, com todas as letras aos escritores do DF. "Depois que o *D.C. Leitura (SP)* cessou suas atividades quem gosta de literatura - só não ficou órfão - graças a existência do DF-Letras".

"Para lhe contar da excelência do DF-Letras, basta assinalar que assim que chega o exemplar em nossas mãos, é organizada uma lista para a leitura. Só depois de 15 dias é que o exemplar vai para a biblioteca".

Em síntese: os padrões, soberbos em seu feudo, sempre ficam contra qualquer mudança em defesa de seus padrões medievais... Ou será melhor dizer, *intelectuais?* O povo? "Nunca lhe dão o ensejo de elevar-se".

■ Nelson Pantoja, jornalista

**"Mudar ou não
mudar? Eis a
questão"**

CLDF apóia bolsa de publicações

Ézio Pires, presidente do Sindicato dos Escritores de Brasília, diz que iniciativa vai contribuir para diminuir o número de escritores que não tem oportunidade de publicar seus trabalhos.

O presidente do Sindicato dos Escritores do Distrito Federal, jornalista, poeta e escritor, Ézio Pires, após encontro com o presidente da Câmara Legislativa do Distrito Federal, deputado Geraldo Magela, anunciou que a CLDF abraçou a proposta da entidade de criar uma Bolsa de Publicações, que tem como objetivo contribuir para diminuir o número de escritores de Brasília que não têm oportunidade de publicar os seus trabalhos.

A idéia fará com que vários escritores desengavetem seus trabalhos e sejam editorialmente amparados. O projeto será elaborado pela Câmara Legislativa do Distrito Federal e submetido à apreciação dos deputados distritais. Segundo informações preliminares do Sindicato dos Escritores, o projeto irá contemplar 12 lançamentos por ano, sendo que 50% da edição de cada livro será distribuída entre as bibliotecas públicas da Fundação Educacional do DF.

Para preservar a qualidade dessas produções, o projeto deverá incluir um Conselho Editorial, com representantes da área de Educação, Cultura e das entidades literárias. Outra medida visando evitar a criação de uma "panelinha" deverá estabelecer que cada escritor só poderá ter outra obra editada pela Bolsa de Publicações após quatro anos de tê-la publicada.

Fórum permanente

Em visita à redação do DF-Letras, Ézio Pires apresentou alguns resultados positivos como a realização de encontros semanais do "Fórum Permanente dos



Ézio Pires

Escritores de Brasília". Organizado e promovido pela Fundação Cultural e Sindicato dos Escritores, sempre às sextas-feiras, às 18:30 horas, na Sala Pompeu de Souza, o Fórum tem sido uma iniciativa apropriada para a discussão de temas de interesse da área literária.

Ézio afirmou que a principal luta da entidade é definir uma política cultural para Brasília, no momento em que se verifica uma agitação cultural na cidade.

A política cultural de Brasília tem um perfil bem diferente de outros Estados, até por ter aqui duas Praças que concentram os poderes da administração Federal e local. Daí as dificuldades de assegurar o atendimento de todas as manifestações dos segmentos, notadamente os ligados a produção literária de Brasília.

Entre outras ações do Sindicato, Ézio Pires destacou a criação de um quiosque, na Praça do Escritor, localizada entre o Conjunto Nacional e Teatro Nacional, na plataforma superior da Estação Rodoviária de Brasília. Os entendimentos com a Administração de Brasília já estão sendo finalizados estando prevista a sua inauguração neste mês. O quiosque funcionará como "um ponto de pergunta" da Literatura de Brasília, segundo Ézio.

Além disso, o Sindicato tem se empenhado para criar a Confederação Nacional dos Escritores e buscar a definição de uma política cultural que resolva a questão do livro e dos escritores. No Brasil existem hoje cerca de 600 livrarias e quatro mil editoras. Enquanto, somente, em Buenos Aires existem 1.300 livrarias. Precisamos reavaliar "estas questões", afirma Pires.



José Edmar Cordeiro (PSDB)

A era do regime militar criou uma imagem de que tudo que lembra a bandeira nacional "é coisa de militar". Os brasileiros foram aos poucos se livrando deste estigma, mas, a grande maioria, só é patriota quando torce para uma seleção nacional. A última comemoração de 7 de setembro alterou um pouco esta imagem, com o povo cantando na praça o Hino Nacional. A volta do Momento Cívico nas escolas, conforme proposta que apresentei na Câmara Legislativa, pode ajudar a formar crianças com mais esperança no coração, com mais fé na nossa Pátria, com mais amor ao Brasil.



Manoel de Andrade (PMDB)

A recente realização da Micarecandanga trouxe à cidade a incrível experiência de, mais uma vez, o povo estar nas ruas. As manifestações culturais e populares ficam revestidas de mais brilho quando as pessoas tomam as ruas. Festas como a Micarecandanga lembram aquelas quermesses que acontecem nas cidades interioranas, mantidas as proporções, naturalmente. O fato é que, quando o povo está nas ruas, dançando, cantando, contando caso ou reivindicando seus direitos, temos a certeza que a democracia pulsa e está viva.



**Odilon
Aires
(PMDB)**

Dentre os cognominados luminares da literatura goiana, sem dúvida alguma, merecem um destaque todo especial, os nossos notáveis autodidatas. Principalmente, por terem vivido afastados dos grandes centros culturais do País. Junto a esses eméritos literatos, por certo, a Cora Bretas - Cora Coralina, ou como deixou marcado em poesia, "Eu sou aquela menina feia da Ponte da Lapa. Eu sou Aninha", é, na literatura de nosso Goiás, um desses casos que merecem estudo e reflexão plena, por parte de cultores sérios e amantes do regionalismo.



**Geraldo
Magela
(PT)**

Eis aí uma boa notícia para a Câmara: o gabinete do deputado Geraldo Magela, do PT, realizou nos dias 5 e 6 de outubro, um seminário que discutiu a literatura produzida no DF. O nome do seminário já indicava a disposição do evento: "A Literatura Brasileira Existe? Prove!". Na verdade, os brasilienses atentos sabem que há escritores na cidade. O que precisa ficar claro é que, com 35 anos, Brasília ainda não teve tempo para afinar a sua escrita. A literatura exige maturidade.

Literatura brasiliense nas escolas

O Sindicato dos Escritores do Distrito Federal e o Departamento Literário da Associação de Assistência ao Servidor da Fundação Educacional do DF (Asefe) encaminharam proposta à Fundação Educacional do Distrito Federal, no sentido de aplicar nas escolas da rede pública o que dispõe o artigo 235, da Lei Orgânica do DF: o ensino da literatura brasiliense nas salas de aulas.

Segundo o diretor do Departamento Literário da Asefe, Ronaldo Mousinho, já foram realizados vários encontros com as áreas técnicas do Departamento de Pedagogia da FEDF e eles foram muito positivos.

A proposta consiste na escolha de 30 títulos de autores brasilienses, sen-



Ronaldo Mousinho

Literário da Asefe. A proposta não é fechada e pode ser ampliada para outras entidades. Após a escolha dos títulos, em regime de parceria, o Sindicato e a Fundação Educacional, editarão os 30 livros para que as escolas possam selecionar as duas obras que irão analisar no período de três anos. Definidos os títulos, faz-se uma nova tiragem, em quantidade suficiente para abastecer às escolas.

Escola-Parque da 308 faz arte

Ao completar 35 anos de existência, a Escola Parque da 308 Sul, a primeira que se instalou na cidade, quer voltar a ser celeiro das atividades culturais em Brasília. O anúncio foi feito por sua vice-diretora, Marisa Vasconcelos que, em visita à Coordenadoria de Editoração e Produção Gráfica da Câmara Legislativa, disse querer contar com o apoio da personagem *Zuléca*, o encarte infantil do *DF-Letras*.

Fundada em novembro de 1960, a Escola-Parque nasceu sob a concepção da Educação Integral, com atividades culturais e pedagógicas destinadas aos alunos da 1ª a 6ª séries das escolas classes e centros de ensino do Distrito Federal. Abrigando um dos teatros mais antigos da cidade, a escola tem cursos de música, artes plásticas e de iniciação às artes cênicas.

Dentro do projeto de revitalização da escola, a maior preocupação é com o teatro, cuja recuperação das instalações está orçada em R\$ 410 mil.



Marisa Vasconcelos

Dentro do projeto de revitalização da escola, exposições de artistas plásticos da cidade, acompanhadas de palestras dadas pelos professores têm despertado o interesse dos estudantes. Na primeira quinzena de setembro apresentou-se ali o artista Glênio Bianchetti. A segunda quinzena está reservada a Jayme Goullobov, arquiteto e artista plástico da UnB. Em outubro, a escola inaugura a Estante do Escritor do Distrito Federal, com exposição de capas de livros. O espaço está aberto a lançamentos e os interessados podem contatar a escola pelo telefone 242-0273.

Durante sua visita à *CEPG*, Marisa Vasconcelos conversou com a servidora Margarette Cássia e Souza, criadora da personagem *Zuléca*, do encarte *DF-Letras*. Marisa pediu maior quantidade de exemplares do encarte para a Escola-Parque. A Escola-Parque da 308 Sul está sob a direção da professora Oncide Segnini.

BRAILLE

Textos reproduzem escritores

Deficientes visuais conhecem textos de escritores brasileiros e já podem apresentar suas próprias obras literárias. Projeto pioneiro está sendo implantado na Biblioteca Braille "Dorina Nowill", em Taguatinga.

Os deficientes visuais do Distrito Federal já podem ler, em Braille, os textos produzidos pelos escritores de Brasília. A experiência abre-lhes a possibilidade da criação de suas próprias obras literárias. Projeto pioneiro vem sendo coordenado pelas professoras Dinorá Cançado e Maria das Graças Alves, da Diretoria Regional de Ensino de Taguatinga, na Biblioteca Braille Dorina Nowill, que funciona na Escola Classe 06, de Taguatinga.

A Biblioteca Braille *Dorina Nowill de Taguatinga* foi a segunda a ser criada em todo o Distrito Federal e, a partir de sua inauguração em maio passado, já vem desenvolvendo outro projeto: o *Leitor & Criador em Braille*.

Essa iniciativa já possibilitou a transcrição do livro *"Fazenda Encanto"*, da escritora brasileira Luci Watanabe.

A partir dessa experiência pioneira, a diretora da Biblioteca Braille, Maria Dalila Brito, passou a transcrever em linguagem Braille textos de escritores de Taguatinga para enriquecer o acervo e lançar a *"Estante dos Escritores do DF"* para atender aos deficientes visuais. Para sistematizar esses trabalhos, a professora Dinorá Cançado deu início ao projeto *"Luz & Autor em Braille"*.

O projeto promoverá no dia 27 de outubro um encontro, reunindo mais de quinze escritores do Distrito Federal com os deficientes visuais, quando serão apresentados textos, poemas, músicas, dramatizações, desenhos e comentários literários dos próprios deficientes, inspirados nos trabalhos dos escritores. As reuniões preliminares têm congregado não só defici-



As professoras Dinorá Cançado (foto) e Maria das Graças Alves coordenam a iniciativa que vai lançar, brevemente, outro projeto: "o Leitor & Criador em Braille".

entes visuais de Taguatinga, mas também do Gama, Ceilândia, Recanto das Emas e Santa Maria, todos interessados em participar da experiência.

Segundo a professora Dinorá Cançado, o Projeto *"Luz & Autor em Braille"* fará parte do livro *"Revolucionando Bibliotecas"*, que será lançado brevemente e tem como objetivos principais a divulgação da Biblioteca Braille em todo Distrito Federal, a integração dos escritores com os deficientes visuais e a conscientização para o trabalho de parcerias entre as bibliotecas públicas e de outras instituições, a exemplo do que já ocorre com o SESC.

Na Semana da Biblioteca, que ocorrerá entre os dias 23 e 29 de outubro, este trabalho de parceria que já vem sendo realizado entre bibliotecas Braille Dorina Nowill, a da Escola Classe 06 de Taguatinga e a do SESC, poderá ser apreciado no Momento Literário em Braille.



Cláudio Monteiro
(PPS)

Justamente no ano em que comemoramos cem anos de cinema, parece que Brasília perdeu definitivamente seu maior e mais tradicional cinema: o Cine Atlântida.

O fato é que, não é dificultando a entrega do alvará de funcionamento da sala para a Igreja que garantiremos a sobrevivência do Atlântida. O que mantém a atividade cultural é a quantidade de público.

No entanto, é necessário que o poder público intervenha, mantendo espaços culturais como esse, incorporando-os ao patrimônio público e colocando-os a serviço da sociedade.



Marco Lima
(PT)

Mais de 300 brinquedos violentos, entre os quais, no-tchaco, soco inglês, facas, estilingues e revólveres, foram recolhidos de crianças na Expansão de Samambaia, durante o 1º Art & Paz, realizado pela Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania e outras entidades. O Art & Paz incentiva o uso de brinquedos pedagógicos, educativos e culturais. É também uma mistura de teatro, música, pintura e outras atividades culturais. A campanha "Brincando para a Paz" parte, agora, para Sobradinho, Ceilândia, Candangolândia, Brazlândia, Gama e Santa Maria, cidades interessadas no Art & Paz. Coopere com este projeto. Doe brinquedos pedagógicos, educativos ou culturais para a Comissão.

Miquéias Paz
(PC do B)



A obra de Nelson Rodrigues vem sendo revisitada nos últimos anos. Diversos textos seus têm sido levados ao palco, ao cinema e à televisão, recentemente. As relações entre Nelson e o cinema, bem como seus resultados estéticos, no entanto, solicitam revisão. Com o objetivo de contribuir para a releitura atenta e crítica dos filmes que se fizeram a partir de seus escritos, organizamos a semana Nelson Rodrigues e o Cinema (em vídeo), que se realizou a partir de 27 de setembro, no auditório do Instituto Goethe (902 Sul).

Rodrigo Roltenberg
(PSB)



Nem bem encerramos o Seminário Internacional de Dança, fomos brindados pela quarta edição do Fórum Brasília de Artes Visuais. Dois eventos em que a cidade se abriu para novas experiências no campo da dança e das artes visuais, reforçando o aprendizado de nossos artistas e estudantes.

Brasília tem vocação metropolitana, cosmopolita, arejada pelas manifestações trazidas até nosso cotidiano pelas embaixadas. De concerto clássico a balé folclórico, da cerâmica popular às exposições eruditas, o público do DF vem tendo acesso a espetáculos que nos promovem no cenário nacional. Vamos em frente, Brasília.



Cappi, com dedicação e sensibilidade, criou em oito anos a banda do "Amor"

T A G U A T I N G A

Banda de Surdos precisa de apoio

"Som do Silêncio", livro que conta a criação da banda, está sem patrocínio para ser publicado. Com novo maestro, a fanfarra homenageia seu criador e passa a chamar-se "Sérgio Cappi".

■ J. Simões

Luiz Sérgio Cappi era um paulista de Vera Cruz. A 6 de novembro de 1950, nasceu aquele garotão louro, gordo, bonito.

Muito cedo se apegou ao seu pai, que era maestro da "Banda da Camexa". E o menino logo aprendeu a tocar alguns instrumentos, aprendeu a reger. Já aos oito anos, tocava na banda.

Esse seu apego à música, às fanfarras, o levou logo a integrar a banda escolar e a banda de escoteiros, das quais rapidamente se tornou maestro. Ao longo da sua infância, adolescência e juventude, nas cidades de Vera Cruz, Marília, Ocaucu e Garças, ele foi formando fanfarras, participando de concursos, competições, criando currículo e fama.

Em 1979, após concluir o curso de Educação Física, ele veio para Brasília, trabalhar no então Centro Interescolar 03 de Taguatinga, atualmente Centro Educacional 05. Essa escola é próxima ao Centro de Ensino Especial 01 de Taguatinga.

Nos primeiros ensaios, com a fanfarra da escola regular, o Cappi percebeu um grupo de meninos surdos em cima do muro e do alambrado que separavam as duas escolas. A cada dia aquele número de alunos surdos aumentava, para assistir os ensaios da fanfarra. E aqueles meninos e meninas passaram a imitar os movimentos, as expressões, tudo que os alunos da fanfarra faziam.

Uma coisa estranha, num desses momentos iluminados, tocou o professor Cappi, e ele convidou alguns deficientes auditivos, para integrar a fanfarra. E eles não se fizeram de rogados. Na maior empolgação foram tomando parte, ensaiando, ganhando espaço.

Esse início foi difícil, pois o Cappi não entendia nada da "linguagem de sinais", nem os surdos entendiam o que ele falava. Foi um festival de risos, de cenas, engraçadíssimas!

A luta foi árdua, até que a diretora do Centro de Ensino Especial, com a anuência da diretora do Complexo Escolar "A" de Taguatinga, resolveu fazer uma experiência. Permitiu que o Cappi iniciasse a formação de uma fanfarra, utilizando os instrumentos do Centro Interescolar 03. Foi dado a ele um prazo de alguns meses, de setembro a dezembro, para que ele apresentasse algum progresso que justificasse a continuidade do projeto.

Em meio a tantas dificuldades, a tantas barreiras, ele foi se angustiando, sofrendo. Nisso foi criando sua própria linguagem com os surdos. Nos diálogos que se faziam possí-

veis entre ele e seus alunos, foram surgindo expressões próprias, exclusivas, e enfim foram conseguindo se comunicar, se entender. Aí foi a vez de descobrir a maneira de cativar, de criar ou despertar neles o sentido de organização, de coordenação motora; do ritmo... E nada de se descobrir um método próprio e eficiente.

Já mecio desesperado, pois não estava conseguindo atingir o seu grande objetivo, que agora era questão de honra, projeto de vida, no final daquele ano ele, que era fervoroso devoto de Nossa Senhora, estava lendo um livro sobre a vida dela. Primeiro havia tentado tocar violão, mas sem conseguir, deitou-se. Deixou o instrumento no chão, ao lado da cama, e ficou lendo o livro. Dormiu com o livro na mão. O livro caiu sobre o violão, assustando-o com o barulho. Ele saltou da cama, pegou o violão... Sentiu as vibrações. Despertou-se daquele desvario, e pôs-se a repetir a experiência, até certificar-se de que uma vez tocados, os instrumentos vibram. Foi o passo inicial para se criar o "método vibratório". E ele, devoto que era, passou a considerar a descoberta do "método" um "milagre" de Nossa Senhora.

Aí, eliminada a dificuldade maior, a quase impossibilidade, foi a vez de iniciar o trabalho, criando-se toda uma linguagem metódica, códigos, símbolos... Tudo na hora, na base da intuição, da percepção, da sensibilidade.

Seu método foi sendo criado a partir de atividades elementares, como bater palmas, sapatear, olhar um no olho do outro... E a vida escolar, social e familiar dos alunos foi melhorando. A própria escola em muito se beneficiou da atuação do Cappi para solucionar problemas os mais diversos. Ele se fez líder, respeitado e admirado por todos.

A partir daí, ele se tornou pai, professor, assistente social, médico, psicólogo, padre... Não teve limites, dia nem hora! Foi conseguindo, aos poucos, transmitir a eles, como tocar os instrumentos de percussão: bumbo, caixa-clara, surdo. Isso tudo aliado às lições de vida. Depois vieram a escaleta, a lira cromática, os pratos... As primeiras notas que conseguiram tocar foram do "Parabéns a Você". Um ano após, em novembro, eles já conseguiram se apresentar no auditório da própria escola, tocando razoavelmente bem as músicas "Parabéns a Você", "Oração Feliz", "Mulher Rendeira" e "Asa Branca".

A banda foi ficando famosa, ganhando espaço na imprensa, com vários jornais fazendo reportagens, entrevistas... Um ano, dois, três... A banda já tocava quarenta músicas, tinha aproximadamente quarenta músicos, todos oriundos do ensino especial.

Oito anos após, e depois de terem se apresentado em vários eventos do DF, inclusive para o governador, para ministros e outras autoridades, sempre provocando enxurradas de lágrimas, a banda passa a se apresentar em outros estados, a participar de festivais de música... Mas, oito anos após iniciados os ensaios, e só então, a banda conseguiu tocar o *Hino Nacional Brasileiro!*

Ensaios infundáveis, ao longo de meses, anos. Dificuldades de toda ordem, mas a fé,

a dedicação, a força de vontade faziam com que a banda continuasse a evoluir.

Às vezes, perguntado qual era o seu método, seu segredo para conseguir tanto sucesso, tanta obediência, dedicação e sintonia com os surdos, ele respondia ingênua e humildemente:

- "Eu não faço nada, só dou amor".

Os grandes sonhos do Cappi eram: tocar para o Presidente do Brasil, no Palácio do Planalto, e tocar para o Papa.

Mas, não faltaram glórias! Ganhou vários prêmios, inclusive o 2º lugar no Mérito Educacional, da FEDF. Aplausos não faltaram! Mais de 800 (oitocentas) apresentações! O Papa chorou! Isso mesmo! O Papa, ao ouvi-la, chorou!

Em 1993, finalmente, o Cappi conseguiu, junto ao Banco do Brasil, o patrocínio para adquirir novos instrumentos e uniformes.

E o Cappi, num caminhão da FEDF, com apenas um motorista, e o aluno Francisco Evilásio, foram buscar os instrumentos, em São Paulo. Chegando aqui, na madrugada do dia 2 de maio de 1994, o Cappi descarregou o caminhão, guardou instrumentos, passou o dia naquele "corre-corre" que lhe era característico. Estava realizado, radiante! Finalmente havia conseguido o seu grande sonho: ter a sua banda equipada e elegantemente uniformizada.

Na madrugada do dia 3, após ir ao mercado com a esposa e a filhinha, ele emocionado como estava, sensível como era, teve um ataque cardíaco fulminante. Era o fim de uma utopia.

Ainda em vida, o Cappi havia me convidado para escrever um livro, que se chamaria "O Som do Silêncio", onde seria contada toda a história da banda, em tom poético, lírico. Após a morte dele, sem escrever o livro, tomei essa tarefa como questão de honra, e, já no final de 1994, o livro estava pronto, inclusive com patrocínio de edição prometido pela Fundação Banco do Brasil. E é uma história emocionante e apaixonante! O livro está pronto, inédito. É que vieram problemas no Banco do Brasil e o patrocínio foi cortado. Espero que, algum dia, possa aparecer alguma entidade ou empresa que o patrocine, para que se possa enfim ser resgatada, valorizada a imagem desse lutador abnegado, desse homem altruísta, que conseguiu, além de ser um modelo de vida e de profissional, um espelho de amor, gerar um fato inédito no mundo: criar a única banda de surdos que se tem notícia.

Hoje a *Banda de Surdo Sérgio Cappi*, nome atual (póstumo), que o seu primeiro nome era "Banda de Amor", tem outro maestro, reiniciando todo um trabalho, percorrendo as mesmas "pedreiras". O Cappi, a esta altura, já deve ter formado uma outra banda, lá com os anjos surdos, lá no Céu. Sem dúvida ele deve estar olhando cá para baixo e se indagando:

- Será que, como disse John Lennon, o sonho acabou?

■ J. Simões, poeta e escritor



Renato Rainha (PL)

Dez anos sem Cora Coralina. Cora foi e sempre será um exemplo de que acreditar é preciso. Poeta de nascimento e musa de todos os menestres, só conseguiu publicar o seu primeiro livro depois dos 60 anos de idade. Resistência, amor, busca, paciência, mas sem nunca abandonar o ofício da esperança de conseguir a divulgação de seu trabalho. Quantas Coras existem por aí? Pessoas em busca de uma primeira chance, de uma primeira oportunidade. Não devemos deixar que talentos de primeira grandeza se percam por falta de oportunidades. Esse é mais um exemplo de que cultura tem de ser tratada por todos como prioridade número um.



Luiz Estevão (PMDB)

Criado há três anos, será entregue no próximo mês de dezembro o maior prêmio de estímulo aos artistas e criadores do Distrito Federal, oferecendo R\$ 25 mil em dez diferentes categorias. O III Prêmio Luiz Estevão de Cultura, uma iniciativa da Fundação Comunidade, presidida pelo deputado distrital do PMDB, escolhe os artistas que mais se destacaram em literatura (prosa e poesia), música clássica e popular, pintura e escultura, cinema e vídeo, teatro e dança. A festa de entrega dos prêmios, que já se tornou atração no calendário cultural da cidade, ocorre sempre na Sala Villa-Lobos.



Peniel
Pacheco
(sem
partido)

O episódio da venda do Cine Atlântida e da proibição do funcionamento de uma igreja no local demonstrou o despreparo das autoridades do setor cultural de nossa capital. Ignorar que a religião é manifestação cultural de qualquer sociedade é desconhecer a importância que a atividade religiosa tem e teve nas diferentes civilizações, onde aparece sempre como fator de identidade e unidade do povo. Desconhecer ou minimizar a função da igreja demonstra no mínimo inabilidade dos responsáveis, caso contrário é mesmo um caso explícito de preconceito e discriminação.



César
Lacerda
(PTB)

Há dez anos convivemos com a ausência da nossa maior poetisa Cora Coralina. Entretanto, as palavras e rimas projetadas em seus poemas ecoam vivamente em nossos espíritos, aprendizes de sua sabedoria e humildade. Através da simplicidade do jeito goiano de ser, Cora Coralina apresentou ao mundo os seus sentimentos poéticos, e com eles as ruas, ladeiras e casarios de Goiás Velho, sua terra natal, cuja a beleza faz-se registro na história, a exemplo da poesia de Cora Coralina que pulsa amor em nossos corações.

Concursos Literários

A Ordem Internacional das Ciências, das Artes, das Letras e da Cultura está promovendo o concurso Literário de Poesia Nacional e Internacional JK. Coordenado pelo professor Guilherme Jorge da Silva, o concurso conta com a participação de poetas nacionais e internacionais com residência no Brasil.

Cada candidato concorrerá com até dois poemas, limitando o conjunto máximo de 25 linhas, datilografadas em duas vias. Para maiores informações sobre o concurso, ligar para o telefone (061) 591-1067 ou fax (091) 387-1245.



A Secretaria da Cultura e Comunicação Social do Estado de Santa Catarina, através da Fundação Catarinense de Cultura, está promovendo o "Prêmio Cruz e Souza de Literatura



"Prêmio Cruz e Souza de Literatura" com o objetivo de distinguir, anualmente, obras inéditas de autores brasileiros, nas categorias de Poesia, Conto e Romance.

O Prêmio Cruz e Souza constará de uma premiação de R\$ 10 mil reais, ao primeiro colocado, em cada categoria. As obras terão que ser inéditas e somente poderão concorrer autores brasileiros, residentes no País.



O I Concurso Literário Emílio Carlos Mariotto, promovido pela Companhia de Teatro Dom Quixote, já está recebendo trabalhos de escritores de todo o País. Cada autor só poderá apresentar um trabalho, com limite de quatro páginas, até o dia 31 de dezembro próximo.

Para a inscrição, os interessados devem enviar os seus trabalhos para Caixa Postal 33 - São Bento do Sapucaí-SP - CEP: 12490-000, acompanhados

de cheque nominal em favor de Milêni Lúcia de Oliveira e de um breve currículo.

Os três melhores trabalhos serão premiados.



O X Festival de Poesia, Crônica e Conto, da cidade de Imperatriz, no Maranhão, já abriu as inscrições. Os trabalhos deverão ser encaminhados para X Festival de Poesia e Conto, Caixa Postal 162, CEP 65903-100, Imperatriz, Maranhão. Cada participante só pode concorrer com até cinco trabalhos. Os vencedores nas três categorias receberão o Troféu Macunaíma, publicação dos trabalhos em livro.



A Fundação Cultural do Estado da Bahia abriu as inscrições para o concurso literário voltado para as obras destinadas ao público infanto-juvenil, nas categorias romance, conto, poesia e estória. Segundo as coordenadoras do concurso, Maria Louzeiro e Osmália Ferreira, que estiveram no XI Fórum Permanente do Escritor, em Brasília, as inscrições vão até o dia 3 de novembro.

Os trabalhos deverão ser enviados para a Diretoria de Literatura e Edição, Palácio do Rio Branco, sala 44, Praça Tomé de Souza, s/nº, CEP 40.020.000 - Salvador-BA - Telefone: (071) 321-0222, R/218, Fax: 321-0222.



Os poetas de Brasília poderão pegar uma carona nos transportes coletivos da cidade. Poesia no Ônibus é um projeto da Fundação Cultural que, em parceria com a Secretaria dos Transportes, selecionará 50 poemas inéditos. Os premiados, além de circularem pela cidade, farão parte de uma antologia poética. Com as inscrições já encerradas, os poetas aguardam, agora, o final do período de avaliação.

A população de Brasília conquistou na 1ª Legislatura (1991/1994), o direito a creches e pré-escolas comunitárias. É a Lei 177, na página 2.



Politicizado, povo de Brasília acompanha votação das leis.

BRASILIENSE ACOMPANHA ATUAÇÃO DA CÂMARA

Leis. Divulgá-las sempre e incansavelmente é dever do Estado Democrático, porque garante ao cidadão o direito de acompanhar e verificar os rumos que toma a sociedade.

Ao fazer a memória das leis nascidas por iniciativa da Câmara Legislativa do Distrito Federal, o encarte DF-Leis constitui-se num instrumento valioso para o cidadão engajado e comprometido com a cidade em que vive.

Com este encarte das leis, é dado ao povo de Brasília o direito de não só colecioná-las, mas ainda o de conhecê-las, julgá-las e exigir o seu cumprimento.

A cada edição, estaremos publicando, em ordem cronológica, as leis que se originaram da iniciativa dos parlamentares. Observe que, também obedecendo a cronologia, reservamos a quarta página deste encarte, para as leis sancionadas na Segunda Legislatura. E mais: atualizamos, em cada edição, o Índice das Leis publicadas neste encarte.

Você sabia que a Lei 850, na 2ª Legislatura (1995/1998), garante aos idosos atendimento especializado nas delegacias de polícia do Distrito Federal? Leia na página 4.

João Paulo II É Cidadão de Brasília

O Papa João Paulo II é, desde outubro de 1991, "Cidadão de Brasília". O título lhe foi concedido pela Lei 169, que teve origem no PL 219/91, de autoria do deputado Manoel Andrade.

Na ocasião, Brasília preparava-se para receber, pela segunda vez, o Sumo Pontífice, que vinha não só como líder espiritual dos católicos, mas também como Chefe de Estado. Na qualidade de líder espiritual dos católicos, o Papa, no encontro com D. Luciano Mendes de Almeida, então presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, declarou sua preocupação com a questão agrária no país.

Na justificativa de seu projeto, o deputado Manoel Andrade argumentou que, aliado ao fato de Brasília, ser a Capital da Esperança para os brasileiros, a homenagem partiria de uma cidade nascida sob o signo premonitivo do sonho de Dom Bosco

CRIANÇAS

Creches e Pré-escolas O Direito do Cidadão



A Lei 177, de 01 de novembro de 1991, instituiu no DF o Sistema de Creches e Pré-escolas comunitárias. Enquanto aquelas ocupam-se com a saúde e a educação das crianças de 4 a 48 meses, as pré-escolas destinam-se a assegurar o desenvolvimento físico, emocional e intelectual das crianças de 4 a 6 anos de idade.

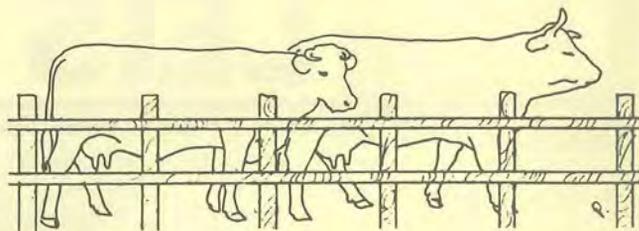
Com origem no PL 0019/91, de autoria da deputada Rose Mary Miranda, a lei previu a instalação desse sistema em todo o território do DF, em prédios próprios. Em caráter provisório, admite o seu funcionamento em instalações já existentes.

Supervisionado pela Secretaria de Educação, o projeto acolhe a participação das iniciativas de Igrejas, Sindicatos e segmentos organizados da sociedade. Estes poderão integrar-se ao sistema, para fins de obtenção dos recursos necessários, através de convênios.

Os recursos provêm do Poder Público, através de dotações orçamentárias próprias, e da comunidade, mediante doações.

PRODUÇÃO

Abatedouro Público Atende Criadores do DF



Pela Lei 178, o Poder Executivo, está autorizado a instalar e operacionalizar uma rede de abatedouros públicos, nas regiões administrativas de Brazlândia, Sobradinho, Ceilândia, Planaltina, Paranoá, Samambaia e Gama.

A idéia nasceu com o PL 0092/91, de autoria dos deputados Edimar Pireneus e Rose Mary Miranda, já prevendo que "o abate de animais, em qualquer estabelecimento da rede de abatedouros públicos, será feito a pedido do respectivo proprietário ou de preposto autorizado, em formulário próprio do abatedouro, mediante comprovação de propriedade do animal".

A lei também prevê que o abate será feito por pessoal especializado e nenhum animal será abatido, sem que tenha sido previamente inspecionado e liberado pela autoridade sanitária competente.

A administração da rede está tecnicamente subordinada à Secretaria de Agricultura e Produção.

URBANIZAÇÃO

GDF já Pode Construir a Terceira Ponte

O Governo do Distrito Federal já está autorizado a construir uma terceira ponte sobre o Lago Paranoá. É a Lei 187, de 27 de novembro de 1991, que teve origem no PL 015/91, de autoria do deputado Gilson Araújo.

Na justificativa do seu projeto, o parlamentar alega que a ponte deve ajudar o escoamento da produção agrícola na região do PADEF, bem como possibilitar a expansão, aproximando ao Plano Piloto as comunidades do Paranoá, ABC, Interlagos e Agrovila São Sebastião.

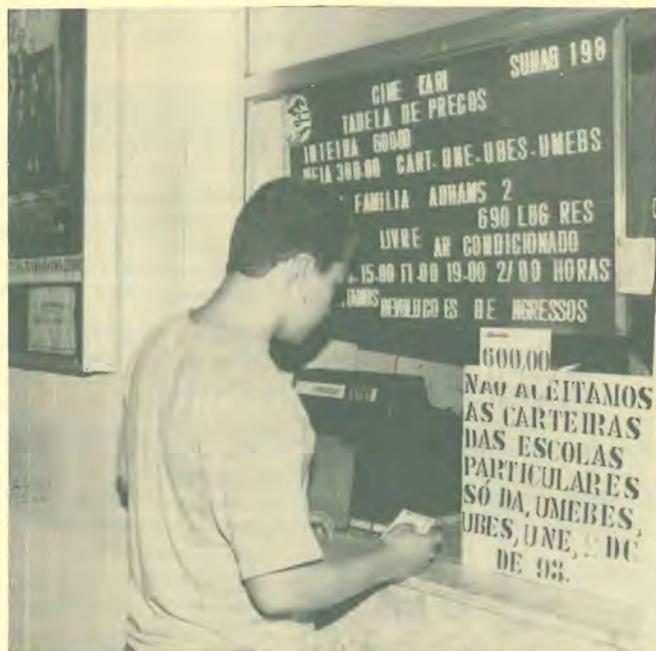
Sem definir a exata localização da ponte, o que pressupõe estudos técnicos, a lei faculta ao Governo recorrer a cobrança de um imposto específico, a Contribuição de Melhorias, previsto na Constituição Federal.

Lei do Passe Garantiu Transporte para o Mês

A Lei 189, de 02 de dezembro de 1991, regulamentou a tarifa reduzida nos transportes coletivos do Distrito Federal, para todo estudante matriculado regularmente nos estabelecimentos de ensino público e particular.

Nascida do PL 011/91, de autoria do deputado Agnelo Queiroz, a Lei 189 não só veio regulamentar uma prática já existente no DF, mas também ampliou os benefícios, aumentando o limite para 120 passes mensais. Para tanto, o parlamentar alegou na sua justificativa que a condição de estudante "é uma situação de vida, que não desaparece nos fins de semana e nas férias". O estudante - completou Agnelo - não utiliza o transporte coletivo somente para dirigir-se à escola, mas também para encaminhar-se à biblioteca para pesquisa e à casa de colegas para estudo.

Silvio Abdon



A meia-entrada garante estudantes nos espetáculos da cidade

CULTURA

A Meia-Entrada É Conquista dos Estudantes

A Lei 190, de 02 de dezembro de 1991, instituiu a meia-entrada para estudantes, nos estabelecimentos que realizem espetáculos musicais, artísticos, circenses, teatrais.

1ª LEGISLATURA

cinematográficos e quaisquer outros que proporcionem lazer e entretenimento.

A lei teve origem no PL 012/91, de autoria do deputado Agnelo Queiroz, para quem a meia-entrada, além de ser uma tradição na vida estudantil, possibilita a participação do jovem em espetáculos culturais.

O benefício da meia-entrada é assegurado ao estudante regularmente matriculado nos estabelecimentos de ensino público ou particular do Distrito Federal, portador de carteira expedida por um dos seguintes órgãos: União Nacional dos Estudantes - UNE, Diretório Central dos Estudantes - DCE, União Brasileira dos Estudantes Secundaristas - UBES e União Metropolitana dos Estudantes Secundaristas de Brasília - UMEBES.

URBANIZAÇÃO

Planaltina Tem Áreas Para Expansão Ordenada

A Lei 191, de 26 de novembro de 1991, define áreas para a expansão urbana e rural na Região Administrativa de Planaltina, e regulamenta a área de culto, onde hoje se instala o Vale do Amanhecer.

Originada com o PL 202/91, de autoria do deputado Salviano Guimarães, a Lei 191 tem por objetivo promover o crescimento ordenado daquela satélite e, ao mesmo tempo, garantir a produção rural da região.

Para tanto, foram criadas duas áreas suburbanas, projetadas para comportar o crescimento da cidade pelos próximos 20 anos. A área urbana, redefinida por esta lei, contemplando o crescimento natural da cidade, passou a incluir, entre outras, seguintes localidades: Jardim Roriz, Vilas Buritis II e III, Vila Vicentina, Setor Norte, Setor Sul e o Bairro Nossa Senhora de Fátima.

INDICE DAS LEIS

- Lei nº 147/91 - Aids e drogas
- Lei nº 156/91 - Mandela
- Lei nº 158/91 - Cultura
- Lei nº 165/91 - Tempo de Serviço
- Lei nº 169/91 - João Paulo II
- Lei nº 177/91 - Creches no DF
- Lei nº 178/91 - Abatedouro Público
- Lei nº 187/91 - Ponte sobre o lago
- Lei nº 189/91 - Passe Estudantil
- Lei nº 190/91 - A Meia Entrada
- Lei nº 191/91 - Expansão Urbana
- Lei nº 849/95 - Alfabetização
- Lei nº 850/95 - Idosos

Programa Quer Erradicar Analfabetismo no DF

Atacar o analfabetismo no Distrito Federal, criando condições para a sua erradicação, é o objetivo maior da Lei 849, de 8 de março de 1995, que instituiu o Programa Permanente de Alfabetização e Educação Básica para jovens e adultos.

A primeira lei sancionada na atual legislatura nasceu com o PL 0314/92, de autoria da deputada Rose Mary Miranda.

Sob a coordenação da Secretaria de Educação, o programa pode celebrar convênios e cooperação técnico-financeiro com universidades, entidades da sociedade civil e grupos comunitários.

Além de contar com dotações orçamentárias próprias, a lei prevê contribuições e doações. Cabe ao Poder Público a criação de mecanismos que favoreçam a participação de empresas públicas e privadas no combate ao analfabetismo e na promoção de educação básica de jovens e adultos.

Delegacias de Polícia Respeitam a 3ª Idade

A Lei 850, de 9 de março de 1995, cria seções especiais de atendimento aos idosos nas delegacias do Distrito Federal. A idéia nasceu com o PL 0453/92, de autoria do deputado Jorge Cauhy.

Por esta lei, as delegacias policiais devem oferecer atendimento diferenciado aos idosos, prestando-lhes os serviços adequados e buscando superar as dificuldades impostas por sua condição específica. Na justificativa do seu projeto de lei, o parlamentar chama atenção para o fato de que, a grosso modo, os serviços públicos não estão aparelhados para um atendimento digno à terceira idade.

Os recursos orçamentários necessários à implantação dessas seções especiais nas delegacias policiais do DF são garantidos pelo Poder Executivo. A coordenação dos trabalhos sob a responsabilidade da Secretaria de Segurança Pública.

Câmara Legislativa do Distrito Federal

MESA DIRETORA E COMISSÕES TÉCNICAS

MESA DIRETORA

Presidente

Geraldo Magela - PT

Vice-Presidente

José Edmar - PSDB

1º Secretário

Manoel de Andrade - PMDB

2º Secretário

Edimar Pireneus - PMDB

3º Secretário

Peniel Pacheco - Sem Partido

Suplentes da Mesa

Cláudio Monteiro - PPS

Daniel Marques - PMDB

I - COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA

Presidente

Luiz Estevão - PMDB

Vice-Presidente

João de Deus - PDT

Deputados titulares

Benício Tavares - PMDB

Cláudio Monteiro - PPS

João de Deus - PDT

Luiz Estevão - PMDB

Marco Lima - PT

Maria José (Maninha) - PT

Renato Rainha - PL

Deputados suplentes

Adão Xavier - PFL

Antonio José (Cafu) - PT

Edimar Pireneus - PMDB

Lúcia Carvalho - PT

Manoel de Andrade - PMDB

Odilon Aires - PMDB

Rodrigo Rollemberg - PSB

II - COMISSÃO DE ECONOMIA, ORÇAMENTO E FINANÇAS

Presidente

Zé Ramalho - PDT

Vice-Presidente

Adão Xavier - PFL

Deputados titulares

Adão Xavier - PFL

Daniel Marques - PMDB

Lúcia Carvalho - PT

Odilon Aires - PMDB

Rodrigo Rollemberg - PSB

Tadeu Filippelli - PMDB

Zé Ramalho - PDT

Deputados suplentes

Benício Tavares - PMDB

João de Deus - PDT

Jorge Cauhy - PMDB

Luiz Estevão - PMDB

Miquéias Paz - PC do B

Marcos Arruda - PSDB

Maria José (Maninha) - PT

III - COMISSÃO DE ASSUNTOS SOCIAIS

Presidente

Jorge Cauhy - PMDB

Vice-Presidente

Manoel de Andrade - PMDB

Deputados titulares

Antonio José (Cafu) - PT

Edimar Pireneus - PMDB

Jorge Cauhy - PMDB

Marcos Arruda - PSDB

Manoel de Andrade - PMDB

Miquéias Paz - PC do B

Peniel Pacheco - Sem Partido

Deputados suplentes

César Lacerda - PRN

Cláudio Monteiro - PPS

Daniel Marques - PMDB

Marco Lima - PT

Tadeu Filippelli - PMDB

Zé Ramalho - PDT

IV - COMISSÃO DE DEFESA DOS DIRETOS HUMANOS E DA CIDADANIA

Presidente

Marco Lima - PT

Vice-Presidente

César Lacerda - PRN

Deputados titulares

César Lacerda - PRN

Lúcia Carvalho - PT

Luiz Estevão - PMDB

Marco Lima - PT

Miquéias Paz - PC do B

Tadeu Filippelli - PMDB

Zé Ramalho - PDT

Deputados suplentes

Antonio José (Cafu) - PT

Edimar Pireneus - PMDB

João de Deus - PDT

Jorge Cauhy - PMDB

Maria José (Maninha) - PT

Renato Rainha - PL

Rodrigo Rollemberg - PSB



DF-LEIS Encarte do Suplemento Cultural
DF-Letras, editado sob a responsabilidade
da Coordenação de Editoração e
Produção Gráfica da Vice-Presidência

Coordenador de Editoração e
Produção Gráfica
Nelson Pantoja
(Reg. Prof. 916/06/01-MTb-DF)

Editor Executivo
Luís Rocha
(Reg. Prof. 1433/08/57-MTb-DF)
Diagramação: Marcos Lisboa

Câmara Legislativa do
Distrito Federal
SAIN - Parque Rural Norte
70.086.900 - Brasília-DF

Outras Palavras

Entre nós

"Entrequadras", jornal editado por Cláudio Lysias, dedica espaço cativo às manifestações artísticas de Brasília.

É mais um veículo em defesa do que há de capital entre nós: a sensibilidade.

No "Fogo Cerrado", do esotérico Vanderley Lopes, Bebê Prates, assume a encruzilhada de todas as andanças.

É mais um inconfidente de Copacabana atijando fogo no espírito do Planalto.

Lysias e Bebê, companheiros de inquietação.

A cara do cara

As capas de livros são obras que mostram, de cara, a idéia do escritor. Em alguns países, especialmente na velha e hoje aterrozante França, a capa, mais que uma simples complementação do



conteúdo, é uma obra. De arte. A sempre referencial Escola-Parque, nascida e consagrada pelo signo da sensibilidade, mais uma vez inova. Realizará uma exposição, em outubro, de capas de livros de vários escritores brasileiros.

Finalmente, a capa vai mostrar o artista. De cara.

Mãos à obra

O polêmico jornalista Evandro de Oliveira Bastos não concluiu, ainda, o livro que há tanto tempo promete.

Sem pressa, só pensa sobre seus calcanhares. "Quando a gente chega a determinada idade, o calcanhar é o ponto de equilíbrio da existência", diz sardonicamente misterioso.

Editor-Geral do "Correio Brasileiro" por mais de uma década, Oliveira tem muito a contar. Especialmente sobre os idos de 64...

Que, Oliveira, de cima de seus calcanhares, ponha a mão na máquina!

CamarArte

A Câmara Legislativa tem realizado vários eventos de incentivos à arte.

No primeiro semestre, entre outros, promoveu "Liberte seus talentos". Em outubro, "Talentos Musicais".

Vanessa e Célia, funcionárias da Casa, são as responsáveis por estas iniciativas. Ramal 8548. Se ligue na arte: 348-8000.

Samira e Jonas

Samira Abrãao e Jonas Melo, assessores da Câmara Legislativa, foram premiados no concurso literário "Cidade do Recife".

Samira, em contos. Jonas, em texto teatral.

A Câmara também é cultura.

Vivências



Lançado em Brasília, no último dia 20 de setembro, na Câmara dos Deputados, o livro do urbanista Lúcio Costa, autor do projeto arquitetônico que criou a Capital Federal.

O livro intitulado "Lúcio Costa, registro de uma vivência", é um trabalho em que o autor deixa transparecer a linha humanística que norteou a sua obra. Para aqueles que acompanham o trabalho do mestre Lúcio Costa, o livro editado pela Universidade de Brasília, é um daqueles que não pode faltar na estante.



Marcos Arruda (PSDB)

Cora Coralina mostrou, por intermédio de sua verve poética, a alma feminina e todos os seus anseios e necessidades de liberdade e igualdade, sem, no entanto, perder a sua candura, pois sempre acreditou no entendimento entre homem e mulher. Poetisa de grande expressão, Cora nos ensinou, através de seus versos simples, mas que retratavam a complexidade da vida, que nada é mais importante que o amor, única forma de o ser humano se redimir perante a vida e aos seus semelhantes.



Daniel Marques (PMDB)

A eterna poetisa dos becos de Goiás é e sempre será uma das maiores expressões da goianidade. Doceira, artesã do verso, contadora de causos, a goiana Cora Coralina é o orgulho da raça. Goiano também, sempre admirei a poetisa dos casarões, das ruas calçadas com pedras, do ranger preguiçoso do carro de boi. Aprendi a identificar tudo isso no cotidiano da minha querida e velha Planaltina. Homenagear Cora Coralina é reverenciar todos os goianos. É valorizar um povo cheio de candura e força, como Cora, Goiana, Coralina.



**Edmar
Pirineus
(PMDB)**

Ouvi pela primeira vez o nome de Cora Coralina, quando ainda menino na minha cidade natal Corumbá de Goiás, ficava a escutar as estórias que meu pai, pequeno proprietário e cavaleiro andante nas plagas dos goiás, nos contava, dando conta do mundo que ele percorria. Já adulto, estudante de sociologia, fui com uma turma de companheiros da UnB, assistir a uma Festa do Divino em Goiás Velho, e fiquei conhecendo pessoalmente Cora Coralina. Morava em uma casa simples e singela, tipo físico frágil de uma velhinha cativante, que em sua fala pausada e tranqüila, de pronto anunciava toda a poesia e sentimento do povo goiano.



**Benício
Tavares
(PMDB)**

O hermetismo das propostas culturais e a inoperância do Estado, que deve ser o potencial "mecenas" mesmo nas economias de mercado, estão determinando a perda de espaços de manifestações artísticas. É preciso carimbar esse binômio como responsável por essa retração e deixar de tachar aqueles que se apoderam dessa lacuna como predadores culturais. Enquanto permanecermos inertes, dirigentes, promotores, artistas e sociedade, seremos nós mesmos os algozes.

Historiadores fazem encontro em outubro

O IV Encontro de Historiadores do Planalto reúne nos dias 28 e 29 de outubro, em Formosa, estudantes e pessoas interessadas na história, hábitos e costumes de nove municípios do Planalto Central. Promovido desde 1992 pela Academia de Letras e Artes, sediada em Luziânia, esses encontros procuram não só levantar, mas também preservar aspectos da vida existente desde a época de criação desses municípios.

Divulgando o evento, Antônio Pimentel, diretor cultural da Academia de Letras e Artes, lembra que a área de atuação da academia abrange todo o antigo município de Luziânia, o que equivale ao quadrilátero delimitado pelas cidades de Cristalina, Pe. Bernardo, Formosa e Santo Antônio do Descoberto. Além das localidades contidas nesta região, participa a cidade de Paracatu, pela sua importância na colonização local. "De Paracatu, partiam os Bandeirantes", disse Pimentel.

No auditório do Centro Administrativo Municipal, com capacidade para 230 pessoas, o IV Encontro abrigará uma galeria de pintores das cidades participantes, além



Pimentel: "De Paracatu partiam os bandeirantes"

de exposição literária de escritores goianos e uma exposição fotográfica de flores do cerrado. Participam as seguintes cidades e seus respectivos conferencistas: Formosa, com Maria Aparecida Hamu Opa; Luziânia, Wilter Campos Coelho; Cristalina, Gesmar Calixto Gonçalves; Orizona, Olimpio Pereira Neto; Pirenópolis, José Mendonça Teles, Silvânia, José Sêneca Lobo; Brasília, Márcio Cotrim; Cavalcante, Domiciano de Faria e Paracatu, com Antônio de Oliveira Mello.

PESQUISA DF-LETRAS

Buscando colher informações referente à forma, qualidade da revista, gostaríamos que nos enviassem as informações:

1. É assinante do DF-Letras? Sim Não
2. Recebe regularmente? Sim Não
3. Qual o seu ramo de atividade?

<input type="checkbox"/> Escritor	<input type="checkbox"/> Jornalista	<input type="checkbox"/> Comunidade
<input type="checkbox"/> Escola	<input type="checkbox"/> Instituição Pública	<input type="checkbox"/> Instituição Privada
<input type="checkbox"/> Outra - Qual		

4. Qual a sua opinião sobre a revista? _____

5. Sugestões e/ou críticas.

Sr. Editor

Pioneiro acusa Ernesto Silva

Na 14ª edição do DF-Letras, especialmente voltada para os 35 anos da fundação de Brasília, publicamos depoimentos contidos no livro "Brasília, Memória da Construção", de autoria de L. Fernando Tamanini. Por discordar de um trecho em que seu nome é mencionado, o ex-conselheiro do Tribunal de Contas do DF, José Wamberto Pinheiro Assunção enviou uma carta, cuja íntegra transcrevemos abaixo.

Na edição de 21 do mês p. passado desse jornal, fui surpreendido com um longo artigo do sr. L. Fernando Tamanini trazendo referências acusatórias à minha pessoa. Em Brasília desde maio de 1960 - quando conclui a instalação do Comitê de Imprensa da Câmara dos Deputados e do qual era presidente - nunca ouvira falar desse senhor, do que posso concluir que ele nada pode ter de pessoal contra mim.

Pelo assunto tratado no referido artigo logo se vê que o sr. Tamanini está a serviço do sr. Ernesto Silva, este, sim, suficientemente conhecido. Diz o articulista que existe no Instituto Histórico e Geográfico do DF uma placa de metal com os dizeres: INIMIGOS DE BRASÍLIA: JOSÉ WAMBERTO E LUIZ ZAIDMAN. E de que somos acusados, ainda segundo o articulista? De termos impedido a aprovação de uma prestação de contas do então presidente do Instituto Histórico, o citado sr. Ernesto Silva.

Antes de tudo devo dizer que a placa com que visaram a indispor-nos com a sociedade brasiliense, não existe. Freqüentador do Instituto sempre que a sua diretoria me convida para celebrações cívicas e culturais, nunca soube da existência ali de quaisquer restrições à minha pessoa e à do dr. Luiz Zaidman. E posso informar que, por mim consultado, o atual presidente, o jornalista José Adirson Vasconcelos confirmou a inexistência da placa. Ela nunca foi do conhecimento do Instituto.

Cabe-me, agora, dizer uma palavra de homenagem e de saudade à memória do meu saudoso colega desaparecido prematuramente quando ainda podia continuar dando excelente contribuição ao serviço público. Posso afirmar que em qualquer tempo, no passado, no presente e no futuro nenhum Tribunal de Contas teve, tem ou terá auditor mais competente e mais honrado do que ele. Ao aposentar-se, o Tribunal deu o seu nome a uma das nossas salas de reuniões, em uma homenagem muito especial que ele tanto mereceu.



Quanto à prestação de contas do Instituto Histórico referida pelo sr. Tamanini, ela foi objeto do processo

nº 1.015/69, e nele o corpo instrutivo apontou as seguintes irregularidades: a) aquisição irregular de material de escritório a pessoa não comerciante, que então residia nesta cidade, e que se teria transferido para Portugal segundo informação obtida em diligência; b) falta de especificação daquele material e do respectivo preço; c) prejuízo ao fisco do DF relativamente àquela compra a particular, em detrimento, outrossim dos comerciantes que, nesta cidade, estariam em condições de participar de uma licitação; d) pagamento de despesa, parte da qual por serviços que eventualmente seriam prestados em futuro incerto, na organização de uma biblioteca; f) pagamento a várias pessoas pela mesma tarefa, no mesmo período, como é o caso da contabilidade e relações públicas, quando o vulto do serviço não parece justificar a sua necessidade; g) apresentação de recibo em papel timbrado de firma que negou haver prestado o serviço referente à despesa paga.

No recurso o presidente do Instituto, sr. Ernesto Silva confessou ter pago recepções no Rio de Janeiro para - segundo ele - "promover" a instituição junto à sociedade carioca.

A decisão do TCDF nesse processo foi adotada por unanimidade no dia 16 de junho de 1970.

Ao contrário do que sustenta o sr. Tamanini em seu artigo, não houve - e nem poderia haver - motivo de ordem política para a rejeição das contas, mas apenas graves irregularidades, em outras palavras gestão improba.

Aliás todos nós sabíamos - e quem não sabia àquela época na cidade? - que o sr. Ernesto Silva não era bom de contas. Alguns anos antes havia ocorrido o caso da NOVACAP, quando ele, um irmão, a secretária e a mãe da secretária se envolveram em uma rumorosa venda de terrenos do qual resultou um inquérito e a consequente decretação da prisão preventiva do sr. Ernesto, pelo juiz da Primeira Vara Criminal. Tão desconfortável era a situação do principal indiciado, que os seus dois advogados requereram "habeas corpus" ao Tribunal de Justiça sustentando que a NOVACAP era pessoa de direito privado, pelo que não teria se caracterizado o peculato que era a base do pedido de prisão preventiva. O "habeas corpus" de nº 180 foi julgado no dia 2 de abril de 1963 e dele foi relator o desembargador Souza Netto. O seu longo erudito voto sustentou



Tadeu Filippeli (PMDB)

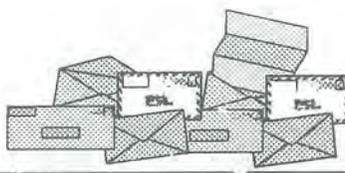
Muitos são os brasis, filhos da mesma mãe gentil, pátria amada Brasil. Poucos, queridos, brilham como estrelas de primeiro mundo. Dividem a terra, as oportunidades, acumulam as riquezas. Saudáveis, têm aposentadorias e plano de saúde. Centenas de milhares padecem sem eira à beira da miséria, sem-tudo, sem esperanças. A construção da paz no futuro, já que não houve glória no passado, exige a guerra, a todos os submundos, a partir do menor abandonado. Com a coragem de Cora: "Criança periférica rejeitada... /Mão nenhuma te valeu na derrapada /Revolta-me tua infância desvalida. A miséria escreve versos de fogo, e sou mesquinha".



Antônio Cafú (PT)

Falar sobre a grande mulher que foi Cora Coralina é um privilégio e uma grande emoção. No ano em que a Organização das Nações Unidas realizou em Pequim, China, uma Conferência Internacional para discutir sobre os direitos da mulher, Cora serve de lição de vida para homens e mulheres de todo o mundo que acreditam na infinita possibilidade de mudanças. A poetisa Cora Coralina, dona-de-casa dedicada ao marido e aos filhos, superou as dificuldades resultantes de sua viuvez tornando-se doceira na cidade de Goiás. Em sua casa, às margens do Rio Vermelho, Cora soube educar e sustentar os filhos e oferecer ao mundo uma brilhante obra literária, ao mesmo tempo em que perpetuava o secular trabalho das doceiras de Goiás.

Câmara Legislativa do Distrito Federal
SAIN Parque Rural Norte
CEP: 70.086-900 – Brasília



o caráter da NOVACAP como empresa de direito público; além disso existiam elementos demonstrando a plena existência do delito e provas que resultavam em indícios da culpabilidade do paciente. E assim decidi a maioria dos desembargadores em manter o decreto de prisão preventiva.

A essa altura, já não confiando na própria causa, o denunciado abandonara o país indo para lugar incerto e não sabido.

Funcionava no Ministério Público da Primeira Vara Criminal um jovem promotor a quem o destino já reservara os mais altos cargos na magistratura brasileira, o dr. Sepúlveda Pertence.

De tudo o que está acima e que foi apenas recordado, conclui-se que o sr.

Ernesto Silva não é a pessoa mais indicada para apontar quem é e quem não é amigo de Brasília.

Tendo sido por toda a vida um jornalista, ao dirigir-me a outro jornalista, o editor do jornal que publicou o artigo do sr. Tamanini com injúrias à minha pessoa, dispense-me de invocar a Lei de Imprensa para a publicação desta carta com o mesmo destaque com que apareceu o artigo em discussão. Estou certo de que o confrade possui o sentido ético da profissão que é a verdadeira base de um jornalismo livre e democrático.

Atenciosamente,

José Wamberto Pinheiro de Assunção
Conselheiro aposentado do TCDF

Espero que esta Câmara Legislativa continue com a publicação do DF-Letras-Suplemento Cultural. Assim me refiro, porque os governos de São Paulo e Minas Gerais suspenderam ou extinguíram, não sei, as publicações do DO-Leitura e do Suplemento Literário de Minas Gerais, que tanto realizaram em favor da cultura nacional. E vocês estão preenchendo esta lacuna, principalmente para nós do Planalto.

Desejo continuar recebendo o DF-Letras, que é por mim, depois de lido, colecionado. Eu tenho desde o 1º número e quero continuar a tê-lo.

Continuem para frente e digam ao Geraldo Magela (deputado distrital e presidente da Câmara Legislativa do Distrito Federal), ex-aluno meu e de minha mulher, que programe no DF-Letras uma matéria sobre a Cultura do Entorno de Brasília. Seria bastante proveitosa para todos os leitores da revista.

Cordialmente,

Antônio de Oliveira Mello
Patos de Minas - MG

■■■■

O tamanho do jornal deveria ser mais compacto. Também deveria trazer as leis em tramitação de votações com os nomes dos parlamentares. No geral está de parabéns, sugiro contar a história de Brasília e indicar livros de bibliografia para conhecimento e pesquisa.

Cordialmente,

Mário Cezar Lopes Júnior
Brasília-DF

■ Nota da Editoria

Cezar, o jornal a partir do número 15 transformou-se em revista.

■■■■
Gostaria de sugerir ao DF-Letras a criação de uma seção que retrate os grandes escritores e suas obras, tais como: Faulkner, Juan Rulfo, Onetti, Virgínia Woolf, J.L. Borges, Jonh Passos, Júlio Cortázar, Dostoiévsky, Llosa, Octávio Paz, Lugones e, também, os novos escritores tais como: Paul Ruster etc.

Tarcísio Mota Rodrigues
Brasília - DF

■ Tarcísio, vamos analisar a sua sugestão.

■■■■

Profundamente interessado pela cultura em geral e a boa literatura, venho por meio desta solicitar maiores informações sobre o Suplemento Cultural da Câmara Legislativa do Distrito Federal que conheço apenas de nome.

Gosto muito do que se publica em Brasília e ficaria satisfeito se fosse eu correspondido nesta solicitação.

Certo de que serei atendido se possível com um exemplar da amostra gratuita para exame, subscrevo-me gratíssimo augurando-lhe plenos sucessos.

Padre Henrique Alves de O. Filho
Janaúba-MG

■ Nota Editoria

Informamos que o seu nome foi incluído na nossa lista de assinantes.

■■■■

Continuem prestando essa excelente e significativa contribuição à Literatura, registrando a sua verdadeira história, extraída daqueles que a produzem.

Carlos Moreira Santos
P. Barreto - SP

■■■■

Sucesso a todos que fazem este jornal, se possível, distribuam este excelente Suplemento Cultural a todos os amantes das Letras deste País.

Carlos Noberto S. dos Santos
Maracanaú - CE

Expediente

Suplemento Cultural do Diário da Câmara Legislativa do Distrito Federal. Editado sob a responsabilidade da Coordenação de Editoração e Produção Gráfica da Vice-Presidência com a colaboração da Coordenação de Comunicação Social e Assessorias de Imprensa dos gabinetes parlamentares.

Vice-Presidente:

José Edmar Cordeiro

Chefe de gabinete:

Reinaldo Mendes

Coordenador de Editoração e

Produção Gráfica:

Nelson Pantoja

Editor DF-Letras:

Chico Nóbrega

Programação Visual:

Marcos Lisboa

Projeto Gráfico:

Claudio Gardin

Capa: Marcelo Perrone

Fotografia:

Silvio Abdon

Revisão:

Luis Rocha e Chico Nóbrega

Ilustradores:

Ana Caçador, Margarete de Cassia, Cláudio Gardin, Marcelo Perrone.

Chefe da Seção de Editoração:

Pedro Cassimiro de Souza

Equipe:

Ana Caçador, Antônio Eufrauzino, Apolo Guandalini, Cláudio de Deus, Cláudio Gardin, Francisco Dino, Francisco Nóbrega, Hélio Araújo, Antônio de Brito, José C. de Sousa, Luci Furtado, Marcelo Perrone, Marcos Lisboa, Margarete de Cassia, Nelci Stein, Sebastião Peres e Luis Rocha.

Chefe da Seção de Produção Gráfica:

Randal Martins Junqueira

Coordenador de Modernização e Informática:

Gilberto Santos

Coordenadora de

Comunicação Social:

Evelyn Alencar

(substituta)

Impressão:

Gráfica da CLDF

Esta edição compreende os meses de julho, agosto, setembro e outubro, números 17, 18, 19 e 20, respectivamente.

Os autores das matérias publicadas não recebem qualquer valor pecuniário e são de sua inteira responsabilidade o conteúdo das mesmas.

A Atlântida e a tradição Fawcett

■ Paulo Bertran

Paulo Bertran é historiador, escritor e poeta. Nasceu em Anápolis, Goiás, em 1948. Formou-se em Economia pela Universidade de Brasília, realizando cursos de pós-graduação na França. Ex-professor da UnB, do CEUB, UFG e da Católica de Goiás, foi um dos idealizadores do DF-Letras.

Membro da Academia de Letras do Distrito Federal e da Academia de Letras e Artes do Planalto, Paulo Bertrand é filiado, também, à Academia Pirenopolina de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal e de Goiás.

Corria o ano de 1925. Há os anos vulgares e os admiráveis, mas aquele era um ano mágico no sertão. Depois de décadas de sonolência histórica, uma labareda varia com fúria inusitada o império dos cerrados. De uma parte os revoltosos da Coluna Prestes invadiram Mato Grosso e Goiás, dão combates isolados, espalham inquietação na velha ordem do Sertão. De outra parte garimpeiros de diamantes do vale do Araguaia, maranhenses e bahianos, iniciam uma sanguinária guerra auto-destrutiva que logo soma 300 mortes.

No mesmo ano começa a afamar-se Benedita Cipriano da Silva - Santa Dica - bonita roceira de olhar magnífico, que no seu povoado de Rio do Peixe (Pirenópolis-GO) proclama uma República camponesa mística, realiza curas milagrosas e envolve-se com conflitos terrenos, como foi mostrado por Carlos Del Pino, em "República dos Anjos", um filme de extração brasileiro.

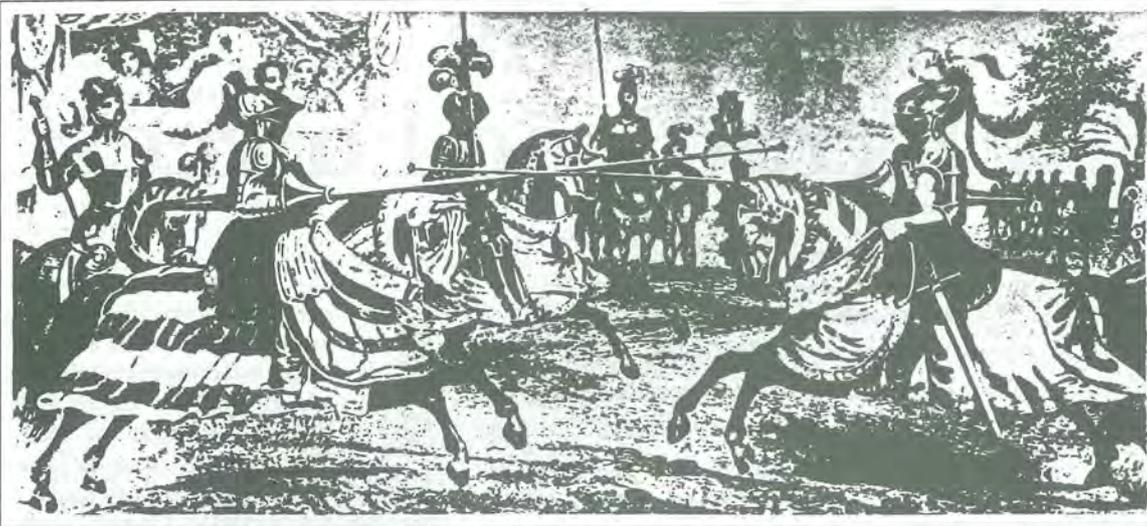
1925 é para o Brasil Central o ano interminável, no sentido da geração de cenários milenaristas, mil anos, dez séculos de novas configurações místicas e matérias, de violação do lacre dos tempos, de saturação de matérias combustíveis na ordem do imaginário social roto.

E de novas bandeiras simbólicas, novos mitos, novo vendaval mágico soprando pelas veredas. Novo Milenarismo.

É nesse *annus mirabilis* - ano admirável de 1925 -, que desaparece para sempre em algum ponto das chapadas do rio das Mortes e do Xingu um famoso explorador inglês, o coronel de Artilharia de sua majestade britânica, Percy Harrison Fawcett.

Fawcett autodescrevia-se como um lobo solitário, particularmente





*Na Idade Média os duelos entre os nobres eram verdadeiros espetáculos populares.
Hartmann Archive*

sóbrio, dizia, endurecido pela vida, originário de uma família desprovida de afeições. Depois da infância e da formação militar na Inglaterra, onde nasceu em 1867, passou ao Ceilão e ali casou-se em 1901. Com a mulher andou pela África do Norte, pela enigmática Ilha de Malta, atingiu Hong-Kong e em 1906 vivia na Irlanda.

Ali o contratou o governo da Bolívia para levantar suas desconhecidas fronteiras com o Brasil. Esteve no Acre. Na Xapuri de Chico Mendes, conheceu e teve boa impressão do conquistador Plácido de Castro. Meteu-se enfim nas zonas de extração de borracha, em rios e selvas intermináveis, assistiu a espetáculos apavorantes de miséria, de violência e de degradação da vida humana nos mercados de escravos, brancos e índios, onde, calculava Fawcett, que para cada tonelada de borracha contabilizava-se pelo menos uma morte humana. Pelo trabalho na Bolívia deu-lhe a Royal Geographical Society sua mais alta comenda: a Medalha de Fundador.

O explorador Fawcett dos primeiros anos de América do Sul (1906-1913), ainda pouco sugere o investigador iniciático das outras expedições ao Brasil. Mas os acontecimentos logo se precipitaram.

A descoberta da Cidade perdida de Machu Pichu em 1911, pela expedição Hiram Bingham e a Univer-

sidade de Yale, justo nos altiplanos Andinos, nos quais Fawcett andara, incendeia sua imaginação. Em 1914, ainda a serviço da Bolívia, desvia-se da missão para explorar as colinas misteriosas de Ricardo Franco em território brasileiro, ao Norte de Vila Bela, a antiga capital em ruínas do Mato Grosso.

Em 14, o já então reformado coronel Fawcett vai lutar na 1ª Guerra Mundial. Alguns autos não muito confiáveis citam-no então como vice-rei interino da Índia e como hóspede do Dalai-Lama no Tibete, onde teria se iniciado no ocultismo, como aconteceria à famosa Madame Blavatsky, formuladora da Teosofia, e depois a Lobsang Rampa, cujos livros eram muito vendidos no Bra-

rante seis meses, o explorador dedica-se a pesquisas em velhos documentos da Biblioteca Nacional e a visitas aos gabinetes ministeriais, em busca de recursos para suas expedições.

Na Biblioteca Nacional sim, encontra algo precioso: O Manuscrito 512, a "Relação de uma oculta e grande povoação antiquíssima sem moradores que se descobriu no ano de 1753" de autoria provavelmente do mestre de campo João da Silva Guimarães, bahiano. Ali via-se pórticos, estátuas, templos, casas, sinais de minas de prata. As minas de prata do romance de José de Alencar, descobertas na infância do Brasil pelo Moribeca, neto de Caramuru, e até hoje encobertas?

Se a Biblioteca Nacional foi-lhe proveitosa, a peregrinação pelos ministérios da República rendeu escassamente e propiciou-lhe a antipatia mais importante do Brasil da época: a do marechal Cândido Mariano Rondon, nosso mais notável sertanista.

Na presença do Presidente Epitácio Pessoa, do ministro Miguel Calmon e do próprio Fawcett, Rondon que além de nacionalista xenófobo, era positivista ortodoxo e ateu, atrasou com os místicos propósitos - remanescentes atlântidas em uma cidade perdida - do coronel inglês.

Fawcett, alegava Rondon, não declarava seus objetivos reais, seria apenas um aventureiro fantasioso que gostava de frequentar sessões espíritas e que se algo descobrisse no sertão, dele atingiria os brasilei-



*Chefe Caipó.
Expedição Coudreau,
em 1897*

ros, ou se ouro fosse, embolsava-o sozinho.

Seja como for, Fawcett obteve algum auxílio do governo brasileiro. Segue para Cuiabá em 1920 e dali ao norte atinge as cabeceiras do Xingu, uma região próxima àquela em que desaparecerá cinco anos depois. Teve problemas diversos. Seu companheiro de viagem, um australiano parlapatão, fez volta-volver e a expedição fracassou.

Aproveitou porém a estadia no Brasil e, em 1921, vamos encontrá-lo na Bahia, atrás da cidade perdida das minas de prata. Cabeceou pelas selvas que se colonizavam no rio Pardo e no rio das Contas, depois investe rumo ao São Francisco, indo além de Lençóis na chapada Diamantina.

Essê roteiro, inspirado no manuscrito 512 não apresentava novidades. Ainda em fins do Império, membros do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, seguindo o manuscrito, foram até as Serras de Sincorá e ali, de fato, encontraram curiosas formações rochosas, onde um espírito mais inflamado poderia ver ruínas fabulosas.

Outros exploradores brasileiros e estrangeiros também andaram pelo interior bahiano, fonte inesgotável de curiosidades geológicas até que melhor divulgando o complexo impressionante das Sete Cidades do Piauí, as belezas bahianas foram caindo no esquecimento.

Fawcett volta à Inglaterra com poucas novidades. Aposentado no Exército, ele e a família vivem pobremente e o coronel entrega-se à maior crise existencial da sua vida. Escreve no seu diário, em 1924, (já estava com 57 anos): "Os últimos anos foram os mais miseráveis e os mais desencorajadores dos que vivi, cheio de angústias, de incertezas, de incômodos financeiros... Sacrifiquei minha mulher e meus filhos... em 24 anos de casamento não passamos mais do que 10 anos juntos...". E arrematava: "Se fracasso na minha (nova) expedição, meu trabalho na América do Sul acabará em fiasco, pois não poderei refazê-lo. Me desacreditarão tratando-me por vi-



*Chefe Caipó,
Expedição Oudreau,
em 1897*

sionário e me estigmatização como um homem que só pensa em se enriquecer...". Quem compreenderá que não quero tirar nem glória nem dinheiro e que o qual faço é na esperança do benefício que terá a humanidade com minhas pesquisas?"

Ao fim da Primeira Guerra Mundial, o ambiente intelectual na Inglaterra convergia para uma onda de misticismo impressionante. Das penas dos dois mais populares romancistas do Império emergiam histórias incríveis de reinos mágicos perdidos no coração da África, da América e da Ásia, e que se sustentavam na curiosidade pública com o suceder-se das emocionantes des-

cobertas arqueológicas do tempo: Machu Pichu nos Andes, Babilônia e Nínive no Iraque, as cidades Maias da América Central, o Egito prodigioso em brotar mistérios e tesouros do deserto, como o fizera Howard Carter com o riquíssimo tumulto de Tutancamon, verdadeira mina de ouro e de obras de arte.

O passado da Terra e da humanidade parecia a ponto de redescobri-se de forma inusitada, e as criações literárias da época espelharam esta inquietação e primeiro, ao que parece, Sir Arthur Conan Doyle e o coronel entraram em contato. Sir Arthur é o criador do detetive eterno, Sherlock Holmes, modelo para o gênero de todas as banalidades que vieram depois. Conta-lhe Fawcett ter descoberto restos de grandes fósseis nos rios bolivianos. Mostra-se fotografias que fizera das enigmáticas escarpas de Ricardo Franco, no Guaporé brasileiro. Sir Arthur, sugestionado, escreve "O Mundo Perdido" um romance que fez época, descrevendo um mundo de monstros antediluvianos no interior do Brasil.

Sir Arthur morreu em 1930, totalmente convertido ao espiritismo.

Enfim, outro romancista inglês, Sir Henry Rider Haggard, foram os dois em conjunto, ele e Fawcett, grandes incendiários da imaginação iniciática. Sir Rider Haggard, falecido em 1925, é um ficcionista primoroso, e deve estar entre os primeiros a se interessar pelos mistérios de civilizações desaparecidas.

Dele guardo a edição portuguesa do "Minas do Rei Salomão" uma excelente novela de que se fez recentemente um filme canastrão.

Outros livros de Haggard, como "Ella" e a "Volta de Ella", histórias de uma feiticeira sensualíssima, rainha em um mundo ignoto, foram sucesso mundiais de editoração.

Sir Rider teve um irmão embaixador no Brasil. Ou Cônsul (Meu Deus, que País de memória infame!). Esse irmão trouxe ao novelista informações transmitidas por um anônimo explorador a respeito de uma cidade perdida nos sertões brasileiros e Sir Rider escreve então "As Minas do Rei Salomão" situando-se porém na África, por alguma obscura razão.

Por fim, Sir Rider incendiou de vez a já excitada imaginação do co-

ronel Fawcett, confessando-lhe a verdade sobre as minas de Salomão e o presenteando com uma estatueta proveniente do Brasil.

E aqui começa a precipitar-se a história.

El-Dourado

A estatueta presenteada por Sir Haggard era, segundo os iniciados, a representação do Homem de Ouro, o El-Dourado dos nossos mitos.

O ídolo, esculpido em basalto negro, tinha singulares propriedades elétricas: Quem o tomasse na mão recebia um choque pelo braço, as vezes forte o bastante para assustar. Fawcett levou a estatueta para perícias no British Museum, onde os experts saíram-se com uma pérola de judiciosidade: "Se não fosse falsa, escapava completamente a seus conhecimentos".

Convenceu-se Fawcett que o ídolo era uma espécie de receptor de rádio, portador de uma mensagem de remota origem e levou-o para o que na época chamava-se "Psicometrista", hoje um vidente, um médium.

Esse com a estatueta na mão, passa a ter visões de uma ilha situada entre o

norte da África e a América do Sul, habitada por dois povos, um deles altamente civilizado. A ilha passava por uma terrível catástrofe e afundava-se no oceano, só uns poucos habitantes salvando-se. Era a Atlântida, afirmavam os psicometristas consultados por Fawcett. E a estatueta um ídolo de veneração atlante.

Os acontecimentos se avizinham no ano interminável de 1925. Volta Fawcett ao Brasil, via São Paulo, onde é badalado pela imprensa. No Instituto Butantã, abastece-se de soros antiofídicos. Segue de trem para Corumbá, pátria do Pantanal e do poeta das lesmas e das escarras, o formidável Manoel de Barros. Chega a Cuiabá, então cidade culta e beletrista, visto que naquele fim de mundo, ou as pessoas morriam em cima dos alambiques de cachaça, ou sobreviviam mergulhadas nos requintes das literatices. Aportados diretamente da Europa, Rio de La Plata acima, com escala em Buenos Aires, nos grandes solares cuiabanos havia sempre um piano francês e o todo poderoso Bispo local, D. Aquino Correia era tido como um dos maiores oradores do Brasil. Fawcett considerava-o um brilhante déspota.

Já tinha feito bons amigos na cidadezinha colonial, desde a viagem de 1920. A intelectualidade e os comerci-

antes de Cuiabá atenderam solicitamente ao explorador famoso, já então com 58 anos de idade. Trouxeram-lhe depoimentos fantásticos sobre esquisitices do sertão, torres iluminadas, cavernas, cachoeiras mágicas. Levaram-no à Chapada dos Guimarães, lugar impressionante pela beleza, pelos metamorfismos geológicos e pela aura sagrada.

O coronel Fawcett falava pelos cotovelos, excitadíssimo. Seus companheiros na nova expedição eram Jack Fawcett, seu filho mais velho, e um amigo deste, Raleigh Rimmel. Jack era um gigante loiro de 22 anos, vindo da Califórnia, onde gastava os dias como vaqueiro e como "ponta" de filmes. Adorava cinema.

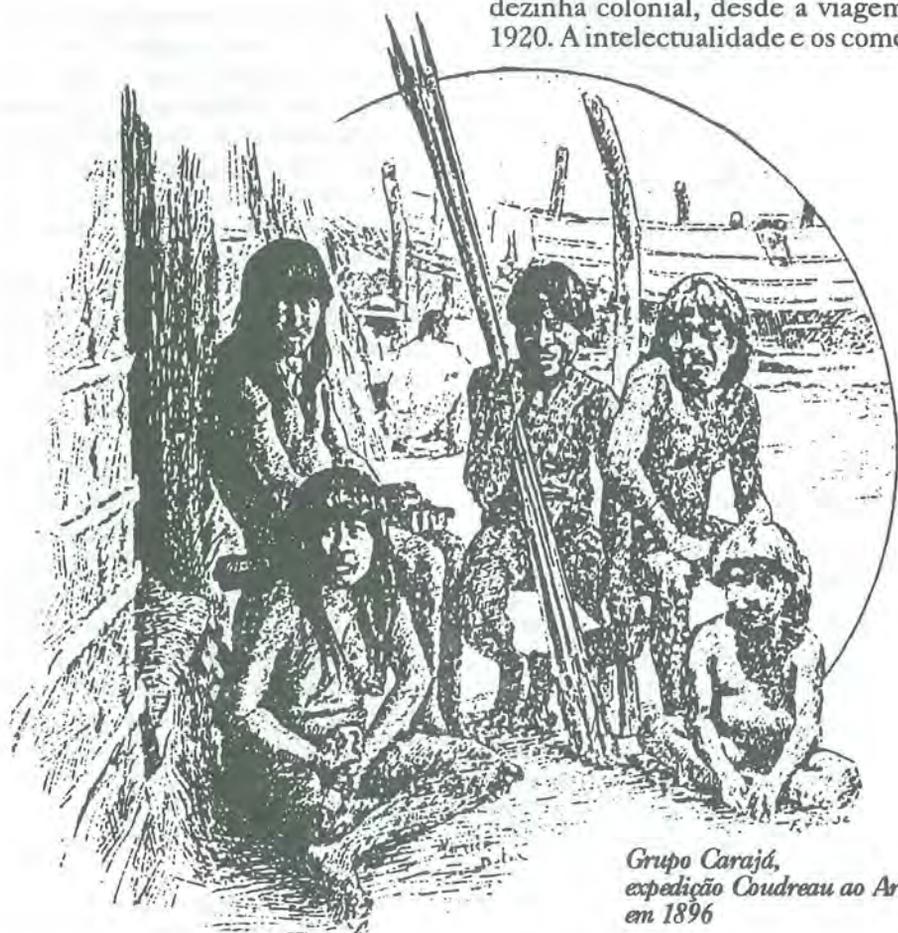
Os ingleses de fato tinham (ainda tem?) curiosidades notáveis em matéria de lógica fleumática.

Em abril de 1925 a expedição Fawcett deixou Cuiabá. Não se pode dizer que a região do Alto Xingu a que se dirigia fosse conhecida. Desde o século anterior o Barão Von Den Steinen havia descido o Rio Xingu e há pouco tempo meu velho parente, coronel Antônio Pirineus de Souza, rondoniano fanático, explorava o rio Paranatinga de ponta a ponta.

Hoje quase tudo está devassado e aberto, exceção feita ou bem às serras íngremes demais ou bem às florestas excessivamente fechadas, santuários que até agora a cobiça e a tecnologia não conseguiram vencer.

Em 25, a última fazenda ao norte de Cuiabá pertencia ao senhor feudal, "Coronel" Hermenegildo Galvão, dono de gados e gentes, e com ele hospedou-se Fawcett.

Contava Hermenegildo sobre o inglês: "Nunca vi o coronel separar-se de uma imagem que tinha cara de tudo, menos de santo... Coisa parecida com aquilo só tenho lembranças de



Grupo Carajá,
expedição Coudreau ao Araguaia,
em 1896

ter visto num almanaque de fim de ano... Tinha a cara de menino, mas menino é que não era!..." (Morel, 1936).

O leitor atento já identificou. Era a imagem do homem de ouro, elétrica, transmissora de mensagens, presente de Sir Haggard a Fawcett. Por certo serviria de sinalizador para a expedição, é o mínimo a se esperar, visto os precedentes. O coronel andava falando pelos cotovelos, lembremos. E o povo de Cuiabá ou, bem dele ouviu ou bem interpretou coisas perturbadoras, nos limites do fantástico... Que na Inglaterra professava o espiritismo... Que no Brasil era um Apóstolo do Ocultismo... Que a presença do seu filho mais velho, Jack, devia-se a uma previsão tibetana: Jack se tornaria príncipe de um reino subterrâneo nos sertões brasileiros.

Ao Dr. Eufrásio Cunha (Morel, 1936), historiador cuiabano, revelou ter o roteiro de Atlântida, a ele confiado por um mago boliviano.

Em uma sessão espírita em Cuiabá, a que assistia o próprio governador de Mato Grosso, Dr. Estevão Correia, Fawcett... "fez descer do teto uma flor orvalhada cujo encontro com uma outra semelhante indicaria a posição certa de Atlântida..." (Morel e Rondon, 1936).

Mas a ninguém precisava para onde ia a expedição, até mesmo porque talvez não soubesse. Referia-se na correspondência com a família a um "ponto z", algo entre o vale do Xingu e o vale do Araguaia, território Xavante e Tapirapé. A tradição moderna localiza o "ponto z" na Serra do Roncador, que se alonga sobre o Rio das Mortes desde Vale dos Sonhos até Nova Xavantina. Rio das Mortes esse que vem a ser uma das mais lendárias regiões do bandeirismo setencista e onde roteiros do Anhanguera e do Pai Pirá situavam os tesouros de Martírios e

dos índios Araés.

A última carta de Fawcett data do acampamento do Cavalão Morto, a 20 de maio de 1925. Estava bem...". Minha próxima carta será provavelmente do Pará ou do Ponto Z talvez... Não temam nenhum revés". E nunca mais deram notícias.

Isto é, notícias e notícias são. Sumido Fawcett é quando se torna lenda, mito, cicatriz inscrita na história do imaginário.

Passam da dezena as expedições organizadas para encontrar Fawcett - e nisso lembra o caso bem mais

os índios Nafaquás uma caneca de metal pertencente a Fawcett e nenhuma notícia mais. Diott tinha fama de explorador na África e no norte da Amazônia.

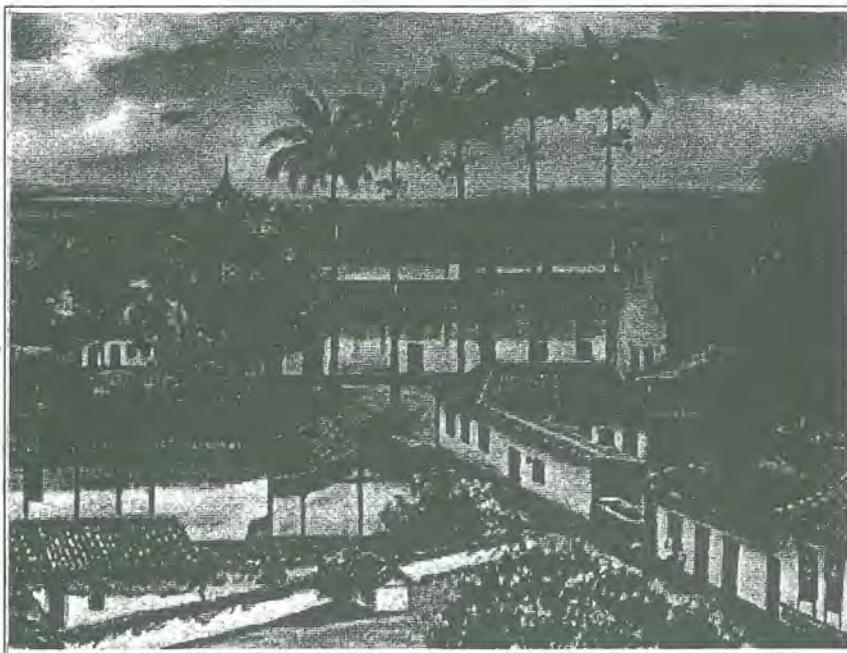
Em 1930 é a vez do notável e extravagante Albert de Winton, jornalista do American and Foreign Newspaper de Hollywood - USA. Albert era, por direito de título inglês, o último conde e marquês de Winton, parente da família real da Inglaterra. Entrou ilegalmente no Brasil à procura de Fawcett. Por onde andava, em Cuiabá ou no

inúvios sertões, deixava cartões de visita impressos em puro linho, com letras em ouro. Desapareceu completamente.

1931. Um suíço, Stephan Rattin, chega com notícias de ter encontrado Fawcett como prisioneiro de uma tribo de índios do vale do Paranatinga. Em depoimento ao consul inglês de São Paulo, Rattin, que era um sujeito simples, caçador de profissão, recusou qualquer publicidade ou dinheiro para montar expedições, explicando que o

coronel inglês é que o recompensaria. Voltou Rattin a Cuiabá, passou pela fazenda do coronel Hermenegildo Galvão. E desapareceu para sempre.

1933. O assunto Fawcett toma proporções gigantescas. O coronel Aniceto Botelho, velho rondoniano, encontra em território indígena uma bússola pertencente à expedição. O explorador italiano, Virginio Pessionni, envia à Royal Geographical Society relato dizendo ter encontrado o coronel inglês como chefe de tribo no vale do Paranatinga, e que Jack Fawcett já deixava ali geração com uma índia. O engenheiro José Morbeck sobe o rio das Mortes à procura de Fawcett e das minas dos Araés. Os padres italianos Fuchs e Sacilotti, Salesianos, que Edmar Morel acusava de serem tremendos fascistas, também sobem o rio das



Igreja Matriz de Paracatu e ruas da cidade. Tela de Wanda Nascentes de Queiroz Melo

antigo do Dr. Livingstone, perdido no coração da África e encontrado por outro inglês, o jornalista Stanley, do Herald de Londres, que ao vê-lo, os dois únicos brancos em mil quilômetros africanos de raio, disparou a última fala hamletiana do Império Britânico:

Dr. Livingstone, I presume? Notáveis esses velhos ingleses...

A primeira notícia sobre Fawcett deu-a um francês, Roger de Courteville. À beira de uma estrada de Minas Gerais (tinha que ter Minas nesta história), apresentou-se a Courteville um velho com ar demente dizendo ser o coronel Percy Harrison Fawcett.

Em 1928, a Newspaper Alliance de Nova York, agência noticiosa para a qual escrevia Fawcett, enviou à sua procura o comandante George Diott, que encontrou entre

Mortes e são trucidados pelos Xavantes. Parece que D. Bosco, no famoso sonho profético de 31 de agosto de 1883, a respeito de Brasília, referiu-se a eles, quando aterrorizado "assiste ao sacrifício de dois missionários salesianos abatidos a tacape pelos índios".

Chateaubriand

Tentemos porém encurtar esse interminável assunto de 1925. Direi apenas que caiu no paladar de Assis Chateaubriand e dos seus "Diários Associados" o maior monopólio de imprensa de que já se teve notícia na América do Sul.

Chateaubriand pautou o jornalista Edmar Morel para cobrir, a partir de 1936, o assunto Fawcett e coisas correlatas, como a expedição Concaador - Xingu. Grandes jornalistas e fotógrafos como David Nasser e Jean Manzson estiveram à disposição dos mitos.

E como a imprensa no Brasil tomava então a mesma linha Clark-Kent da norte-americana, que caracteriza o espetáculo (com a renúncia à moderação e ao comedimento do simples bem informar), não gastemos a sanidade mental com as velhas reportagens espetaculosas e ególatras que sobre o assunto surgiram nos últimos 50 anos.

Em 1952, nosso notável sertanista Orlando Vilas Boas, ouve entre os índios Calapalos a narrativa do trucidamento de três brancos - e ligou o acontecimento à expedição de Fawcett. Encontrou um esqueleto humano indicado pelos índios, mas perícias realizadas aqui e na Inglaterra em nada autorizaram a identificá-lo com os membros da expedição.

Serviu o fato para suscitar nova onda mundial sobre o assunto. Alcançada na Suíça, Lady Nina Fawcett, viúva do coronel, informa estar em permanente comunicação telepática com o marido e o filho, e que viveriam em "Zona Pétreá" em companhia de índios brancos. Vez por outra deles receberia, por canais secretos, cartas e fotografias (Aureli, 1962) e como sabia estarem bem e terem alcançado o que queriam, desinteressava-se da questão.

Não obstante havia ainda pela época em Zurich um tal qual cientista Dr. Arnold Bachmann, que se dispunha a vir buscar os Fawcett



Retrato de um Cavaleiro
(Francesco Maria
della Rovere),
de Carpaccio, 1510

nas selvas brasileiras a bordo de nada menos do que um carro tanque da Segunda Guerra Mundial!

Para serenar os ânimos, Brian Fawcett, filho mais novo do coronel, andou compilando anotações e cartas do Pai e em 1952 lança, em inglês, e logo em francês os dois volumes das "Memórias do Coronel Fawcett" por cuja edição, Amriott Dumont, Paris, 1953, me guiei preferencialmente.

É um livro calmo, comportado, discreto, a contrastar com o pirotecnismo e a fantasia das fontes impressas brasileiras.

E aqui também é hora de nos desinteressarmos da história de Fawcett, à exemplo de Lady Nina, e de nos preocuparmos com suas consequências místicas, o real histórico após a incineração dos fatos.

Enquanto escrevia e lia sobre este assunto, lembrei-me frequentemente de dois geniais formuladores do imaginário moderno: o cientista americano Steven Spielberg e o escritor italiano Umberto Eco.

Spielberg, claro, com Indiana Jones, o aventureiro - cientista, talvez inspirado em Hiran Bingham, professor de Yale, descobridor da cidade perdida de Machu - Pichu. Inspirado também em Pauwels e Bergier (*O Despertar dos Mágicos*), onde vem tão detalhada a filogenia ocultista do nazismo.

Nos filmes de Spielberg, O Bem, que vence é o depositário dos objetos místicos.

Basicamente são metáforas sobre os mitos do passado, que reduzem os tempos em que existiam os Fawcetts de todo o mundo à caricatura bem humorada, às pilhérias com que uma geração crítica sua antecessora.

Spielberg no conjunto de sua obra preocupa-se de fato muito mais com o imaginário do futuro, com os contatos imediatos do 3º grau e com a genialíssima aplicação da teoria insteriana e da física quântica na série "De Volta para o Futuro".

Peço mais tempo e respondo com Umberto Eco, gênio cultural da velha Europa, metaforista perfeito a ponto de ser maçante pelo excesso de cultura, como no seu livro fundamental e chatíssimo, "O Pêndulo de Foucault". Em resumo diz ali mestre Eco que todos os mitos da velha Europa no milenarismo cristão são uma só e velha remissão de encadeamentos dos mitos hebraicos e cristãos. O Gral, Templários, Saint Germain, Cagliostros, Maçonaria, Rosacruzes, Espíritas, todos os "meus diabólicos malditos", "como escreve em muitas partes com certo carinho, unidos sob o pêndulo do Museu de L'Homme, para que não se extinga o milenarismo da pedra filosofal européia. Ameaçados por quem, os hieráticos bruxos europeus? Ora, pelos moleques intuitivos nativos das Américas, tais uns tráfegos, Steven Spielberg, Gabriel Garcia Marques e até nosso Darcy Ribeiro com sua "Utopia Selvagem". E ainda os traidores, os revisionistas de mitos do milenarismo europeu como Jorge Luiz Borges, um João Guimarães Rosa, aquele obscuro John Smith, fundador da seita de Salt Lake City, e o Paulo Coelho.

Umberto Eco foi perfeito na sua metáfora do esvaziamento místico da Europa em proveito da barbaridade luxuriosa das Américas. Como no caso do milenarismo brasileiro, que apesar de ter tomado suas doses cristãs de D. Sebastião, de São Tomé e do Templarismo da Ordem de Cristo, afinal fixou-se mesmo nos velhos mitos bandeirantes e indígenas: o El Dorado, as Amazonas, cidades e povos perdidos.

É duvidoso que Fawcett tenha

sido o primeiro a conectar esses mitos básicos com a tradição greco-européia da Atlântida. Mas sem dúvida foi o primeiro a divulgá-la, pelo estardalhaço mundial do seu sumiço.

E fez escola?

Fez escola. Devem existir por aí diversos textos e pessoas inspiradas na tradição iniciática estabelecida por Fawcett e sua história, como por exemplo, a vertente européia do professor Timothy Paterson. Vou cingir-me porém a Udo Oscar Luckner e ao que está contido no seu livro iniciático "Mistérios do Roncador" de 1981, um entre os seis que publicou.

Udo Oscar é o Hierofante, o mentor, o papa do Monastério Teúrgico do Roncador, que vem a ser um seminário convertual de magia, um colégio de magia, situado na região da Serra do Roncador-MT. Por passagens do livro deduzo que o autor é catarinense e que peregrinou por diversos locais iniciáticos do País, como a Pedra da Gávea no Rio de Janeiro, São Tomé das Letras-MG, Caiapônia-GO e naturalmente, Roncador-MT. Esteve também nos vales andinos do Chile, no centro religioso da Montanha do Assuan na Bolívia, no Lago Titicaca etc, em certo Templo de Akalam, que se situa do lado boliviano do Lago Titicaca, segundo Luckner, encontrou um grande filósofo a quem perguntou sobre Fawcett e que lhe respondeu: "Sim, estivemos na montanha de Assuan, onde ele ganhou a cópia de IBEZ... de sobre o altar do Senhor do Tempo... Tirou a cópia sagrada e entregou ao Senhor da Fonte das Inteligências...". Mais uma estatueta elétrica?



Roda da Varia Fortuna - concepção de História do Século XVIII

Após longas peregrinações, Udo Oscar chega à Serra do Roncador em 1968:... "Antigos moradores da região, pequenos posseiros, mostraram-se acampamentos de europeus e norte-americanos, possuindo até campo de aviação. Esses exploradores ali haviam permanecido muitos anos, buscando a trilha de Fawcett"...

Enfim, diz Udo ter sido autorizado a subir a serra do Roncador e explorar a Montanha Sagrada, e a 12 de março de 1968 teria chegado às Três Portas.

Encontra ali seu mestre Jeth e juntos empreendem a descida ao mundo subterrâneo, através de cavernas e labirintos, até uma cidade de formato circular, onde viviam pessoas louras, altas e de tez rosada. Dali partem a bordo de uma nave rumo à outras cidades da Serra dos Araés, onde no grande templo de Algoal, assiste a um concerto, com o Conde de Saint Germain ao piano.

Em outra viagem à cidade secreta de Morro do Vento, em Roraima, toma conhecimento dos arquivos de Atlântida, com sua origem, sua história, sua destruição e a vinda dos sobreviventes para as cidades secretas, tudo registrado em livros que vêm sendo escritos há 18 mil anos. A maior das Bibliotecas encontra-se sob as escarpas do Roncador. Há também a cidade de Lelha, os Sábios, os Anciãos, os Reis, a casa real de Algoal e os senhores do Quinto Sistema com suas naves estelares.

Udo Oscar Luckner diz que ao fim de uma noite tumultuosa, em 14 de novembro de 1972, ele e sua mulher Théré encontraram três marcos de pedra no cimo do Roncador. Conforme inscrições, ali estava a porta da cripta onde Fawcett

havia depositado a estatueta, reprodução fiel da imagem de IBEZ - o que irá comandar o novo ressurgimento...

Para por aqui. O restante do que diz o livro de Udo Oscar escapa à história para pertencer ao reino gnóstico, aos "Queridos malditos diabólicos" do escritor Umberto Eco.

E como homem de escritório, curioso e céptico quanto aos mistérios do mundo e da imaginação humana, preguiçoso e medroso para as coisas iniciáticas, cada vez mais admiro a propriedade com que o escritor Antônio Callado, velho estudioso da questão Fawcett, a isso se referiu: "...é bom não esquecer que da inutilidade entendemos todos, da vida banal, da espera da morte no escritório. Que então sabemos da esperança que ateou um fogo tão vivo no peito deles?..."

■ Paulo Bertran, historiador

DE IDA PARA O PASSADO

■ Francisco S. Xavier

Francisco Xavier mora no Gama, cidade satélite do Distrito Federal.

Há mais de 10 anos ele vem escrevendo poesias e crônicas, mas ainda é um escritor anônimo. Influenciado pelo escritor gaúcho Luís Fernando Veríssimo, espera encontrar algum editor que possa ajudá-lo na publicação de suas obras.

Com 29 anos de idade, Francisco Xavier é servidor da Câmara Legislativa do Distrito Federal, exercendo a função de auxiliar administrativo.



Ano 2030, o Brasil vive um momento eufórico. Depois de oito anos, voltaremos a disputar uma Copa do Mundo (tivemos o azar de cair no mesmo grupo da Venezuela nas duas eliminatórias anteriores). Será que desta vez seremos penta?? (não contar o interstício), mas ainda acho essa tática de 1-6-4-0 muito estranho. Ah! Que saudades daquele esquema do Zagalo... Tão ofensivo.

Mais uma outra boa notícia para o esporte nacional: Rubinho Barrichello Júnior quase marcou seu 1º ponto. O carro, que havia quebrado nos GPs

anteriores, dá sinais de melhora... 7º lugar. Certamente a temporada que vem será muito promissora para o nosso Juninho. Onde andarás o velho Piquet?? Faz tanto tempo...

2030 também é um ano de mudanças na política. A eleição para Presidente, em novembro promete: a esquerda des-ponta nas pesquisas de opinião pública, mas o atual governo, que pretende eleger seu candidato, acaba de lançar um novo Plano Econômico. Parece que vai dar certo. Lembro-me da "Era Fernandos", de Fernando Collor, Fernando Henrique e depois o Fernando Gabeira, quem diria... Acho que disto não sinto saudades.

O Brasil sediará neste ano o 5º Encontro Internacional de Heterossexuais - EIH; hoje uma minoria que representa apenas 10% da população do Globo. Desde o evento da cura da Aids, em 2024, e da aprovação de troca de sexo pelo Congresso no ano 2026, que esse percentual vem diminuindo (por falar em cura da Aids, o Betinho sobreviveu e também se curou... morreu no ano seguinte de um súbito resfriado).

O 5º EIH servirá entre outras coisas, para discussão do tema da SIUA - Síndrome da Incontinência Urinária Adquirida. Doença contagiosa e ainda sem cura que misteriosamente só ataca a heterossexuais e mães em período de amamentação (desde a aprovação da Lei do Aborto no Governo Gabeira, também se tornaram minoria).

2030... que novidades o famigerado septagenário Bill Gates, dono de 299 bilhões de dólares (ele declarou em



recente entrevista que quando alcançar os 300 bi, doará à instituições filantrópicas), nos reserva ainda para este ano, se até o sexo via Internet ele já possibilitou no micro. Ah! o saudoso papai-mamãe...

Mas nem tudo é nostalgia. Este ano liquidarei as últimas parcelas do financiamento da casa própria que adquiri em 1995. Que ano bom aquele.

■ Francisco S. Xavier, escritor

O
QUE
A
COMUNIDADE
SONHA
DESEJA
E
REIVINDICA
VIRA
LEI

DCL

DIÁRIO DA CÂMARA LEGISLATIVA DO DF

SAIN - Parque Rural Norte
70.086.900 - Brasília-DF

348.8412 - 348.8963

O tácito azul

■ Chico Campos

Francisco Campos, mais conhecido entre seus inúmeros amigos de Brasília como Chico, é um apaixonado pelas palavras de Jesus Cristo. Poeta, escritor, conhecedor do Tarot e de outras práticas místicas, Chico Campos é guru de muitas pessoas das mais variadas atividades profissionais.

Atualmente ele mora em Maceió, capital alagoana e tem deixado saudades entre aqueles que lhe estimam muito.

Eram cinco horas da tarde. Jerusalém começava a se preparar no bulício do dia ao encerramento das obrigações. Lázaro contemplava as sete vigas do teto - e as contava de frente para trás e de trás para frente - enquanto pensava que chegara ao fim. Jesus o deixara com um olhar que encerrava o que ele apenas pudera sentir mas não cumprir. Não entendera. E era seu irmão.

A morte chegara. Na opressão de César.

O ar começara a lhe faltar. Balbuciava a cabeça no gesto idiota, buscando o alento que não viria. O peito se fechou. Abriu a boca inutilmente e seu corpo ficou imóvel. Não sentia mais seu coração batendo. Não respirava mais. Suas pernas pareciam se intumescer involuntariamente para a vida - e para a morte. Sentia-se como se estivesse repousan-



*“Ao lado de Jesus, o canto das aves,
o vento, as árvores e a até mesmo as pedras
pareciam encetar um diálogo com os homens”*

do dentro do corpo. Tudo terminara.

Percebera isso, com certeza, quando Maria entrara no quarto para vê-lo e o abraçara inconsolável no gesto de adeus. Então a morte era isso. Um descanso de sua opressão. Um corpo que iria se deteriorar e ele permaneceria.

Lembrou-se dos olhos de Cristo. Lembrou-se de Cristo. Ele era o amigo de todos, ele era todos. Divertia-se como uma criança adivinhando as pessoas de forma tal que ninguém se sentia só. Parecia estar em todos. Viver em todos. Jesus era a luz no meio das trevas da opressão. Livre, feliz, alegre, com uma satisfação do tamanho do Universo. Perto dele era esquecida a dominação romana, a moeda enfraquecida, a escravidão.

Então Ele o olhara. Com os olhos cor de queixumes violetas. Ele o olhara. Com olhos verdes de entendimento. Com o tático azul. Que ele não entendera. Sua vida não servira de muita coisa. Caminhara desengonçado pelos incertos da opressão. O judeu se curvara para a inglória postura subserviente da sobrevivência. Ele se curvara até o limite de sua dignidade.

Um galo cantou nos pertos. Era estranho. Ouvia-o como se estivesse num corpo. E o falecido não se manifestava como devia ser. Somente ele. Lembrou-se do tático azul dos olhos de Cristo. Um táci-



to do Etemo. E tão perene como o azul do céu, grotesco na sua mutabilidade e de ser sempre o mesmo. O céu espelhava o ânimo da terra. Jesus espelhava o ânimo do céu. Somente não entendia. Somente.

A terra dos judeus havia sido profanada. O povo eleito vacilava em acreditar na verdade da autoridade ou na autoridade da verdade. Jesus surgia como o divisor de águas na afirmação irrecorrível da autoridade da verdade. Incomodava. Fazia os hipócritas se torcerem dentro de si mesmos na busca de manterem seus privilégios. Ao lado de Jesus, o canto das aves, o vento, as árvores e até mesmo as pedras pareciam encetar um diálogo com os homens. Um grande silêncio emanava de sua presença.

Os governos só sabiam tirar, tirar, tirar. Prometiam melhorias sem fim e o povo gemia na sua miséria. Olhava seu povo curvado, cansado, no viço da idade, por um peso coletivo de obrigações impostas. Vivera uma vida de revolta. Todos viviam sob a opressão maior. A opressão da morte. Sozinho, clamara aos céus a justiça devida. A justiça divina.

Jesus lhe devolvera a paciência. Com um sorriso almiscarado de pólen irisdescente. A terra tinha novo dono. O coração do homem encontrara o dono de seu cora-

Os

Anais

representam

o registro

fiel

da

história

política

do

Poder

Legislativo

do

Distrito

Federal

ção. Mas sentira-se blasfemo ao pensar que vira Deus, que Jesus era o Deus prometido e de sempre. Conhecia-se. Reconhecia-se.

Conhecera Jesus desde cedo. Ninguém mais comum a todos. Mas aconteciam coisas. Pessoas eram curadas à sua passagem sem se perguntarem como. Ofereciam sua gratidão em ofertas no Templo. E ele percebia. Jesus o olhava no tácito. E ele enlouquecia aos poucos. Num tácito azul. E não entendia.

Era uma vida não biológica que se infiltrava em seu corpo. Uma energia vital, vertical, que fazia a vida biológica sentir-se estupefata. Além da semente biológica, mortal, havia uma outra semente, imortal, que Jesus fazia germinar. Sentira-se mortal e imortal. Não acreditava mais que fosse morrer um dia. Sentia outro corpo dentro de seu corpo. Com uma vida sem fim.

Era natural ao lado de Jesus. De repente a terra era de todos, de repente o céu se ligava à terra. De repente Jesus era o Messias. Na proximidade dele tudo era fácil. Sentia-se à vontade. No afastamento encontrava o terror. Era o poder encarnado. Somente a pulso conseguira conter seu coração.

E passou a adorá-lo. Não como a malícia que inventa muitas formas de exaltação, mas como submissão terrestre. Uma alma obediente e um espírito... lamuriendo. Sempre acreditara que suas lamúrias chegavam ao céu. A dignidade de seu povo se transformara numa farsa exterior de aparentar que tudo estava bem. A diligência dos sacerdotes pelas minúcias rituais apenas encobriam a ausência de poder.

E Jesus, o poder esperado, transcendia Israel, Roma, a Terra. O Prometido era muito mais que o Prometido. Somente não era o que ele esperava. Não compreendia muito bem. Quando apontava a Jesus o seu povo, o povo dele, apontava seus irmãos, reivindicando uma ação.

Mas Jesus o amava. E ele esquecia do que falava. A vida borbotava do seu coração como uma fonte que encontrava seu leito, seu rumo, seu mar. A chama existia. E era Ele quem a dava. A chama esperada que conduzia o homem para a plenitude de uma vida. A imortalidade.

Seria isso um bem? O cansaço da



eternidade entorpecia-lhe o ânimo. O terror ao Poder o aconselhava a desistir. O terror aconselhava. Mas perto de Jesus o terror desaparecia. De repente, escutava a cadência do vento e dos sons, contemplava a coreografia das aves, a coloração irrepetida do céu.

Sentia-se vivo. Com a terra. Com a criatura. Com o Criador. Maravilhava-se como se já soubesse que se maravilhariam quando soubesse o que sempre soubera.

Era filho de Deus.

Sempre quisera ser imortal. E se perguntara para quê. E da semente despertada viera a resposta. Para viver. Sempre. Pois para isso todos foram criados. Jesus, no grande silêncio da verdade, respondia com o descontinuação da vida sem a opressão da morte.

A vida se expandia sem encontrar as duas pontas. Altura e profundidade. O profundo do fundo sem fundo. A entrega - ou arrebatamento? - era feita sob exame. Que não resistia. Mas nunca até então sentira a atração da vida. E Ele era a Vida. Um júbilo perpassava sua alma. Um júbilo de descoberta. Difícil era a ideia de conviver com Deus presente. Mas era um Deus amigo. E depoder tão irresistível que Ele fazia questão de compartilhar. Sentia-se dono do Universo. Junto com o dono.

Sentia-se num destempo, sem horas, dias, anos. Havia sido enterrado. Mas não saberia dizer se há um dia ou um século. Sentia-se junto ao corpo mas como se vivo estivesse.

Súbito, foi invadido pela vida e entre a carne apodrecida, sentiu seu coração bater e, em seguida, ouviu Jesus chamando-o. Um odor de óleos e perfumes misturava-se a outro de morte. A decomposição se revertia em recomposição. Ele morrera. E fora ressuscitado.

Levantou-se da pedra, desceu por si só e caminhou para fora. A luz do sol incendiou-lhe os olhos. Suas mãos ainda estavam atadas pelas ligaduras rituais. O povo aglomerava-se diante da sepultura. Um alarido abafado se fez ouvir.

Então olhou para os olhos de Jesus. E compreendeu o tácito azul.

Antônio Pimentel é advogado e escritor.

Colaborador do DF-LETRAS, Pimentel nos revela neste conto as credences e as superstições do nosso povo do interior. O conto não perde em atualidade, mesmo com o fenômeno das antenas parabólicas espalhadas sertão a fora ainda existem muitas currutelas onde o romãozinho faz das suas.

Nós não matamos a nossa mãe, quando a pregamos na cruz! - Nós apenas, demos fim do demônio que tava nela.

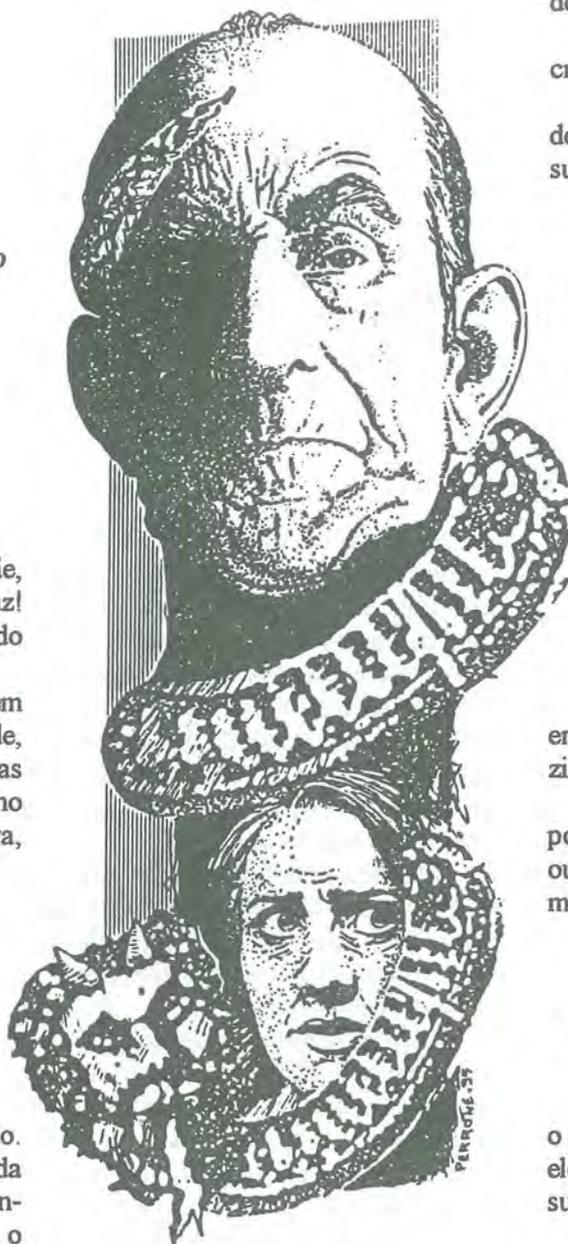
Com este desabafo, e sem perder ao longe o velho cruzeiro, onde, por diversas vezes, servira de lamúrias para as suas crenças sadias, o velho Livino, a contragosto, rememorava, com uma dor no peito e com uma saudade daninha, todos os seus e todas aquelas cenas.

O Velho somente sentia raiva quando alguém mencionava aquelas passagens, ora porque aquilo manchava toda a sua família, empobrecera todos, houve muita prisão, muita judiação. Depois, não existiu pecado em nada daquilo. O preto velho Simão, curandeiro e feiticeiro de fama em todo o sertão da Bahia e de Goiás, não iria mandar fazer alguma coisa que fosse pecado. Ele era muito puro, muito santo, ele falava, todas as noites, com o seu guia.

Dos que participaram dos trabalhos, com a hospedeira do demônio, já existem poucos, uns morreram e outros debandaram para bem longe, numa fuga sem fim.

- São uns covardes. Dizia sempre o seu Livino.

- Num foi pecado não! Foi até bonito. Nós tava todos ao pé do cruzeiro, e ela erguida na cruz com o capeta



O Crime maldito

■ Antônio Pimentel

debatendo para não sair do corpo dela.

- Você sabe, capeta não gosta de cruz!

De muito, vinha aquela velha, mãe de quinze filhos, sentindo fraqueza em sua cabeça. Já não era mais disposta ao trabalho, ao zelo para com os filhos, com o marido. Não mais tinha prazer em prosear com a família, ao pé do frondoso abacateiro. Vivia amuada, ora na cozinha, ora no quarto, sempre resmungando, falando palavras sem sentido, tendo prazer nas malvadezas dos outros. Diziam muitos, que tudo aquilo era produto de resguardo-mau curado. Quenada! A mãe dela teve bem mais filhos e morreu sadia, arrumou até a casa no dia da morte. Aquilo era obra de espírito mau, do romãozinho.

- Remédio de loja nada valeu e nem podia servir. Pois somente reza forte ou despacho é que espanta espírito mau!

Ninguém, em toda a redondeza, tinha na lembrança de como o velho Simão aportou por estas bandas. Se foi fuga ou determinação de seu protetor espiritual. Sabiam, apenas, que as sexta-feiras de cada mês o Velho não trabalhava, eram todos eles dedicados aos seus serviços, às suas orações.

- Vinha gente de muito longe para falar com ele, para receber sua bênção. A minha vontade era ser igual ao Velho! Para poder fazer o bem ao povo.

Divagando um pouco, mas sem se apartar das vistas, o velho cruzeiro, seu Livino gabava de beleza que era o recanto onde morava o velho Simão. Da beleza de seu pomar, de suas laranjeiras, jaboticabeiras de fo-

lhas largas, das mangueiras. Tudo limpinho. Varrido até. Mas hoje desprezado, abandonado. Nem boi brabo gosta daquele lugar.

- O povo não presta não, meu filho!

*“Nóis apenas,
demos fim do
demônio
que tava nela”*



- Por onde andará ele hoje?
O seu Livino só perdia a tranqui-
lidade, nestes momentos, quando sua
única filha grunha lá dentro, batendo
com uma velha mão de pilão em tudo
que estivesse em sua frente e ao seu
redor. Do mesmo modo que a sua
avó. Só que ela nunca teve filhos.
Seria falta de homem? Não! Isto é
arrumação de espírito mau.

- Por onde andará o velho Simão?
Aquela situação de penúria e de
aflição já encomodava, por demais, o
seu Livino. Seus amigos já não mais
vinham com freqüência em sua casa.
Tinham medo que alguma desgraça
pudesse acontecer com eles. A sua



*“Foi só pra tirar o
capeta de você
filha. Num é,
pecado não!”*

vontade maior era de conseguir com-
panheiros para ajudá-lo na pregação
da filha no cruzeiro, pois somente
assim, daria fim no demônio que vol-
tara a atentar a sua casa. Mas ninguém
concordava com este tipo de emprei-
tada. Tinham medo de novas prisões,
novas judiações. Nem pagando, com
dias de serviços, eles topavam em
auxiliá-lo nesta tarefa.

- Há meus quarenta anos! Com esta
idade, eu mesmo fazia o serviço sozi-
nho. Não precisava de covarde ne-
nhum. Eles é porque não sabem o que
é ter o demônio em casa!

- Infeliz, praga do inferno, grunha a
filha do seu Livino, você me deu remé-
dio brabo para eu dormir, para poder
me amarrar e pregar nesta cruz. Eu
não sou sua mãe, seu demônio, seu
escomungado.

Depois de bem pregada, iniciava
seu Livino, a seu modo, o ritual de
forma idêntica a usada em sua mãe
pelo velho Simão. Com a mão de
pilão, já afeita aos estragos da casa,
aplicava porretadas em todas as par-
tes do corpo da filha, de forma violenta,
não dando margem nenhuma a que
o espírito mau pudesse permanecer
em seu lar.

Quando tudo voltara a calma, quan-
do do último suspiro de sua filha ou da
fuga do demônio, seu Livino, com a
alma contrita e com algum sorriso nos
lábios, dizia:

- Foi só pra tirar o capeta de você
filha. Num é pecado não!

■ Antônio Pimentel, escritor

DF-Letras

A Revista

O
Grande
Jornalzinho
virou uma
Revista
pequena,
mas notável.

ALÔ POETAS, CONTISTAS
E BELETRISTAS !!!
VENHAM PARTICIPAR
DE NOSSAS
PÁGINAS !!!



DF-Letras
Suplemento Cultural do Diário da Câmara
Legislativa do Distrito Federal
Redação (061) 348 8959

O bel canto do Carnaval

■ Renato Vivacqua

Renato Vivacqua mora em Brasília e tem se dedicado nos últimos anos à pesquisa da Música Popular Brasileira. Colaborador dos mais assíduos do DF-LETRAS, Vivacqua aproveitou a belíssima apresentação popular da ópera Aída, de Verdi, realizada aqui em Brasília, em agosto passado, para nos mostrar a influência da bel canto na MPB.

Brasília foi presentada no início de agosto com um evento inesquecível: a representação no Estádio Mané Garrincha da Ópera Aída, possibilitando o acesso de entusiástico público. É uma forma de arte a qual os brasileiros não são muito afeitos por dois motivos principais: o cultural (pouco interesse das autoridades em popularizá-la) e a economia (são espetáculos caros, requerendo grandes montagens).

As operetas tiveram melhor sorte, divulgadas que foram pelo cinema. O curioso é que mesmo sem a proximidade com o grande público, as óperas fascinaram os compositores da MPB, principalmente os carnavalescos, que não se vexavam, na maioria das vezes

em surrupiar-lhes trechos. A citada Aída teve sua Marcha Triunfal trombeteada nos salões momescos. Fiz uma pequena pesquisa para mostrar mais essa faceta criativa dos artífices de nosso cancioneiro. "O Guarani", de Carlos Gomes, por razões ufanísticas foi das mais badaladas. Em 1937, Príncipe Pretinho compôs "Ceci e Peri".

*Ceci beijou Peri
Peri também beijou Ceci
Ao som da sinfonia matutina
Que deu margem ao Guarani
Daí Ceci, nunca mais deixou Peri (bis)*

*Peri olhou Ceci
Ceci olhou Peri
E o sabiá gorgoeou
No dia em que Ceci beijou
Um bem-te-vi também cantou.*

Peterpã foi também explícito quanto ao modelo inspirador:

*Eu fiz esta canção
Mas pra que eu vou mentir
Não tive inspiração
E roubei "O Guarani".
Roubei, roubei
E se vai haver encrenca*



Isso agora é que eu não sei.

Em 1949 os índios eram, como mostra Antônio Almeida e Alberto Ribeiro, muito menos deslumbrados com os cara-pálidas:

*Lá na minha tribo
É bem melhor do que aqui
Vivo cantando "O Guarani"
Tra lá, lá, lá, lá
Pra viver assim de tanga
Eu vivo lá.*

O verde - amarelismo faz milagre. Apesar de ter sido composta na Itália, nossa ópera maior teve seu nascimento transferido para o solo pátrio por João Correa, Walter Campos e Julio Zanorano:

*Madrugada chegou, ô, ô
Trouxe a melodia
Vamos cantar "O Guarani".
Ao romper do dia
Sob o céu de anil
Nasceu o Guarani do meu Brasil
Lá, lá, lá, lararará.*

Vale a pena transcrever um sambanredo que ficou inédito, pela chancela que traz de Silas de Oliveira. "Ceci e Peri", do grande compositor com João Fabrício:

Procuramos homenagear
A José de Alencar
Recordamos seu passado de escritor
De lindas obras foi autor
Exaltamos "O Guarani"
Que inspirado pelo amor de Peri
Pela fidalga Ceci
Lá, lá, lá, rá, rá, rá (solfejo do Guarani)
E assim Carlos Gomes
Bravo maestro
Musicou "O Guarani"
Homenageando o derrotado Peri
Tendo lutado com a onça enfurecida
Ofertou seu amor, em risco a própria vida
Amor que nasceu sem vaidade
Que seria levado pela tempestade.

"Madame Butterfly" de Puccini foi o maior fracasso quando lançado em 1904, mas depois deslanchou e se tornou uma das óperas mais populares. A história da infeliz gueixa que se apaixona pelo oficial americano, é desprezada pela família preconceituosa, abandonada pelo amado, acabando por suicidar-se, emociona. Carlos Morais, Luiz de Carvalho e José Utrine aproveitam o tema meio na base do humor negro: Coitada da Madame Butterfly Ficou com menino Esperando pelo pai Amor no Japão Não é como aqui Quando há decepção Tem que fazer o haraquiri.

Como o carnaval não tem compromisso com nada, Ricardo Galeno e Jair



Amorim partem para o non-sense em "Madame Butterfly":

*Eu quero encontrar
A tal Madame Butterfly
Ela é filha de um samurai
E me chama de papai
Em Paquetá não está
Na Lapa fiquei na mão
Lá em Caxias
Me desculpe eu não vou não
Já fui a Tôquio e Pequim
Shangai é longe que dói
Só falta procurar em Niterói.*

"A Traviata" de Verdi foi pinçada por Carlos Morais. Eis a Dama das Camé-

lias se esvaindo tísica no carnaval de 1965:

*A Traviata, a Traviata
Tão passional, não teve paz
Amor demais
Morreu no carnaval.
Foi a Dama das Camélias
Lida e relida
Em outra versão
Em outra versão
Mas Violeta ou Margarida
Ela foi uma mulher de coração.*

Carlos Morais que está em todas lançou em 1966 a "Marcha da Tosca", aquela que esfaqueia o Chefe de Polícia e depois se suicida:

*Eu fui ao Municipal
Ver a Tosca em vespéral
No final do segundo ato
Houve um assassinato (Ai!)
Depois de tanta confusão
Puseram o tenor no paredão
lá, lá, lá, rá, rá.*

O larará era sempre a apropriação de um trechinho. Uma versão cômica do "Rigoletto" foi feita com muita criatividade por Klécio Caldas e Brazinha no mesmo ano:

*Oh Rigoletto! Oh Rigoletto!
O Duque bagunçou o seu coreto
O Rigoletto arranjava
Brotinhos para o Duque namorar
O Duque cheio de truque
Dizia que era pra casar
A filha do Rigoletto
Na conversa acreditou
Blá, blá, blá
O Rigoletto bobeou.*

Lamartine Babo em 1934 misturou o "Vesti la giuba" com personagens da "Commedia dell'arte", que Leoncavallo, garanto, assinaria sem relutar.



Ridi Palhaço (gargalhadas)
Eu sou o teu pierrô
Colombina, colombina.
Reparte esse amor
Metade pra mim
Metade pra teu arlequim.

Muitos consideram "O Barbeiro de Sevilha" a obra-prima da ópera bufa, apesar de ter sido elaborada em apenas quinze dias e Rossini ter sido compelido a fazê-la na marra. O trecho que os autores carnavalescos gostam de pedir emprestado é o "Largo ao Factotum", do primeiro ato, o tal do "figaro". "O Barbeiro que se vire" é uma paródia de Carlos Morais e Mário Miranda:

Ai, o barbeiro que se vire
Vai ter que mudar de profissão
Só tem barbudo e cabeludo
Barbeador a prestação.

Fígaro cá, fígaro lá
Cadeira vazia
Freguês? Já não há.
Lá, lá, lá, lá, lá
Esta situação
É a falência do salão.

O protesto é contra a geração de hirsutos, que como desculpa de filosofarem so-



bre a paz e o amor corriam às léguas do chuveiro e do barbeiro. De novo o talentoso Klécio Caldas com seu parceiro predileto, Armando Cavalcanti, em "Fígaro cá, fígaro lá":

Ai, ai, que dor no fígado.
Trá, lá, lá, lá, trá, lá, lá, lá.
Não bebo nada, nada, nada
O ano inteiro
Mas nos três dias bebo todo o meu dinheiro.

Não quero saber se faz bem
Não quero saber se faz mal
Sem chope não sinto alegria
Fígado cá, fígado lá
Traga-me um chope de qualità.

"A Turandot" de Nelson Trigueiro e Altamiro Cruz surge nos festejos de 73 cantando um trocadilho infame:

Tu não tens coração
nunca soubeste amar
A vida vai continuando
E eu sempre "te aturando".

Ary Barroso, baseando-se na romanza do segundo ato do "Elixir do Amor" de Donizetti, compôs em 1936 "Una Furtiva Lágrima", grande sucesso na voz de Francisco

Alves:
Una furtiva lágrima
*Rolou dos olhos da mo-
 rena*
Que mais amei
Eu também na hora da
partida
Chorar, chorei.

*Se não fosse o meu com-
 panheiro*
O meu violão seresteiro
Eu juro que não saberia
Suportar a solidão

Em que vivo noite e dia.

O mesmo Ary com o pequeno mural operístico "Vão pro Scala de Milão", retorna ao tema:

Eu moro numa rua lá de Cascadura
Meu Deus do céu que rua barulhenta
Ninguém mais atura, que escarcéu
O moço do quarenta está aprendendo canto
Por isso que faz força e esganiça tanto
Lá, lá, lá, lá, lá (área do Toreador)
Que moço impertinente, não tem dó da gente.

Vão pro Scala de Milão
Não faça assim comigo não
Eu não posso mais.

Também minha vizinha que é da cantoria
Que coisa horrível, não pára um minutinho
Estuda noite e dia
Parece incrível
*Enquanto o tal vizinho o gorgomilo enros-
 ca*
O moço do 40 vai matando a Tosca.

Que moço impertinente...

Se o pobre do Rossini
Então ressuscitasse e escutasse
Aquela cavaquina que anda o mundo inteiro
Do seu Barbeiro
Cantado pelo moço lá de Cascadura
Voltava mais depressa para a sepultura
Fígaro cá fígado lá...
Que moço impertinente...
Espero que nenhum vizinho impertinente
após ler este artigo se anime a esgoelar
algum trecho de ópera no apartamento ao
lado do seu.

■ Renato Vivacqua, escritor



Uma verdadeira poética do mito

L
A
N
Ç
A
M
E
N
T
O
S

Falecido em 1987, Eudoro de Souza, pensador luso-brasileiro, nos deixa o legado de seu pensamento nessas duas obras que a Editora UnB lança em 2ª edição: **Mitologia I - Mistério e Surgimento do Mundo** e **Mitologia II - História e Mito**. Esta última é uma complementação da primeira.

Se para alguns, Eudoro realiza com a sua obra uma verdadeira poética do mito, para outros esta consubstancia-se numa espécie de teologia pagã. Para ele, no entanto, é "pura e simplesmente mitologia".



Influenciado que foi por Heidegger, Shelling e Fernando Pessoa, a dimensão mítica da obra de Eudoro despertará certamente um interesse especial entre os

jovens.

Eudoro de Souza nasceu em 1911, em Lisboa. Possuidor de grande conhecimento em história antiga, filologia clássica, filosofia, mitologia e arqueologia, funda em 1965 o CEC (Centro de Estudos Clássicos), que setornou um fórum destinado à pesquisa e ao debate de especialistas sobre a cultura grega na Universidade de Brasília. Pedidos à Editora UnB, SCS Quadra 02, Bloco C, nº 78, 2º andar, Edifício OK, CEP 70.300-500, Brasília-DF.

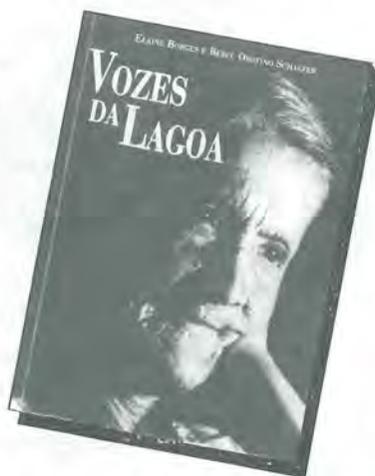


A Editora Urbana Edições nos envia duas publicações. A primeira é o número 19, da *Revista Urbana-poema fanzine*, que está comemorando em 1995, 10 anos de publicação. A revista reúne poemas de poetas e poetisas cariocas, com as mais variadas tendências e posturas no amplo panorama do Poema Brasileiro. A segunda, trata-se do livro de poesias eróticas da poetisa Lúcia Nobre. *Instigante, o livro Floresta dos Leões*, poemas e textos, nos leva a viagens eróticas, sem contudo cair no vulgar. Excitante!



O livro **Vozes da Lagoa**, de Elaine Borges e Bebel Orofino Schaefer, é um apanhado precioso sobre a cultura oral da Ilha de Santa Catarina, no Estado de Santa Catarina. Nele, homens e mulheres contam histórias de sua infância e juventude na Lagoa da Conceição, cinquenta, sessenta anos atrás.

Situada no centro da Ilha de Santa Catarina, a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa, foi fundada em 1750. A Ilha foi colonizada por açorianos trazidos pela Coroa Portuguesa para barrar o avanço espanhol no sul do Brasil. Os açorianos são, hoje, poucos, em comparação aos muitos outros novos moradores.



Por terem ficado praticamente isolados, até meados da década de 70, sua cultura se conservou praticamente em condições tradicionais.

Quantos lados têm a palavra? Um, dois, dez, cem, mil, quantos?

No infinito das letras, escondido atrás de cada palavra, descobrimos os sentimentos e as emoções de um jovem escritor. César Lustosa nos chega direto do paraíso, do Paraíso do Tocantins.

Temos aqui um jovem poeta, de apenas 25 anos, que no afã de abrir o seu baú de vivências, tenta, e felizmente consegue, mostrar através das palavras sentidas uma linguagem atual e sem regionalismos pré-fabricados, um dia-a-dia de quem conhece os sentimentos.

Artur Rodrigues,
escritor

HUMBERTO MAURO

“Cinema é cachoeira!”

■ Ronaldo Cagiano

Ronaldo Cagiano é mineiro de Cataguazes. Além de ser colaborador do DF-Letras, ele tem publicações em jornais do País e do Exterior. Mora em Brasília há 14 anos, é advogado e trabalha na Caixa Econômica Federal. Cagiano é um dos grandes abnegados da cultura do Distrito Federal, onde tem uma participação marcante na produção literária.



Humberto Mauro, entre atrizes, em 1940, durante as filmagens de *Bandeirantes*

Neste ano, quando se comemora em todo o mundo, o centenário do cinema, que teve nos irmãos Lumière o descobrimento da sétima arte, cabe abrir um espaço para se lembrar do seu pioneiro em nosso País, Humberto Mauro.

Mineiro de Cataguazes, com raízes na pequena Volta Grande, Humberto Mauro foi um antecipador, pois driblando as limitações técnicas e as dificuldades financeiras do início do século, firmou as bases para a elaboração da arte cinematográfica no Brasil, época marcada pelo arrojo, pelo romantismo e por um cunho eminentemente vanguardista, numa trajetória que o particularizou como um dos maiores nesse campo.

Foi em 1895, em Paris, no Boulevard de Capucines que se realizou a primeira projeção cinemato-

gráfica, vindo chegar a novidade por aqui no ano seguinte, quando na tradicional Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, realizou-se, ainda que precariamente, a primeira sessão de cinema.

Com Humberto Mauro, deu-se o pontapé definitivo para o que viria a se constituir o cinema nacional, iniciando-se o “Ciclo de Cataguazes”. Em 1925, com parco capital e instalações modestas, improvisando com uma “Pathè Baby” de 9,5mm, num estúdio de fundo de quintal, HM conseguiu produzir inúmeras películas, legando à história do cinema nacional o que há de mais genuíno e autêntico na arte de dirigir: *Ganga Bruta*, *Sangue Mineiro*, *Brasa Dormida*, *Thesouro Perdido*, além inúmeros curtas e documentários. Aliás, foi Mauro quem revelou a primeira atriz do cinema brasileiro, Eva Nill - pseudônimo

da grega Eva Comello -, filha de um famoso fotógrafo local, que radicou-se em Cataguazes e ali morreu em completo ostracismo, sem holofotes, longe da mídia.

“Cinema é cachoeira!”, dizia Humberto Mauro. E nesse sentido laboraram inúmeros críticos, entre eles Alex Vianny e Paulo Emílio Salles Gomes (autor de “Humberto Mauro, Cataguazes, Cinearte”), obra que faz um formidável rastreamento da cultura e da produção cinematográfica nacional).

Do cinema primitivo aos nossos dias, a filmografia nacional vem experimentando grande evolução, ainda que submetida aos influxos, aos desfechos e às dificuldades da burocracia oficial, oscilando entre momentos de intensa produção e períodos de escassos recursos materiais e estéticos, o que tem feito com que a arte em tela resista aos tropeços que lhe impõem as contingências políticas e econômicas, para se projetar como obra maior, apesar da massificação televisiva, das benesses do vídeo, da comodidade das emisoras a cabo e por assinatura.

O que falta em nosso cinema são instrumentos que garantam a produção, direção, distribuição e comercialização e, conseqüentemente, a solvabilidade do empreendimento. Não se pode contentar com sua alienação aos ditames oficiais ou aos pseudo-incentivos de leis oportunistas, mas buscar a sua eman-



Típicos personagens de época

“Humberto Mauro firmou as bases para a elaboração da arte cinematográfica no Brasil”

ciação como indústria de produção cultural e de lazer, capaz de viabilizar projetos de produção e direção.

Não se pode perder de vista um cinema que já deu provas de maturidade, talento e competitividade. Desde Humberto Mauro, Adhemar Gonzaga e Mário Peixoto, passando pelo cinema novo de Glauber Rocha e Nelson Pereira dos Santos, até Vladimir Carvalho, Silvio Tendler, Rui Guerra, Walter Lima Jr., Tuzuka Yamazaki, David Neves, Arnaldo Jabor, Joaquim Pedro de Andrade

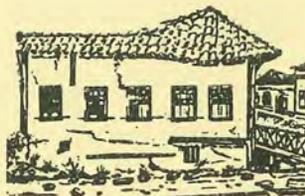
& muitos outros, desembocando nas mais recentes produções (Lamarca, Carlota Joaquina, Sábado, A Festa etc), o cinema brasileiro mostra-se capaz de enfrentar todos os desafios e como a Phoenix generosa, renascer das próprias cinzas.

Portanto, o centenário do cinema brasileiro remete-nos ao altruísmo de Humberto Mauro, como fonte motivadora da arte em nossos dias, de sorte a inspirar sua retomada triunfal, para que se possa resgatá-lo, preservá-lo e reinseri-lo no mercado mundial.

■ Ronaldo Cagiano, escritor



*Minha pequenina poesia...
Pobre, se arrastando no esforço de
alguém que pela vida
vai empurrando,
vai rolando um tronco pesado
de madeira encharcado,
sem valor e sem destino*



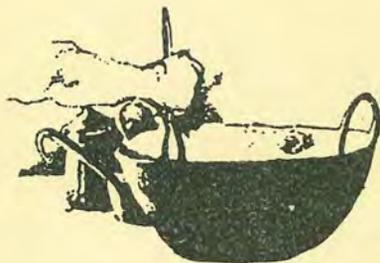
*Você passava, eu sorria
escondida na janela,
cortinas me disfarçando.
Num tempo era menina.
Num instante virei mulher.
Queria ver sem ser vista.
Ser vista fingindo não ver.*

*Fugi tanto que o encontrei
no relance de um olhar.
Pelos caminhos andamos
no tempo de senear*

*Mãos pequenas e curtas de mulher
que nunca encontrou nada na vida.
Caminheira de uma longa estrada
Sempre a caminhar.
Sozinha a procurar.
o ângulo prometido,
a pedra rejeitada.*

Doces de Cora

*Minhas mãos doces...
Jamais ociosas.
Fecundas. Imensas e ocupadas.
Mãos laboriosas.
Abertas sempre para dar,
ajudar, unir e abençoar.*



*Na esquina do tempo morto,
a sombra dos velhos seresteiros.
A flauta. O violão. O bandolim.
Alertas as vigilantes
barroando portas e janelas
serradas.
Cantava de amor a mocidade*

*Indiferente
tomaste teu caminho
por estrada diferente.
Longo tempo o esperei
na encruzilhada
depois... depois...
carreguei sozinha
a pedra do meu destino.*

*Hoje, no tarde da vida,
apenas,
uma suave e perdida lembrança*



Pablo Neruda

*Perdoa-me poeta.
Tão tarde o conheci!
Tantos cantores pelo mundo...
Para minha ignorância
eras mais um dentre eles.*

*Foi assim que não pedi a Deus
poupar-te a vida
e ficares para sempre
semente viva, incorruptível,
de beleza excelsa e universal.*

*Ninguém me disse antes.
Ninguém me disse nada.
Ninguém me fez a doação fraterna
de um livro teu.*

*Perdida no meu sertão goiano,
Só o teu nome, Pablo,
Só o teu apelido crespo, Neruda,
Chegaram a mim...
E eu a pensar que foste apenas
um grande poeta entre outros grandes...*

Cora Coralina